

# **Gêneros Digitais & Metodologias de Ensino na Educação Básica**

**Eliane Pereira dos Santos  
Maria Francisca da Silva  
Paula Maria A de O Molinari  
Organizadoras**



**EDUFMA**

**GÊNEROS DIGITAIS**  
**&**  
**Metodologias de Ensino na**  
**Educação Básica**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor  
Vice-Reitor

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho  
Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos



**EDUFMA**

EDITORA DA UFMA

Diretor  
Conselho Editorial

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira  
Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso  
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni  
Prof. Dr. André da Silva Freires  
Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Diana Rocha da Silva  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Gisélia Brito dos Santos  
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa  
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva  
Prof. Dr. Carlos Delano Rodrigues  
Prof. Dr. Felipe Barbosa Ribeiro  
Prof. Dr. João Batista Garcia  
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas  
Bibliotecária Dra. Suênia Oliveira Mendes  
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

**Eliane Pereira dos Santos  
Maria Francisca da Silva  
Paula Maria A de O Molinari  
Organizadoras**

**GÊNEROS DIGITAIS  
&  
Metodologias de Ensino na  
Educação Básica**

São Luís



**EDUFMA**

**2023**

**Projeto Gráfico, Diagramação e Capa:** Pamela Cristiana de Almeida  
Bibi Produções  
Paula Maria A de O Molinari

**Revisão:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eliane Pereira dos Santos  
Prof. Dr. Fabrício Tavares de Moraes  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Katia Cilene Ferreira França  
Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Claudia Letícia Gonsalves Moraes  
Prof. Dr. Rayron Lennon Costa Sousa  
Prof<sup>ª</sup>. Me. Francisca Marciely Alves Dantas  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Amanda Gomes Pereira  
Bibliotecária Natacha Oliveira Pinto  
Prof. Dr. Emanuel Barbosa de Sousa  
Profa. Me. Lilia Brito da Silva  
Prof Me. Dui Barroso Lima Farias  
Prof<sup>ª</sup>. Esp. Pamela Cristiana de Almeida

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

G326

Gêneros digitais e Metodologias de Ensino na Educação Básica / Eliane Pereira dos Santos, Maria Francisca da Silva, Paula Maria A. de O. Molinari (organizadoras). - São Luís: EDUFMA, 2023.

295p.:il.

Vários autores

ISBN 9 7 8 - 6 5 - 5 3 6 3 - 2 8 5 - 1

1. Gêneros digitais. 2. Metodologias de Ensino. 3. Educação básica. 4. Escrita. I. Santos, Eliane Pereira dos. II. Silva, Maria Francisca da. III. Molinari, Paula Maria A. de O. IV. Título.

CDU: 81'1:37.026

---

Bibliotecária: Natacha Oliveira Pinto CRB13/MA-8048

### **Criado no Brasil [2023]**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

### **EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil  
Telefone: (98) 3272-8157 www.edufma.ufma.br | edufma.sce@ufma.br

# Prefácio

O livro Gêneros Digitais & Metodologias de Ensino na Educação Básica chega em momento oportuno tendo em vista as demandas que a Base Nacional Curricular Comum - BNCC provocou em educadores no que diz respeito às habilidades relacionadas às práticas de leitura e escrita de gêneros da esfera digital. De fato, trabalhar com gêneros digitais impõe aos educadores posturas e metodologias diferentes daquelas ligadas ao impresso e às quais a grande maioria dos profissionais não está acostumada. Para dar conta dessas novas demandas, é fundamental o apoio em bases teóricas as quais serviram de apoio para os pilares da BNCC.

O livro assume um pressuposto bastante relevante quando se pensa ensino-aprendizagem da linguagem: não se trata de algo que pode ser reduzido a um conteúdo a ser ensinado. É fundamental - e para isso faz todo o sentido o apoio na teoria dialógica da linguagem - considerar o acontecimento social sem o qual um texto não faz sentido algum. Na verdade, não se ensina linguagem a ninguém: o que se pode fazer de mais proveitoso é oferecer apoio e orientação para que as pessoas possam aprender do seu jeito, no seu ritmo e em acordo com suas necessidades.

Dentre várias, uma das escolhas felizes de temática no livro foi a questão da violência verbal, hoje presente nos espaços digitais, tendo em vista as consequências sociopsicológicas graves que os discursos de ódio produzem. Abordar este tema é uma forma de engajar a universidade na busca por soluções para problemas que são provocados pelo uso da linguagem, mas que,

curiosamente, necessitam da mesma linguagem para sua resolução ou atenuação.

Seguindo linha aplicada semelhante, o leitor também desfruta no livro de orientações e estratégias sobre como lidar e se defender da desinformação e das fake news no universo digital. Mais uma vez, a obra deixa claro como linguagem é uma questão vital e quão importante é a escola ajudar as pessoas a conviverem com base em princípios éticos. Formar leitores críticos não serve apenas para deleite e fruição de textos, mas pode ser essencial para se agir e viver no mundo social.

Os demais capítulos do livro abordam os gêneros muito relevantes para as nossas vidas como blog, notícia online e memes, sempre com a preocupação de oferecer aos professores ferramentas e metodologias para o trabalho com a leitura e escrita em sala de aula. As bases teóricas fundadas no dialogismo, nas teorias de gêneros textuais/discursivos e na linguística textual contribuem significativamente para que as propostas apresentadas no livro se mostrem bastante conectadas à realidade social e às necessidades comunicativas e interativas das pessoas.

Também há capítulos do livro que enveredam por questões mais da ordem gramatical, porém o fazem buscando manter uma articulação de aspectos linguísticos a aspectos do gênero e do discurso. Essa opção é muito importante pelo fato de os gêneros serem mesmo instrumentos que conectam texto e contexto e para se perceber que é essencial observar como os aspectos linguísticos funcionam efetivamente em textos autênticos. O leitor pode observar isso em detalhes no capítulo Análise linguística de anúncios publicitários: uma abordagem da gramática contextualizada.

Um mérito importante desta obra é possibilitar que graduandos jovens de uma universidade nova localizada numa pequena cidade de interior se tornem autores. Autores que se apropriam das teorias que conheceram através de suas engajadas professoras e que podem agora assinar um texto e assumir um lugar de fala relevante. Isso é auspicioso e serve como indício de que mudanças de paradigmas e de práticas andam acontecendo em muitos lugares deste imenso Brasil, e de que professoras andam experimentando uma relação diferente com seus alunos - muito mais centrada numa relação de parceria, de co-autoria, de corresponsabilidade. Isso também nos diz da importância de políticas públicas de descentralização do ensino superior e de criação de oportunidades para jovens em pequenas cidades espalhadas por todo o Brasil - isso foi feito, como bem sabemos, através da criação de novos campi e universidades nas primeiras décadas deste século.

Mas o mérito deste livro não teria sido alcançado se não houvesse à frente do projeto duas educadoras-linguistas - Eliane Pereira dos Santos e Maria Francisca da Silva - atuantes e comprometidas com uma educação crítica e engajadora. Duas educadoras que olham para as teorias como luzes que podem iluminar as jornadas dos seus alunos em sua vida profissional futura.

Francisco Alves Filho

# Apresentação

O ensino de Língua Portuguesa no Brasil tem sido alvo de intensos debates, principalmente a partir da década de 90 com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs que deram destaque aos gêneros discursivos como centro norteador das aulas de língua materna. Seguimos um longo percurso até a atualização da BNCC (2018). Durante esse percurso, entre erros e acertos, o ensino de práticas de leitura e de escrita tem se fortalecido numa abordagem enunciativo-discursiva, visando à formação de leitores e escritores competentes no que diz respeito ao uso dos diferentes gêneros discursivos. É nesse contexto, que o Curso Interdisciplinar de Linguagens e Códigos-Língua Portuguesa, Campus São Bernardo, pensa a disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa. A ementa da disciplina sinaliza para uma integração dos conhecimentos advindos da formação interdisciplinar que congrega os componentes curriculares da área de linguagens - línguas estrangeiras com Inglês e Espanhol, e de artes visuais, para fomentar ações didáticas que potencializem o ensino de Língua Portuguesa. Partimos do pressuposto da língua como ato interacional, múltiplo e heterogêneo, que dialoga com a perspectiva interdisciplinar proposta pelo Curso de Linguagens LP. Portanto, os textos presentes neste e-book resultam de pesquisas e de trabalhos apresentados no II Evento de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, um espaço de socialização das pesquisas realizadas pelos graduandos. Os artigos tratam de questões de texto, discurso e gêneros enquanto objetos de ensino na escola da Educação Básica. As pesquisas promovem uma

discussão entre a teoria de gêneros e análise do discurso numa perspectiva dialógica, trazendo para o cenário de discussões o diálogo com autores que discutem multiletramentos, letramento, digital, multissemiose, dentre outras questões de linguagem, relacionando esses conceitos ao ensino do texto, do gênero e do discurso.

Ensinar os gêneros discursivos, considerando-os como históricos e culturais, é ensinar para a vida, é humanizar a partir da reflexão que se faz do uso linguagem enquanto ação, interação que permite resolver problemas, viver em sociedade, compreender-se como sujeito responsivo. No momento em que se desenvolve habilidades de leitura e de escrita voltadas para a criticidade, para a ética, estamos efetivamente contribuindo para uma formação voltada para a cidadania, para o realce do protagonismo do aluno que foi ensinado a conhecer o funcionamento social de diferentes gêneros, reconhecendo estratégias de argumentação e manipulação presentes nos textos e nos discursos. Os textos que compõem o e-book tratam do ensino de leitura e produção textual sobre: *meme*, *blog*, comentário *online*, notícia *online*, *fake news*, artigo de opinião, reportagem, debate, anúncios publicitários, tirinhas, fábulas.

As pesquisas estão ancoradas teoricamente na concepção de gêneros discursivos de Bakhtin, que argumenta a favor de que os gêneros são “relativamente estáveis”, portanto, sensíveis às mudanças sociais. Na teoria dialógica os gêneros são vistos como entidades históricas e culturais, devendo ser o fio condutor dos estudos da linguagem.

Os textos analisados nos artigos apontam para uma sintonia entre o que se ensina na escola e o que se vive na vida cotidiana enquanto práticas de linguagem. Os gêneros digitais - foco das pesquisas aqui apresentadas -

fazem parte da realidade de uso da língua na nossa contemporaneidade marcada pelo advento das novas tecnologias, por mudanças nas formas de informação, comunicação e interação. Pensamos, que os cursos de formação de professores - as licenciaturas - precisam abrir espaços para uma aprendizagem que integre pesquisa e ensino de modo a contribuir com a formação de um professor pesquisador capaz de adequar sua prática docente às novas exigências decorrentes das transformações sociais. É com foco nesse olhar de pesquisador que o Curso Interdisciplinar de Linguagens e Códigos contribui com a formação docente de futuros professores de Língua Portuguesa na Educação Básica, capazes de voltar o ensino para metodologias que levem o aluno a refletir sobre os usos da língua a partir dos diferentes gêneros discursivos presentes nas práticas de linguagem da contemporaneidade digital.

Eliane Pereira dos Santos

Maria Francisca da Silva

Prefácio .....	6
Apresentação.....	9
FAKE NEWS: como ensinar a desconfiar das informações .....	14
ARTIGO DE OPINIÃO: argumentação e relações dialógicas no ensino de leitura e de escrita .....	42
ANÁLISE LINGUÍSTICA DE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS: uma abordagem da gramática contextualizada.....	65
VIOLÊNCIA VERBAL EM COMENTÁRIOS ONLINE: uma reflexão crítica e ética na leitura e produção textual .....	90
BLOG COMO ESPAÇO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA ..	111
A SEQUÊNCIA DIDÁTICA UTILIZADA COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA O GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA ONLINE .....	131
O GÊNERO MEME COMO OBJETO DE ENSINO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	151
LEITURA DE NOTÍCIAS ONLINE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: desvendando sentidos e ideologias no ensino médio.....	172
ENSINANDO GRAMÁTICA COM TEXTOS: o texto como pretexto ou ensino de gramática	

contextualizada?.....	195
A CONTRIBUIÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO GÊNERO DEBATE.....	215
GRAMÁTICA CONTEXTUALIZADA: o uso de recursos linguísticos na construção do texto .....	234
SEQUÊNCIA DIDÁTICA: o poder persuasivo do texto publicitário .....	252
BIOGRAFIA DOS AUTORES.....	272

# FAKE NEWS: como ensinar a desconfiar das informações

Hefraim Silva Costa (UFMA)

Eliane Pereira dos Santos (UFMA)

**C**onsideramos de grande relevância a discussão sobre o ensino de fake news para ampliação e fortalecimento de metodologias que tenham como objeto de ensino a leitura crítica na escola. Geralmente, as fake news no formato de notícias são constituídas por diferentes semioses, contemplando imagens, materialidade verbal, vídeos, dentre outras possibilidades semióticas. Assim, discutiremos também questões relativas a multiletramentos necessários para leitura de textos digitais.

É preciso que os alunos, desde as séries iniciais, sejam levados a refletirem criticamente sobre os textos que circulam no espaço jornalístico e nas redes sociais, percebendo, dentre outros aspectos, que os textos jornalísticos não são isentos de ideologias, e ainda que nem sempre aquilo que é noticiado como sendo o relato de um acontecimento verídico, se constitui como tal. Argumentamos a favor de que a escola seja lugar privilegiado para desenvolver habilidades leitoras por meio de estratégias que agucem o senso crítico do aluno, possibilitando estratégias de checagem daquilo que leem.

Se o aluno entender que nem tudo que está dito no espaço jornalístico e nas redes sociais é verídico, ele

passará a desconfiar e checar informações que apresentem pistas que diferenciem uma informação verídica de uma fake news, evitando desse modo, a propagação de informações falsas. Muitas vezes a leitura superficial faz o leitor não apenas ser enganado, mas contribuir para enganar outras pessoas, uma vez que passa a compartilhar esse material acreditando ser real. Delmazo; Valente (2018) alerta para o fato de que embora as notícias fabricadas não sejam um fenômeno novo, na contemporaneidade atingiram um novo patamar de disseminação proporcionado pelas redes sociais.

A BNCC (2018), ao discutir a importância do ensino de textos pertencentes ao campo midiático jornalístico, ressalta várias habilidades a serem desenvolvidas para formação de um leitor crítico, capaz de reconhecer pontos de vista, argumentar, conhecer o funcionamento social dos gêneros, e não apenas sua estrutura composicional. O uso dos gêneros digitais proporcionou muitas mudanças no funcionamento dos textos que circulam no espaço jornalístico. É imprescindível um ensino que seja sensível a essas mudanças, que busque a compreensão e ensino do gênero em seu uso real.

## Gêneros jornalísticos: novas formas de interação e comunicação

Com o avanço das novas tecnologias, muitas mudanças ocorreram no espaço jornalístico, dentre essas mudanças podemos dizer que o leitor tornou-se mais participativo, com maior poder de interação. A maioria dos espaços jornalísticos oferecem espaço para postagem de

comentários, proporcionando o diálogo entre os leitores e apreciação sobre a notícia lida. Na contemporaneidade, o leitor tornou-se também um colaborador na produção de informação online, por meio do envio de vídeos e imagens, por exemplo. Essa dinamização na produção e circulação de textos no espaço digital é um dos fatores que contribuem para a divulgação de informações falsas.

Conforme Coimbra (2012), a notícia é concebida como um dos principais gêneros jornalísticos, tendo como propósito comunicativo informar sobre acontecimentos no mundo, relatar fatos, em busca de informar algo novo, que seja de interesse da maioria. Ainda segundo o mesmo autor, a escolha da notícia publicada é norteadada por três critérios 1) Novidade: algo inédito, atual, ou até mesmo versões atualizadas de fatos que já aconteceram; 2) Tragicidade: algo com aspecto trágico sendo relevante para ser publicado; 3) Proximidade: fatos que sejam próximos do público leitor. Esses três pontos são de grande importância na seleção de um assunto para ser noticiado.

Tendo uma estrutura relativamente estável, a notícia precisa ser escrita com o menor indício de subjetividade possível, mas como defendem Bakhtin/Volochinov (2010) é impossível discursos desprovidos de ideologia, mesmo na esfera jornalística. O jornalista, o jornal, a escolha do assunto, as escolhas linguístico-estilísticas, as relações dialógicas entre os diferentes discursos, tudo expressa posicionamento ideológico. Segundo Coimbra (2012, p.118): “O suporte julga (ideologicamente falando) se determinado evento é ou não de interesse para divulgação”.

Diante disso, compreendemos que a ideologia perpassa a notícia já na escolha do que é relevante,

mostrando que é impossível separar ideologia de todo o processo de produção e de divulgação. A notícia não pode ser vista como algo distante de quem a publicou, pois, a forma com que foi escrita diz muito sobre o meio jornalístico, sobre o jornal ao qual o autor está vinculado. Paralelamente à circulação das notícias, temos textos que veiculam informações falsas.

As fake news nem sempre apresentam-se em formas de notícias, podem ser anúncios, receitas, gráficos, etc. Podem ter funções sociais muito diferentes, dentre elas divertir, enganar, parodiar, difamar a imagem de alguém. Para analisar a fake news se deve levar em conta o veículo que publicou; como publicou; que recursos usaram, pois, esses pontos são pistas que revelam a ideologia presente nesses textos e a intencionalidade de quem publicou.

Assim como notícias confiáveis, as notícias falsas, geralmente, são transmitidas como verdades bem construídas e estruturadas justamente para persuadir o leitor a acreditar no que está sendo passado, evidenciando o grande poder de persuasão presente na mídia, de propagar inverdades, incutindo-as na mente das pessoas como se fossem verídicas. Esses textos geralmente possuem a intenção de prejudicar a imagem de certas pessoas, ou mesmo de enganar os leitores sobre algum acontecimento.

Sousa e Alves Filho (2013), ao tratarem de notícias e notícias satíricas, esclarecem que a definição dos sentidos está não apenas naquele que escreve, mas também na recepção, ou seja, no modo como o leitor receberá esse texto, relacionando-o ou não com uma dada realidade. Sousa e Alves Filho afirmam que (2013, p. 230): “a construção de sentido para uma notícia depende da

interação perceptiva, cognoscitiva e até afetiva que os sujeitos com ela estabelecem”.

Assim, mesmo sendo escrita para enganar, essa ação para ser efetivada depende daquele que lê. Portanto, para diferenciar informação verdadeira de falsa, é preciso de criticidade, pois como diz Coimbra (2012, p. 119): “Ensinar a ler notícias é ensinar a desconfiar, isto é, a ser crítico, perspicaz, perceber as entrelinhas”. Quando se trata de informações rápidas, para que não seja levado por comentários precoces de informações erradas, em um mundo de fake’s, devemos buscar os fatos. No jornalismo online são divulgadas informações falsas no formato de notícias.

## Fake News: novas formas de letramento

Rojo (2013) alerta para a necessidade de metodologias de ensino que contemplem atividades para o desenvolvimento de novas formas de letramento convergentes com as mudanças provocadas pelas novas tecnologias nas práticas sociais de leitura e de escrita. A cada dia surgem novas formas de comunicação e interação ou mudanças naquelas já existentes. Assim, é preciso que a escola mantenha uma coerência entre aquilo que é vivenciado pelos alunos enquanto práticas cotidianas de linguagem e aquilo que é ensinado na escola. É necessário elaborar estratégias de ensino que contribuam para o desenvolvimento de um letramento digital para a leitura de textos tais como: notícia online e fake news, uma vez que apresentam particularidades diferenciadas dos textos impressos.

Marcuschi (2006, p. 50) enfatiza a importância de ensinar o gênero em seu funcionamento real: “Não é prioritária a análise da forma como tal nem da estrutura e sim da organização e das ações sociais desenvolvidas, bem como dos atos retóricos praticados”. Conforme o autor, os gêneros praticam ações, seja por exemplo de informar ou desinformar, cabe ao leitor ter habilidade para perceber essas ações postas em práticas por meio dos gêneros. Diante disso, percebemos a necessidade de um ensino que priorize aspectos funcionais, históricos e culturais dos gêneros.

Uma das grandes mudanças no espaço jornalístico é a velocidade e a abrangência da divulgação. As informações se dispersam em fração de segundos para todo o mundo. Esse movimento acontece de forma tão rápida e imediata que maximiza a possibilidade de divulgação de informações falsas e credibilidade sobre o conteúdo desses textos. As pessoas muitas vezes compartilham notícias falsas como sendo verdades, mesmo antes de ter lido e analisado o texto na íntegra.

Na contemporaneidade é muito recorrente a leitura superficial, insuficiente para proporcionar um olhar crítico sobre o material lido, devido ao volume excessivo de informações. No imediatismo, tão recorrente nas práticas contemporâneas de leitura e escrita, faz-se necessário um ensino que oportunize reflexões e estratégias de leitura voltadas para a criticidade dos alunos. Sobre isso, BNCC (2018) ressalta a importância do ensino de textos pertencentes ao campo midiático-jornalístico:

*Trata-se, em relação a este Campo, de ampliar e qualificar a participação das crianças, adolescentes e jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, que estão no centro da esfera jornalística/midiática. [...] desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa. (Brasil, 2018, p. 140)*

Como podemos perceber, a BNCC não lista quais gêneros devem ser trabalhados, mas indica a importância dos textos do campo midiático-jornalístico nas atividades de leitura e de produção textual. Com metodologias adequadas, o aluno desenvolverá habilidades leitoras que o torne capaz de refletir sobre o que possa ser uma informação verdadeira ou uma fake news, perceber o risco que é acreditar em tudo que é publicado na mídia. BNCC (2018, p. 62) propõe: “[...] um ensino voltado ao aprofundamento da reflexão crítica, como forma de capacitar os estudantes a uma ‘maior capacidade de abstração’”, gerando assim um sujeito ativo e reflexivo no seu contexto social.

O trabalho com os gêneros requer planejamento. Sobre isso, Alves Filho (2011) esclarece que as metodologias de ensino de gêneros precisam estar ancoradas em apoio teórico relevante, permitindo ao aluno a percepção da dinamicidade e funcionamento dos gêneros. Compreendemos que trabalhar com a notícia requer um planejamento por parte do docente, para que não se cometa equívocos tais como aquele citado por Alves Filho (2011) que é restringir o ensino ao reconhecimento da estrutura do gênero. O ensino com os

gêneros vai para além da estrutura. É necessário estudar o seu funcionamento social, refletir sobre como as ideias são expressas, como o dito dialoga com outros discursos anteriores. É preciso estudar vários textos pertencentes a um mesmo gênero, a fim de que o aluno perceba as características funcionais e estruturais do gênero.

Faz-se necessário tratar os gêneros como dito por Bakhtin (2003 [1979]) como constructos socioculturais e históricos, relativamente estáveis, dinâmicos, que surgem e se adaptam ao contexto de uso dos falantes. Desse modo, simplesmente apresentar os componentes estruturais se mostra insuficiente diante do que o gênero revela de dinamicidade. Para Alves Filho (2011), a estrutura composicional da notícia é só um componente a ser ensinado, pois os alunos não precisam aprender a estrutura por ela mesma. Portanto, é de suma importância pensar para além da “fôrma”, como, por exemplo, explorar com os alunos aspectos ideológicos que envolvemos propósitos comunicativos, dentre outros aspectos da funcionalidade social desse gênero.

Esses pontos são essenciais para que se possa despertar nos alunos um posicionamento crítico, que o leve a identificar determinados pontos de vista, estratégias argumentativas, veracidade ou não dos fatos noticiados. Desta forma, estudar as notícias verídicas, notícias falsas ou qualquer outro gênero, é observar suas características funcionais e não apenas pensar em sua estrutura composicional.

Se o leitor é capaz de diferenciar fake news de informação verídica, terá mais condições de buscar informações em espaços jornalísticos de maior credibilidade, compartilhar informações com maior segurança do que possa ou não ser falso ou verdade.

Sobre isso, Souza (2017) alerta para os riscos da credibilidade jornalística em função da propagação das falsas notícias. A fake news faz grande uso de diferentes semioses, dentre elas texto verbal e imagens. Muitas vezes as imagens podem ser pistas para a checagem da veracidade ou não dos fatos. Portanto, é preciso trabalhar estratégias de leitura que permitam reconhecer a imagem como uma pista de confirmação ou negação sobre a veracidade dos fatos noticiados.

Rojo e Moura (2012), ao discutirem sobre a importância de um ensino pautado em práticas sociais de leitura e de escrita, ressaltam a importância do desenvolvimento de multiletramentos para leitura de textos digitais na contemporaneidade. Conforme os autores, se quisermos que os alunos adquiram autonomia e criticidade nas práticas de linguagem, precisamos ajudá-los a conhecer caminhos, estratégias de leitura alinhadas às novas formas de letramentos exigidas pelos gêneros digitais, que mais do que nunca exigem habilidades, tais como: análise, comparação, síntese, checagem, inferência, e habilidades em perceber e construir relações de sentidos tais como: questionamentos, refutações, apoio, concordância, acréscimos, dúvidas, dentre outras. Rojo e Moura (2012), ao falarem da necessidade de desenvolver diferentes habilidades, ressalta a natureza multissemiótica dos textos digitais:

*Tais procedimentos passam a exigir o desenvolvimento de diferentes habilidades, de acordo com as várias modalidades utilizadas, criando uma nova área de estudos relacionada com os novos letramentos - digital, visual, sonoro, informacional, ou os múltiplos letramentos, como tem sido tratados na literatura. (ROJO; MOURA, 2012, p. 37)*

Na constituição das fake news é recorrente o uso de diferentes semioses, trazendo muitas vezes linguagem verbal e não verbal, e ainda links que permitem acesso a vídeos, por exemplo. O aluno precisa relacionar essas diferentes semioses para construção e compreensão dos sentidos do material lido. Cabe à escola o papel de formar leitores competentes na cultura digital na contemporaneidade. Rojo (2013) se posiciona tratando dessa inovação no ensino, através dos gêneros digitais, para desenvolver no aluno um posicionamento crítico e que tenha espaço nesse diálogo de aprendizagem em sala de aula:

*Tais mudanças nos letramentos digitais, ou novos letramentos, não são simplesmente consequências dos avanços tecnológicos. Elas estão relacionadas a uma nova mentalidade, que pode ou não ser exercida por meio de novas tecnologias digitais. É preciso que a instituição escola prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas (Rojo, 2013, p. 7).*

Podemos perceber uma defesa da autora para que a escola caminhe junto com a sociedade, promovendo uma educação de qualidade e inovadora, através dos multiletramentos e não se prendendo a conceitos e métodos pautados na estrutura dos textos, dissociada dos aspectos socioculturais. Dentre os muitos textos da esfera jornalística, temos a fake news no formato de notícias, textos tidos como notícias, mas que não relatam fatos verídicos.

Allcott e Gentzkow (2017) apud Delmazo e Valente (2018, p. 157) definem este fenômeno como: “[...] artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal e que podem enganar os leitores”. Segundo o autor, esse gênero narra, de forma intencional, acontecimentos falsos, podendo enganar, principalmente, quem busca informações de forma rápida, sem uma leitura atenta dos fatos e da maneira como foram narrados, sem se preocupar com a checagem, no caso de dúvidas. Abaixo nos propomos a fazer a análise de uma fake news como forma de mostrar possíveis estratégias de leitura desses textos na Educação Básica.

## Fake News: uma leitura necessária na Educação Básica

As fake news podem apresentar diferentes marcas, pistas que denunciam sua falsidade, pois elas deixam rastros de inverdades nas entrelinhas e nos levam a perceber que não devem ser recebida e/ou entendida como verdade, diante uma leitura crítica. No texto analisado, consideramos necessário fazer alguns recortes

para analisar seu caráter de falsidade, como forma de delimitar o corpus para não ser extenso.

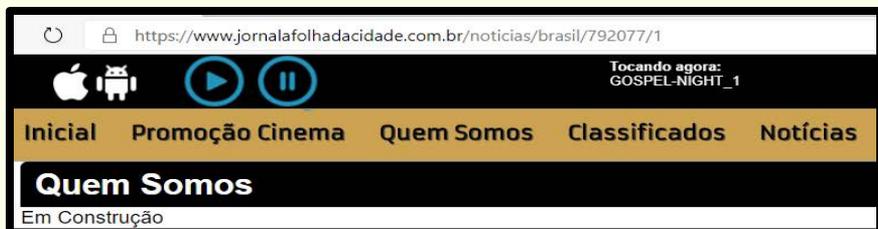
O texto foi selecionado, principalmente, por apresentar em sua materialidade linguística algumas marcas de sua caracterização enquanto fake news, por ter sido divulgado em um site de notícias que apresenta algumas pistas sobre a falta de credibilidade, e ainda por já ter sido investigada e nomeada por especialistas como sendo fake news.

A análise constituísse como uma proposta de leitura para educação básica, desvelando estratégias que permitam ao aluno adotar um posicionamento crítico em relação às informações veiculadas no espaço jornalístico, tendo maior propriedade em diferenciar informações verídicas de informações falsas. Conforme Coimbra (2012), quando uma informação é publicada, seja ela notícia ou fake, não podemos observar ou concebê-la com o sentido simplesmente de informar, mas ela deve ser vista pela carga de sentido presente nas entrelinhas, pela relação de veracidade ou não que mantém com os fatos narrados. Deste modo, buscaremos identificar traços de falsidade no relato de supostos fatos na fake news, ao mesmo tempo que destacaremos a importância do ensino desse gênero, em sala de aula.

A fake news selecionada para análise foi publicada supostamente pelo jornal a folha da cidade. Como podemos observar na legenda da foto, o veículo se auto denomina de jornal. Ao clicarmos no link quem somos, deparamos com a seguinte informação “em construção”. Mesmo depois de quase um ano acompanhando, esse status continua o mesmo, o que pode ser mais um indicativo da falta de credibilidade do jornal. Quase todos os links sobre a identidade e composição do jornal

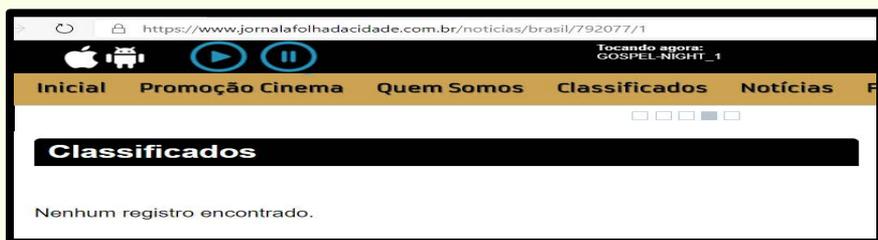
encontram-se em construção ou com pouquíssimas informações. Apenas o link: notícias leva o leitor a informações atualizadas, que são, geralmente, postagens já divulgadas em outros veículos de comunicação, sem muito destaque no espaço jornalístico.

Figura 1 – Portal de notícias: A folha da cidade



Fonte: <https://www.jornalafolhadacidade.com.br/noticias/brasil/792077/1>

Figura 2 – Portal de notícias: A folha da cidade



Fonte: <https://www.jornalafolhadacidade.com.br/noticias/brasil/792077/1>

A fake news aqui analisada, enquanto notícia falsa, fala sobre a presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) - Gleisi Hoffmann -, relatando que a mesma estaria se opondo a doação dos recursos que sobraram da campanha de Jair Bolsonaro, para a Santa Casa de Misericórdia, de Juiz de Fora. "Bolsonaro foi esfaqueado durante um ato de campanha em Juiz de Fora no dia 6 de

setembro, e socorrido para a Santa Casa de Misericórdia, onde foi operado pela primeira vez". O texto foi publicado no dia 05/11/2018, quando Bolsonaro já havia sido eleito presidente da república.

Figura 3 - Fake News

**GLEISE HOFFMANN QUER IMPEDIR ENVIO DE RECURSOS À SANTA CASA DE JUIZ DE FORA.**

Jornal Folha da Cidade

   **Link da Notícia:** <https://www.jornalafolhadacidade.com.br/noticias/brasil/7>



(Foto: Jornal Folha da Cidade)

Como se já não bastasse o rombo nas contas públicas que o PT deixou, o caos na saúde, na segurança pública e na educação, ainda querem atrapalhar Jair Messias Bolsonaro de fazer o bem. A presidente do PT, Gleisi Hoffmann (PR), enviou ofício à ministra Rose Weber, presidente do TSE, questionando sobre a legalidade de eventual envio dos recursos que sobram da campanha presidencial do PSL diretamente à Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora – MG, arguindo a nulidade deste ato. Gleisi alega que a prática configura crime eleitoral e que é um ato discricionário do presidente do PSL transferindo a ela tal numerário seria inválido. "Não arredaremos o pé para impedir a transferência desses recursos, que devem ser devolvidos ao fundo partidário da União. Não existe apenas um hospital carente no Brasil." Ela diz isso como se não fizesse diferença para a saúde fazer tal doação. "Temos expectativa que ainda nesta segunda feira, a ministra Rosa Weber tomará sérias providências". Finalizou a senadora. Na verdade Bolsonaro com certeza irá devolver os recursos para o partido que o elegeram. E, neste caso, a legislação não veda, porém, que o partido faça essa doação. Portanto, cabe ao PSL doar ou não o montante para a Santa Casa.

Fonte: <https://www.jornalafolhadacidade.com.br/noticias/brasil/792077/1>

Classificamos este texto como fake news no formato de notícia online, pois, embora possua forma composicional semelhante à notícia, possui função social diferente. Enquanto a notícia tem como uma de suas principais funções informar o leitor sobre um acontecimento real, a fake news visa disseminar informações falsas. É necessário desenvolver habilidades leitoras que possibilitem realizar relações dialógicas para construção dos sentidos, tomando o linguístico e outras semioses como pistas para compreensão de aspectos ideológicos veiculados no texto.

Podemos observar desde a manchete, traços do posicionamento político e ideológico do autor da fake news: “Gleise Hoffmann quer impedir envio de recursos à Santa Casa de Juiz de Fora”. Da forma como é dito fica explícito que a deputada federal é contra uma ação que beneficia a população. Podemos observar uma tentativa de depreciação da figura política de Gleisi Hoffmann. Seguindo essa argumentação, logo no início do texto temos uma retomada a discursos que relaciona o PT à corrupção: “como se não bastasse o rombo nas contas públicas que o PT deixou”, marcando nesse discurso a desaprovação em relação ao governo anterior por ser, segundo a visão do autor, um governo corrupto.

É de fundamental importância mostrar para os alunos os efeitos de sentido naquilo que é dito implicitamente. O leitor precisa ler não apenas o que está dito linguisticamente, mas compreender certas intenções, fazer inferências a partir do que foi dito na materialidade linguística, mantendo um diálogo com discursos anteriores que se relacionam com o texto atual. Para Bakhtin (2003[1979]), a atualização de sentidos depende das relações dialógicas existentes entre um discurso e outro.

Ao tempo em que o autor do texto se empenha em construir uma imagem negativa da presidente do partido dos trabalhadores, revela uma valoração apreciativa de aprovação e de defesa a favor do presidente eleito. Ao dizer: “ainda querem atrapalhar Jair Messias Bolsonaro de fazer o bem”, expressa a ideia de que Bolsonaro faz aquilo que é certo com o dinheiro que sobra da campanha, ou seja, o dinheiro nem era para aquela finalidade, mas Bolsonaro destina esse recurso para o bem, ajudando a salvar vidas na Santa Casa de Juiz de Fora. A palavra “bem” revela nesse contexto uma polarização política, valorando

o PT como o mal e Jair Bolsonaro como sendo o bem, conforme ponto de vista e argumentação expressa na fake news.

Ao longo do texto, podemos perceber o autor contra o PT e não comungando com suas ideias e, por isso, dissemina uma informação sobre a líder desse partido, buscando manchar a imagem de Gleisi Hoffmann, bem como a imagem do partido inteiro. No trecho “Como se já não bastasse o rombo nas contas públicas que o PT deixou, o caos na saúde, na segurança pública e na educação”, percebemos a manifestação de um posicionamento político (maniqueísta e que busca atrelar os atos de corrupção apenas a determinado partido, disseminando um discurso de ódio que é, também, um discurso de classe (velado), que caracteriza, novamente, o PT de corrupto. Essas relações dialógicas que apontam para um contexto extralinguístico precisam fazer parte de estratégias de leitura no ensino de Língua Portuguesa.

Esse posicionamento político e ideológico guia as escolhas do autor durante toda a narrativa do texto, polarizando de um lado o PT como sendo representativo do mal, e do outro Jair Bolsonaro como sendo o “bem”. Como dito, por Bakhtin (2003 [1979]), a palavra é sempre ideológica. Cabe ao leitor buscar esses sentidos, as valorações expressas na relação entre materialidade linguística e contexto extraverbal. A leitura de notícias verídicas e fake news exige do leitor certo letramento específico, estratégias necessárias para compreensão desses gêneros discursivos. Conforme BNCC (2018) é preciso desenvolver habilidades dos leitores no tocante à análise crítica e checagem de informações:

*Acompanhar, analisar e discutir a cobertura da mídia diante de acontecimentos e questões de relevância social, local e global, comparando diferentes enfoques e perspectivas, por meio do uso de ferramentas de curadoria (como agregadores de conteúdo) e da consulta a serviços e fontes de checagem e curadoria de informação, de forma a aprofundar o entendimento sobre um determinado fato ou questão, identificar o enfoque preponderante da mídia e manter-se implicado, de forma crítica, com os fatos e as questões que afetam a coletividade (BRASIL, 2018, p. 522).*

Se o leitor não tem conhecimentos sobre os acontecimentos e personagens envolvidos na notícia verídica e na fake news, faltarão relações de sentidos necessárias para uma leitura crítica. Por isso, as atividades com leitura de textos jornalísticos precisam contemplar não apenas o texto analisado, mas também a leitura de outros textos que sejam importantes para o aluno resgatar ou construir conhecimentos sobre acontecimentos, informações anteriores que o permitam interagir e compreender o texto atual. Conforme Bakhtin (2003[1979], p.272): “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Essas relações dialógicas são indispensáveis para construção dos sentidos. Só o texto atual separado de discursos anteriores não é suficiente para uma compreensão crítica do que se lê.

## Caminhos para perceber rastros de Fake News em uma notícia

Muitas vezes, não é fácil identificar uma fake news, já que essa informação falsa visa enganar o leitor e convencê-lo a compartilhar o conteúdo como sendo fato, ou seja, informação verdadeira. Em algumas ocorrências as pistas para identificação do texto como informação falsa são mais evidentes do que em outros. Tanto as notícias quanto as fake news em forma de notícias apresentam características tais como as explicitadas por Coimbra (2012), que são novidade, tragicidade e proximidade.

No recorte da fake news do jornal online, Folha da Cidade mostramos algumas dessas pistas. Observemos o trecho: “Gleise Hoffmann quer impedir envio de recurso à Santa Casa de Juiz de Fora”. Uma das marcas de que essa informação é uma fake news, que deve ser questionada, é quando o autor não se preocupa com questões básicas de publicação, pois se observarmos o texto acima, no jornal Folha da Cidade, veremos que o nome da senadora líder do Partido dos Trabalhadores (PT) está escrito de forma errada, o autor escreve “GLEISE”, mas o nome correto é GLEISI. Embora erros de digitação sejam comuns nas notícias online, esta foi uma marca muito bem expressiva enquanto pista para identificação de informação falsa.

Como se pode verificar a pista de que é uma informação falsa já fica evidente na manchete. Também temos essa marca no corpo do texto, quando o autor ressalta que “Gleise” tenha enviado um ofício para o TSE - Tribunal Superior Eleitoral, questionando a doação feita por Bolsonaro, se referindo à presidente do TSE como “ROSE” ao invés de ROSA, mais uma vez errando o nome

dos personagens. Isso acontece, conforme explica Souza (2017), porque a informação falsa, diferente da notícia, não passa por um processo cuidadoso e especializado de avaliação antes da publicação. Desta forma, erros linguísticos, como de ortografia, são mais frequentes nas fake news.

Outro aspecto que pode funcionar como marca de não credibilidade é a ausência do nome do jornalista. Nesse tipo de texto às vezes não tem identificação de autoria, e quando tem nem sempre corresponde ao real. Esses são aspectos importantes para serem ensinados em relação à composição e estilo, bem como ao funcionamento da fake news no formato de notícia, a fim de que os alunos possam, enquanto leitores no espaço jornalístico, ler com mais autonomia e criticidade, sendo capazes de refletir sobre o que possa ser uma informação verídica ou não.

Galli (2010) alerta para o fato de que o texto digital requer do leitor novas formas de estratégias de leitura, convidando o leitor a formas não lineares de construção dos sentidos. O leitor precisa estar atento para imagens, manchete, ortografia de palavras, com a relação entre o que está sendo dito e outros acontecimentos já noticiados, dentre outras pistas.

Temos no texto analisado uma suposta fala de Gleisi Hoffmam: "Não arredaremos o pé para impedir a transferência desses recursos, que devem ser devolvidos ao fundo partidário da União. Não existe apenas um hospital carente no Brasil." O discurso citado é um recurso muitas vezes usados pelos autores de fake news como forma de tornar a informação falsa mais próxima das características da notícia verídica, além de conferir-lhe maior grau de veracidade. Ressaltamos aqui a importância

de refletimos com os alunos sobre essas estratégias de convencimento a partir da inserção de trechos da fala de pessoas envolvidas na narrativa. Conforme Sousa e Alves Filho (2013), a citação de discursos das próprias personagens envolvidas nos fatos relatados confere maior credibilidade à notícia, do mesmo modo acontece com a fake news.

Ressaltamos a importância de no ensino de um gênero, ser oportunizado ao aluno vários textos do mesmo gênero, a fim de que o aluno perceba as características funcionais desse texto. Como sugerido por Alves Filho (2011), ao falar de equívocos no ensino de gêneros, a escola não deve se limitar ao ensino da estrutura do gênero, nem ao ensino de uma variedade grande de gêneros que não mantenham uma relação de diálogo uns com os outros dentro das práticas de comunicação e de interação.

Quando um jornal, seja qual for sua natureza, não se preocupa com questões básicas como ortografia em sua publicação, tão pouco não foram criteriosos em buscar informações verdadeiras para serem divulgadas ao público leitor, pode levantar suspeitas quanto a veracidade dos fatos noticiados. Desse modo, pelo fato de o jornal Folha da Cidade apresentar esses erros em sua publicação, já passa a perder crédito, pois a sua publicação se torna questionável.

Utilizamos também, como estratégia para averiguar a veracidade ou não da informação, a investigação em fonte de apoio (FATO OU FAKE) do grupo Globo, que faz checagens se os fatos noticiados são verídicos ou fake news. Para chegar à conclusão sobre o texto aqui analisado, o grupo Globo recorreu ao TSE em busca de confirmar se a ministra Gleisi Hoffmann havia enviado

ofício para a presidente do TSE – Rosa Weber: “O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) informa que não existe ofício da senadora com esse teor para a presidência do tribunal.

Figura 4 - Dados do grupo Globo (FATO OU FAKE)



Fonte: Portal G1, 2019.

Como se pode observar, não é simplesmente encontrar erros de ortografia em uma publicação que podemos julgá-la como não tendo verdade, esse ponto contribui bastante, mas o que também deve fazer parte da observação de um leitor, para perceber se uma informação é verdadeira ou não, é observar em outros meios de circulação de informação, se o que foi noticiado em determinado portal de informação online é verdade ou não. Para isso precisa-se ter um posicionamento crítico diante das informações que chegam, buscando a verificação em outros meios jornalísticos online. Sobre isso Souza (2017, p. 12) elenca alguns pontos a serem levados em conta para diferenciar notícia verídica de fake news:

## Quadro 1 - Estratégias de identificação de fake news

<b>Considere a fonte</b>	Pesquise sobre o site que está publicando a notícia. Saiba as missões e valores dele.
<b>Considere o autor</b>	Faça uma breve pesquisa sobre o autor. A credibilidade é o diferencial do jornalista. Procure saber sobre ele. Talvez ele nem exista.
<b>Verifique a data</b>	Em alguns casos matérias verdadeiras são compartilhadas anos depois de publicadas. Essas notícias podem causar uma desordem. Verifique a data e qual contexto a notícia se enquadra.
<b>Consulte especialista</b>	Procure pessoas que dominam um assunto e por isso são especialistas. O olhar cuidadoso de um especialista pode evitar a reprodução de informações falsas.
<b>Fontes de apoio</b>	Busque bases de informações para saber se a notícia é confiável. Pesquise para saber se mais alguém fala sobre o tema.
<b>Leia mais</b>	Não se convença apenas com aquela notícia, procure nos meios tradicionais de aquela informação é real.

Fonte: SOUZA, 2017, p. 12-13.

Essas são exemplos de estratégias para se chegar à verdade dos fatos, segundo o autor. Como ressalta Rojo e Moura (2012), no meio digital deve existir criticidade por parte dos usuários desse espaço, simplesmente estar inserido não contempla todas as formas de lidar com os gêneros que se apresentam nesse novo espaço de práticas de leitura e de escrita.

Embora nosso objeto de análise seja a fake news na forma de notícias, ressaltamos a importância de levar os alunos a perceberem que existem fake news - informações falsas - na forma de diferentes gêneros discursivos, que nem sempre se assemelham à notícia. Apresentamos alguns exemplos de fake news que fogem a essa estrutura e que poderiam da mesma forma serem analisados na sala de aula, a fim de proporcionar uma reflexão crítica e ética junto aos alunos.

Figura 5 - Fake news (a)

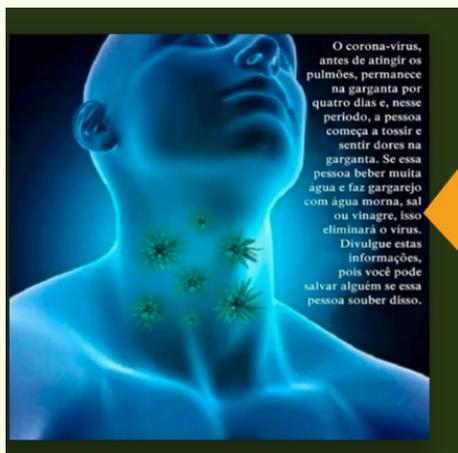
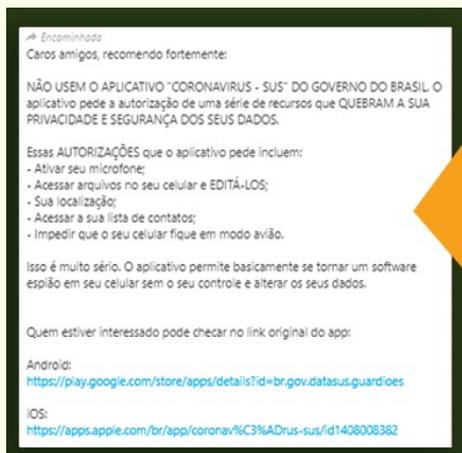


Figura 6 - Fake news (b)



Fonte: Portal do Ministério da Saúde, 2020.

Figura 7 - Fake News (c)

ISRAEL Resposta para C19  
A cura para o vírus C19 ou a maneira de eliminá-lo foi alcançada.  
As informações vêm de Israel, este vírus não causou nenhuma morte  
\* A receita é simples \*  
1. \* Limão \* 🍋  
2. \* Bicarbonato \* 📄  
Misture e beba como chá quente - toda tarde, a ação do limão com bicarbonato de sódio mais quente - mata imediatamente o vírus - elimina-o completamente do corpo. Esses dois componentes alcalinizam o sistema imunológico, pois quando a noite cai, o sistema se torna ácido e as defesas mais baixas.  
É por isso que o povo de Israel está relaxado com esse vírus. Todo mundo em Israel bebe um copo de água quente com limão e um pouco de bicarbonato de sódio à noite, pois isso comprovadamente mata o vírus. Eu o compartilho com toda a família e amigos, para que nenhum de nós pegue o vírus. Deixo com seus critérios.  
\* Por favor, não compartilhe \*

**MINISTÉRIO DA SAÚDE ADIRTE.**  
**ISTO É FAKE NEWS!**  
**ESTA NOTÍCIA É FALSA - NÃO DIVULGUE**

● **Por que é falso?**  
Até o momento, não há nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento específico ou vacina que possa prevenir a infecção pelo coronavírus (COVID-19).

Fonte: Portal do Ministério da Saúde, 2020.

As fake news (a, b e c) foram produzidas e divulgadas no contexto de pandemia, momento no qual o mundo vivencia o sofrimento e busca pela sobrevivência. Assim, neste momento, a humanidade deveria estar unida lutando por si e pelo outro numa relação de empatia, de solidariedade. Contudo, muitas pessoas dedicam-se a produção e disseminação de informações falsas, que contribuem para agravar ainda mais a crise. Esses textos possuem a capacidade de divulgação muito acelerada, induzindo pessoas menos escolarizadas e até mesmo as mais escolarizadas a acreditarem em conteúdos falsos.

As divulgações de informações falsas são motivos de muitas polêmicas e difusão do discurso de ódio na mídia jornalística. Conforme Coimbra (2012), o leitor precisa ser crítico e analisar as informações com desconfiança. Portanto, enfatizamos o papel da escola para formação de leitores críticos que saibam fazer usos de

estratégias de leitura capazes de levá-los a questionar, refutar, parafrasear, analisar, sintetizar, desconfiar, comparar, selecionar, e acima de tudo responder com criticidade.

## Considerações finais

Ressaltamos a importância de a escola adotar metodologias de ensino que favoreçam o letramento digital dos alunos, desenvolvendo habilidades necessárias para uma compreensão crítica dos textos do espaço jornalísticos, tornando-os capazes de identificar aspectos ideológicos, efeitos de sentido de terminados usos linguísticos, bem como saber checar a veracidade ou não de informações divulgadas. Não se deve pensar os gêneros digitais como algo longe da escola, pois fazem parte do cotidiano da grande maioria dos alunos. Ao levar em conta essa realidade, a escola precisa abrir espaço para o ensino dos gêneros digitais, aproximando os alunos dos textos que circulam na nossa contemporaneidade.

Como ficou perceptível, existem diferentes estratégias para checagem de informações no espaço jornalístico para confirmação da veracidade dos fatos noticiados. Essas estratégias enquanto objeto de ensino podem garantir ao aluno maior habilidade para uma compreensão crítica sobre aquilo que é divulgado enquanto informação verdadeira. Sendo assim, a escola, como instituição responsável pela educação precisa se adequar a essa nova realidade social, ensinando a partir de exigências apontadas pelas novas práticas de leitura e de

escrita em seus aspectos multissemióticos, que se apresentam no espaço digital.

Como proposto em nosso objetivo, procuramos discutir algumas estratégias de ensino de fake news a partir da análise de um texto, apontando para possíveis caminhos de identificação de informações falsas ou verdadeiras divulgadas, principalmente, no espaço jornalístico e em redes sociais

Por fim, ressaltamos que dado ao pouco espaço para discussão e análise, apresentamos apenas um texto fake news no formato de notícia. Entretanto, reconhecemos que para o ensino de um gênero é preciso que sejam selecionados vários textos desse gênero, a fim de que os alunos possam conhecer suas características, seus padrões culturais e seus propósitos comunicativos. Assim, para colocar em prática em sala de aula a análise feita da fake news, seria necessário ampliar o conhecimento e leitura de outros textos do mesmo gênero.

## Referências

ALVES FILHO, Francisco. Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

BAKHTIN, M. M. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, M. M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929-1930].

BEBER muita água e fazer gargarejo com água morna, sal e vinagre previne coronavírus - é fake news! [Portal do Ministério da Saúde], [Brasília, DF], mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018 Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 19 abr. 2019.

COIMBRA, Ludmila Scarano. O jornal na aula de espanhol: lendo notícias, entrevistas e artigo de opinião. São Paulo: Edições SM, 2012.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. Media & Jornalismo [online], v. 18, n. 32, p.155-169, 2018.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2010.

MARCUSCHI, Luis. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI. A. M; GAYDECZKA B.; BRITO, K. S. (Org.). Gêneros Textuais: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola, 2011.

ROJO, Roxane. Escola conectada: os multiletramentos e as TIC's. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOUSA, Emanuel Barbosa; ALVES FILHO, Francisco. Uma estrutura composicional para dois gêneros: a notícia e a notícia satírica. Revista FSA, Teresina, v. 10, n. 2, art. 13, p. 222-245, abr./jun. 2013.

SOUZA, Kennedy Anderson Cupertino de. Fake News: ética e credibilidade jornalística em risco. 2017. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: INTERCOM, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2419-1.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2019.

VOLÓCHINOV Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017. 376 p.

# ARTIGO DE OPINIÃO: argumentação e relações dialógicas no ensino de leitura e de escrita

Eliane Pereira dos Santos, UFMA

Maria Francisca da Silva, UFMA

**C**onforme as orientações dos documentos oficiais, dentre eles a BNCC (2018), o foco do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica deveria ser a leitura e a escrita para o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para formação de um leitor e escritor crítico. Nessa abordagem, os gêneros discursivos passam a ser o centro do estudo da linguagem, em seus aspectos socioculturais e históricos.

Consideramos o gênero artigo de opinião como objeto de ensino propício para o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita, uma vez que apresenta diferentes pontos de vista, utiliza estratégias de argumentação tendo em vista o leitor, dialoga fortemente com outros discursos já existentes, favorecendo a percepção de que o discurso atual mantém relações dialógicas de confronto, concordância, questionamentos, possibilitando acréscimos em relação a outros discursos já ditos sobre esse mesmo tema.

O espaço de análise não nos permite trabalhar com um corpus diversificado quanto ao número de textos

representativos dos gêneros artigo de opinião, portanto, selecionamos dois exemplares - dois textos -, contudo, ressaltamos que a análise feita aqui é apenas uma demonstração de possibilidades de estratégias de leitura, na prática seria necessário ler e analisar em sala de aula vários textos desse mesmo gênero. Só assim, os alunos teriam condições de perceber o funcionamento desse gênero no meio social, bem como suas características temáticas, estilísticas e composicionais.

Os textos selecionados são da esfera jornalístico-midiática, tratam da polêmica sobre adiamento das provas Enem, em 2020, em decorrência da pandemia do novo coronavírus. Um dos artigos é: “Enem em tempos de pandemia, por Renato Janine Ribeiro”, foi retirado do jornal GGN - portal jornalístico de posicionamento político de esquerda. O outro texto, trata-se de um artigo publicado no Portal INEP<sup>1</sup>, cujo título é: Adiar o Enem para quando? Um debate prematuro de autoria de Alexandre Lopes, presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Os dois artigos revelam posicionamentos político-ideológicos divergentes quanto à questão de adiamentos das provas Enem.

---

<sup>1</sup> O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Sua missão é subsidiar a formulação de políticas educacionais dos diferentes níveis de governo com intuito de contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país. Informações retiradas do site: <http://portal.inep.gov.br/conheca-o-inep>

## Algumas considerações sobre gêneros discursivos

Bakhtin (2003[1979]) defende a ideia de gêneros discursivos a partir de uma noção de estabilidade e mudança relacionadas à dinâmica sócio-histórica e cultural das relações de interação dos falantes. Por isso afirma que os gêneros são forma relativamente estáveis de enunciados.

Segundo Miller (1984), o gênero é um artefato cultural, uma ação retórica tipificada. Ou ainda conforme Bazerman (2011), gênero é uma tipificação histórica. Entendemos que esses autores usam a expressão tipificação a partir de Bakhtin, segundo o qual, o gênero possui uma expressão típica inerente a ele e não à língua enquanto sistema. Essa expressão típica de cada gênero é resultante das relações sociais, ou seja, das relações de interação das quais participam os usuários de uma língua.

*No gênero a palavra ganha expressão típica. Os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos significados das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 293, grifos nossos).*

Assim, o gênero aponta para certa estabilidade, para o fato de que o estilo não é apenas atrelado à singularidade do falante, pois esse falante, ao manifestar sua individualidade na seleção dos elementos linguísticos que faz, já é motivado pela orientação genérica, que

impõe certas escolhas linguístico-estilísticas. A estabilidade também não resultado de normatizações impostas, relativas à língua fora do uso, mas sim de acordos sociais diante daquilo que funciona bem e torna-se recorrente nas ações e nas práticas de linguagem.

Medviédev (2016 [1928], p. 193) comungando com a ideia de se estudar a linguagem a partir do gênero discursivo, critica os formalistas por terem separado o estudo da linguagem poética dos gêneros discursivos. Ele argumenta: “O significado construtivo de cada elemento somente pode ser compreendido na relação com o gênero”. Seu pensamento alinha-se ao ponto de vista de que o sentido não pode ser autônomo em relação ao contexto extraverbal, ao gênero, a uma avaliação social.

Cada gênero possui sua concepção típica de destinatário. O endereçamento é constitutivo do estilo do gênero, haja vista que as escolhas linguísticas são feitas levando em conta este elemento e seu fundo aperceptível. Bakhtin (2003 [1979], p. 305) afirma:

*[...] o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há, nem pode haver enunciado. As várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 305)*

Além de o gênero apontar para uma concepção típica de destinatário, ele também possui certa tipificação em relação a seus elementos constitutivos: tema, forma composicional e estilo, bem como em relação a seus usos dentro de esferas comunicativas. Compreendemos que,

em Bakhtin, a ideia sobre a tipificação seja resultante do postulado de que estando o gênero intimamente relacionado a um contexto extraverbal, ele não tem como ser dissociado das atividades humanas, de modo que, assim como estas, o gênero também é tipificado. A relativa tipificação dos elementos constitutivos do gênero é correlata à tipificação das atividades humanas.

Na vida agimos de modo relativamente tipificado. Para cada situação já esperamos determinadas respostas, para cada discurso já prevemos uma réplica antecipada, isto porque, de certo modo, já conhecemos a recorrência do modo de agir das pessoas em determinadas situações. Por isso, nos antecipamos, cogitando possíveis reações que nos permitam direcionar, moldar nossos enunciados enquanto réplicas antecipadas.

Vale ressaltar que a tipificação, no uso real da língua, não é imposta por regras normativas, mas construída sócio historicamente, a partir da organização das relações e transformações sociais. O gênero possui caráter dinâmico, marcado pela tipificação, mas também pela inovação.

Para Bakhtin (2003), os gêneros discursivos são constituídos de três elementos indissociáveis - estilo, forma composicional e tema. Segundo o mesmo autor, a forma composicional não é a forma do material (enquanto forma da língua). Ela organiza o material (recursos linguísticos) imerso nas relações de interação social, nas relações axiológico-dialógicas, ou seja, o material é selecionado e organizado num caudaloso espaço dialógico, no qual o sujeito falante assume sua singularidade como ser social. Já o tema é o conteúdo ideologizado. Sobre isso, Alves filho e Santos (2012, p. 80): explicitam: "na teoria do círculo de Bakhtin, o tema não é equivalente a assunto, já que este se reduz àquilo sobre o que se fala, enquanto o tema é o

conteúdo ideologizado do qual fazem parte tanto o material verbal quanto o extraverbal”

Além do estilo e do tema, outro elemento constitutivo do gênero é a forma composicional. A noção de forma na teoria dialógica não pode ser vista dissociada do conteúdo, como discorre Bakhtin em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, uma vez que o social antecede a escolha do material. A forma composicional não é a forma do material (enquanto forma da língua). Ela organiza o material (recursos linguísticos) imerso nas relações de interação social. Portanto, a forma não deve ser vista como uma fórmula, ou um espaço a ser preenchido por um conteúdo.

Alves Filho (2011, p. 18) destaca como consequências de um ensino tradicional de gênero, a separação entre forma e conteúdo, como se a forma fosse um recipiente no qual se deposita conteúdo já definido por ela. Contrapondo-se a esse pensamento, ele argumenta: “[...] um gênero nem é somente forma, nem é somente conteúdo, mas uma espécie de mistura funcional entre forma e conteúdo [...]”. Portanto, entendemos que ensinar os gêneros com foco na estrutura, na forma composicional isolada do tema e estilo, seja improdutivo, se o objetivo for desenvolver competências linguísticas necessárias para formação de leitores e escritores críticos, capazes de usar a linguagem de forma eficiente em diferentes situações comunicativas. Na seção seguinte, discutimos algumas características da constituição e funcionamento social do gênero artigo de opinião, a fim de percebermos que um gênero só pode ser estudado na sua relação com o meio social, com o extraverbal.

## Relações dialógicas e argumentação na constituição do gênero artigo de opinião

O artigo de opinião é um texto da esfera jornalística que surge como resposta a determinados acontecimentos sociais já discutidos, polemizados, mantendo relações dialógicas dissonantes ou de apoio com vários outros discursos que discutem o mesmo acontecimento. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela intimidade da esfera de comunicação discursiva (BAKHTIN (2003, p. 297). O artigo de opinião é mais um gênero a discutir um acontecimento sobre o qual já se lançou uma polêmica.

Boff; Koche; Marinello (2003) apontam para uma questão interessante, que é a ação social do gênero voltada para defesa de um ponto de vista, ou seja, convencer o outro, tendo portanto, a argumentação como uma marca relevante. Santos (2012) acrescenta que além dessa orientação, o artigo de opinião é divulgado em um espaço destinado a textos opinativos, geralmente já definidos em seu suporte textual e isso, em si, já traz muitas informações sobre esse gênero. Acrescento a essa informação que além do suporte textual, o próprio jornal em específico, ou outro veículo de comunicação contribui para uma apreciação antecipada por parte do leitor proficiente, haja vista que o espaço jornalístico no qual o articulista escreve tem um posicionamento ideológico, e o autor do artigo de opinião, não é indiferente isso.

Entendemos que tanto a esfera comunicativa - esfera jornalística - quanto o próprio gênero artigo de opinião são determinantes das estratégias argumentativas utilizadas para defender um ponto de vista em relação de

oposição a outro (s). “O gênero de discurso é um modelo discursivo que compreende um conjunto de regras de funcionamento e de restrições” (AMOSSY, 2018, p. 245). Diante disso, podemos entender que o gênero indica muito do que pode ou não ser dito, pois o seu funcionamento em determinada esfera, a ideia de destinatário que tem, a função social a que se destina, tudo isso o determina em seus aspectos temáticos, estilísticos e composicionais.

Bakhtin (2003[1979, p. p.306]) destaca a importância do destinatário ou do auditório para as escolhas linguístico-estilísticas do texto: “A escolha de *todos*<sup>2</sup> os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e de sua resposta antecipada”. Ao organizar as estratégias de argumentação em um artigo de opinião, por exemplo, o articulista, já escolhe os recursos linguístico-estilísticos tendo em vista possíveis respostas, ou seja, a partir de uma relação de alteridade entre ele (articulista) e um possível destinatário. Essa percepção antecipada sobre possíveis respostas é de fundamental importância para a argumentação, pois é a réplica antecipada que orienta o autor sobre quais argumentos ou contra argumentos selecionar para convencer o outro sobre seu ponto de vista.

Sobre a definição de auditório como elemento constitutivo das escolhas linguístico-estilísticas do falante, Amossy (2018, p. 52) afirma: “O auditório constitui uma entidade variável que o locutor determina quando escolhe, por alvo de sua empreitada, a persuasão de um indivíduo, de um grupo ou de um público vasto”. No caso do artigo de opinião temos um auditório geralmente

---

<sup>2</sup> Grifos do autor

amplo, que são os possíveis leitores do veículo de comunicação onde é publicado.

Rodrigues (2001) ao discutir sobre as relações dialógicas e a figura do leitor, classifica alguns movimentos dialógicos constitutivos das estratégias argumentativas do gênero artigo de opinião: movimento dialógico de assimilação ou de distanciamento, que referem-se a inserção do discurso outro enquanto concordância ou discordância, ou seja, referem-se ao discurso já dito; movimento dialógico de engajamento, movimento dialógico de interpelação movimento dialógico de refutação. Esses três últimos estão centrados na réplica antecipada, nos discursos ainda não ditos.

No movimento dialógico de engajamento, o articulista torna o leitor-um co-autor, isto é, fala como se o outro fosse um aliado, isso porque o articulista passa a impressão de que está defendendo o ponto de vista do leitor. No movimento dialógico de interpelação, o leitor é compelido a aderir ao ponto de vista do articulista que se apresenta como voz superior, especializada. Já no movimento de refutação, o articulista antecipa possíveis respostas do leitor, a partir das quais organiza contra-argumentos. Essa contrapalavra do leitor antecipada pelo articulista, funciona como uma estratégia argumentativa que gera o silenciamento do leitor, mesmo antes de ter a oportunidade de responder.

Brasil (2018) ao tratar do campo midiático-jornalístico destaca a importância de trabalhar no Ensino Médio habilidades voltadas para a criticidade, argumentação e diálogo com temas sociais relevantes:

*(EM13LP38) Analisar os diferentes graus de parcialidade/ imparcialidade (no limite, a não neutralidade) em textos noticiosos, comparando relatos de diferentes fontes e analisando o recorte feito de fatos/dado se os efeitos de sentido provocados pelas escolhas realizadas pelo autor do texto, de forma a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas como produtor. (p. 521)*

*(EM13LP42) Acompanhar, analisar e discutir a cobertura da mídia diante de acontecimentos e questões de relevância social, local e global, comparando diferentes enfoques e perspectivas [...] (p. 522)*

O artigo de opinião constitui-se como excelente objeto de ensino de leitura e produção textual no Ensino Médio. Por ser um texto da esfera jornalística, é em grande parte determinado por essa esfera e outras que se interseccionam a partir de diferentes relações dialógicas. Para Souza (2016), a esfera jornalística é muito influenciada por interesses de grupos sociais dominantes, que pretendem tornar consensuais determinados pontos de vista favoráveis a eles próprios. Desse modo, a esfera jornalística reflete e refrata o jogo de interesses que movem as relações sociais daqueles que direta ou indiretamente dela fazem parte como produtores e divulgadores de informações. Os acontecimentos sociais entrelaçam diferentes esferas ideológicas, podem até pertencer mais diretamente a uma dada esfera, mas não estarão privados da influência de outras.

Outro aspecto importante a ressaltar, é a posição ideológica do articulista e do espaço jornalístico.

Geralmente, os articulistas são pessoas especialistas em determinados assuntos, que escrevem em um espaço jornalístico do qual fazem parte enquanto funcionário ou colaborador. É importante perceber a relevância dessa posição para a tomada de decisões a favor ou contrária aos discursos vigentes na mídia, o que sugere posicionamentos que nem sempre são aceitos pelas parcelas da sociedade que omite informações importantes para o exercício da cidadania.

Na esfera jornalística existem gêneros discursivos que são mais voltados para subjetividade, para expressão do tom emotivo-volitivo, como é o caso do artigo de opinião e outro que procuram parecer mais neutros - a notícia - Bakhtin (2003 [1979]) ressalta que existem gêneros mais propícios à manifestação da subjetividade do que outros, ou seja, não há gênero isento de subjetividade. Alinhado a esse pensamento, Volóchinov (2010 [1929-1930]) afirma ser o enunciado sempre formado por uma valoração apreciativa, haja vista que por meio da linguagem defendem-se pontos de vista, busca-se naturalizar ou destruir determinadas ideologias, ou seja, por meio da linguagem, criam-se verdades, que não são as verdades universalizadas, mas as verdades de cada pensamento participativo, de cada sujeito falante em sua singularidade.

O gênero artigo de opinião não apenas manifesta um ponto de vista, mas argumenta a favor desse posicionamento valorativo, tendo em vista a réplica antecipada do outro. O destinatário, mesmo que presumido, tem um papel muito relevante nas escolhas linguístico-estilísticas do articulista. A voz do articulista é própria de alguém que é conhecedor do assunto tematizado, por isso já se constitui como um argumento de

autoridade. Contudo, o articulista precisa recorrer a outros argumentos, a outras vozes que fortaleçam seu ponto de vista em busca de convencer o outro.

Geralmente, os articulistas são pessoas especialistas em determinados assuntos, que escrevem em um espaço jornalístico do qual fazem parte enquanto funcionário ou colaborador. É importante perceber esses aspectos do contexto extraverbal para uma compreensão responsiva do artigo de opinião. Tal ação direciona para o papel do professor de propiciar espaços para discussões de questões como a que veremos a seguir sobre o ENEM e suas reverberações na sociedade.

## Uma análise demonstrativa do gênero artigo de opinião para o ensino de leitura

Ressaltamos novamente que a análise, ora feita, constitui-se como possibilidade de leitura do gênero artigo de opinião, entretanto, enfatizamos a necessidade de trabalhar em sala de aula com um corpus mais diversificado, incluindo vários artigos de opinião, sobre temáticas diferenciadas, e de preferência publicados em espaços jornalísticos também diversificados.

O texto da figura 1 foi retirado do jornal GGN<sup>3</sup>, que é um jornal declaradamente de posicionamento político-

---

<sup>3</sup> Conforme texto retirado de site do próprio jornal (<http://jornalggn.com.br/institucional>) GGN é “um jornal que incorpora as principais características da Internet: construção coletiva de conhecimento, com a participação efetiva dos especialistas no conteúdo; montagem de mini-redes sociais especializadas, com os principais grupos de discussão – do setor público e privado – para aprofundar os temas relevantes do Brasil do século 21, cobrindo não apenas o factual, mas as visões estratégicas de país”.

ideológico de esquerda. Para Sader (1995, p.151) ser de esquerda é: “[...] estar de alguma forma, envolvido no processo de democratização brasileira, além dos limites de sua institucionalização, lutando por uma democracia social, por um direito efetivo de cidadania para todos”.

O articulista, ou seja, autor do artigo, Renato Janine Ribeiro, ex-ministro da Educação do governo de Dilma Rousseff, portanto uma voz com propriedade argumentativa para falar sobre Educação. Além disso, vale ressaltar que Renato Janine Ribeiro possui vários artigos publicados no jornal GGN.

Imagem 1 - Enem em tempos de pandemia - Jornal GGN



Fonte: Jornal GGN, 2020.

O artigo analisado surge como resposta à polêmica de adiamento das provas Enem na pandemia. O Jornal GGN, coloca logo abaixo do título um trecho da fala do ex-ministro, questionando o então ministro da Educação Abraham Weintraub, que no dia 05 de maio de 2020, em reunião com líderes do senado, afirmou que as provas do

Enem<sup>4</sup> não seriam adiadas por conta da pandemia. Após esse posicionamento do ministro da Educação houve muita reação por parte da oposição, das organizações estudantis, da sociedade. O artigo de Renato Janine Ribeiro configura-se como uma dessas vozes de oposição. Mantendo uma relação dialógica de distanciamento em relação ao posicionamento do Ministro da Educação.

Essa discussão no Ensino Médio daria voz ao aluno para manifestar seu ponto de vista, integrando-se ativamente numa luta da qual ele (aluno) é personagem central. Um debate que poderia ter espaço também na sala de aula, e não apenas nas redes sociais, pois acreditamos ser papel da escola desenvolver habilidades para uma educação linguística voltada para a criticidade e ética (BAGNO; RANGEL, 2005). Na figura 2 o autor do artigo apresenta uma tese e argumentos em relação a polêmica adiamento das provas ENEM na pandemia. Mas não basta identificar esses elementos na escola, é preciso colocar esse texto em diálogo com um contexto extraverbal, perceber o emaranhado de muitas vozes e interesses que se entrelaçam na defesa de diferentes pontos de vista.

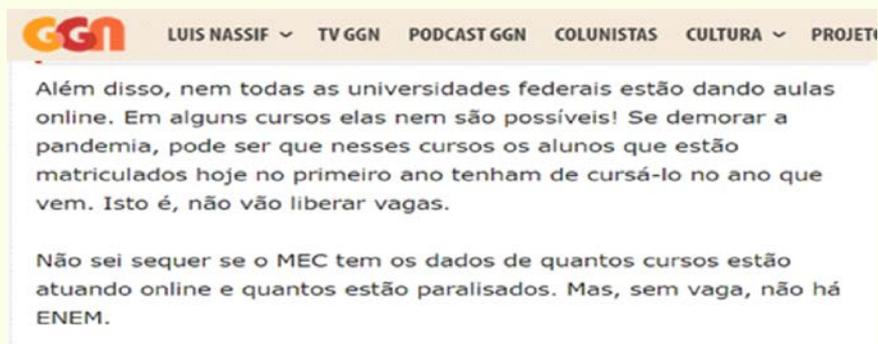
O articulista defende a tese de que não é viável a aplicação das provas Enem no mês de novembro em função da pandemia. Para defender seu ponto de vista, ele inicia destacando a importância do exame Enem, mostrando ser grande conhecedor do assunto, ressalta questões de segurança, de banco de dados de questões, de produção e distribuição das provas em todo o país. Por fim, ele diz: “Não dá para montá-lo à distância”. O articulista não apenas revela um ponto de vista, mas visa

---

<sup>4</sup> Informações retiradas do site: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/05/ministro-da-educacao-diz-a-senadores-que-enem-nao-sera-adiado>

convencer o leitor, mudar uma realidade. Conforme afirmam Boff, Koche e Marinello (2003, p. 3): “O artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa”.

## Imagem 2 - Enem em tempos de pandemia - Jornal GGN



The image shows a screenshot of a website header and a text snippet. The header includes the GGN logo and navigation links: LUIS NASSIF, TV GGN, PODCAST GGN, COLUNISTAS, CULTURA, and PROJETO. The text snippet discusses the impact of the pandemic on federal universities, noting that not all are offering online classes and that some courses are impossible. It mentions that students enrolled in the first year might not be able to complete it in the same year, and that the MEC does not have data on online vs. paralyzed courses, which could affect the ENEM exam.

Fonte: Jornal GGN, 2020.

O articulista traz para seu texto contexto extraverbal, relacionado ao funcionamento das Universidades Federais no momento de pandemia, abordando aspectos que contribuem para sua argumentação em relação ao distanciamento dialógico de refutação ao ponto de vista do ministro da Educação, e a possíveis réplicas futuras, que venham argumentar que as universidades estão dando aulas online, e portanto, as provas Enem devam acontecer nas datas previstas.

O articulista contra argumenta a partir do que imagina que possa ser dito sobre sua fala. Conforme Rodrigues (2001) a refutação por contra argumento sobre algo ainda não dito visa provocar o silenciamento do outro. Por fim, ele dá uma sugestão segundo a qual o

Enem deve ser pensado para 2021 e a partir de estratégias discutidas com a sociedade. O aluno proficiente na leitura desse gênero precisa desenvolver habilidades que o permita perceber as estratégias de argumentação daquele que escreve para convencer o leitor.

Podemos perceber que o artigo é parte de um diálogo já existente, é um ponto de vista sobre esse diálogo, mas não o dá por finalizado. Até a determinação do MEC em adiar as provas do Enem por 30 a 60 dias, houve muita discussão por meio de diferentes gêneros discursivos, como por exemplo, propaganda<sup>5</sup> do MEC para convencer a sociedade sobre a possibilidade de manutenção das datas das provas Enem e a contrapalavra de jovens que reagiram nas redes sociais por meios de vídeos que parodiavam<sup>6</sup> o conteúdo da propaganda do MEC.

Lideranças políticas também lutaram a favor do adiamento: “A proposta, de autoria da senadora Daniella Ribeiro (PP-PB), recebeu o aval de 75 dos 81 senadores. O único voto contrário de quem participou da sessão remota foi o de Flávio Bolsonaro [...]”<sup>7</sup>. Esse projeto foi votado no dia 19 de maio e no dia 20 é anunciado pelo INEP adiamento do Enem por 30 a 60 dias. Para ler ou produzir um artigo de opinião de forma responsiva, crítica, é preciso fazer parte desse grande diálogo, ou seja não apenas ler e discutir um texto, mas conhecer o seu contexto extraverbal. Como defende Bakhtin (2003[1979]), considerar a relação

---

<sup>5</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=LpZzOks9GVI>. Acesso em 24 jul de 2020.

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=OToj7UW0sb4>. Acesso em 24 jul de 2020.

<sup>7</sup> <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/20/Como-a-press%C3%A3o-motivou-o-governo-a-adiar-a-prova-do-Enem>

que os discursos presentes mantêm com vários discursos anteriores, e ainda com possíveis discursos futuros. Diante, disso, precisaríamos ter atividades escolares sobre o ensino de gêneros que fossem encadeadas, sequenciadas, contemplando o ensino do artigo de opinião em várias aulas, a partir de textos que dialogam entre si.

Outro artigo analisado foi o de autoria de Alexandre Lopes, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP):

Imagem 3 - Notícia do INEP sobre Enem na pandemia



The image shows a screenshot of a news article from the INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) website. The article is titled "ARTIGO | Adiar o Enem para quando? Um debate prematuro". The text discusses the timing of the ENEM exam during the pandemic, noting that while there is hope for university enrollment, the current situation makes it premature to discuss postponing the exam. It mentions that INEP and MEC have taken measures to follow the situation and minimize effects, but also that they have signaled the possibility of changing the exam dates. The article concludes that it is fundamental to discuss the postponement of the exam, but that it is necessary to ensure the exam is held in time for university enrollment in 2021, and that postponing the exam multiple times is not reasonable and could lead to insecurity for participants.

**ARTIGO | Adiar o Enem para quando?  
Um debate prematuro**

A definição das datas de aplicação do Enem, nesses tempos de incertezas, mantém acesa a esperança para os jovens de que o seu sonho de ingressar na universidade é possível, porque o Enem está assegurado.

O Inep e o MEC não estão alheios à situação educacional decorrente da paralisação das aulas presenciais, tendo adotado várias medidas para acompanhar a evolução da conjuntura e minimizar os seus efeitos.

Além disso, tanto o Inep quanto o MEC já sinalizaram a possibilidade de alterar as datas de aplicação das provas à medida que o cenário se demonstrar mais definido, tendo em vista que, no momento atual, é prematuro realizar qualquer adiamento.

Em que pese a possibilidade de adiamento da aplicação do Enem ser discutida oportunamente, é fundamental realizar todos os atos necessários à elaboração das provas e à garantia da estrutura necessária para a execução do Exame, sob pena de ele não se realizar, em tempo hábil, para ser utilizado para o ingresso nas universidades, em 2021. Adiar a prova sem embasamento técnico pode ensejar a remarcação de datas por seguidas vezes, o que não é razoável e acarreta um cenário de insegurança aos participantes do Enem.

Fonte: Portal INEP, 2020.

Podemos perceber um posicionamento oposto ao artigo de Renato Janine Ribeiro. Mesmo publicado no dia 18 de maio de 2020, o Inep ainda considerava “prematuro” o adiamento das provas Enem. “Um ponto para reflexão é se o adiamento do Enem é suficiente para superar todas as

dificuldades decorrentes da crise provocada pelo coronavírus. Devemos continuar o debate sobre quais medidas mitigadoras devem ser implementadas”. O autor argumenta dizendo ser o Enem uma esperança para os jovens, como se pode observar nas primeiras linhas do texto. Mas para quais jovens? Haja vista que nem todos os brasileiros possuem as mesmas condições sócio-econômicas e tecnológicas necessárias para continuarem estudando no contexto de pandemia.

Temos na fala de Alexandre Lopes uma ideologia da esfera oficial que visa manter uma ordem vigente, tentando construir a ideia de que todos os estudantes possuem as mesmas condições de igualdade no tocante ao estudo no contexto da pandemia. Amossy (2018, p.243) defende que: “A argumentação depende diretamente do quadro discursivo no qual se desenvolve”. Por isso, analisar um mesmo acontecimento em diferentes espaços jornalísticos, constitui-se como estratégia de leitura necessária para uma compreensão crítica do que é divulgado pela mídia, pois como dito por Souza (2016), a mídia não apenas divulga, mas cria acontecimentos conforme determinados interesses dos grupos dominantes.

## Imagem 4 - Notícia do INEP sobre Enem na pandemia

O Inep apoia o MEC no trabalho para combater as desigualdades históricas da educação básica brasileira, que nos levou à incômoda posição de lanterna na educação na América Latina (dados do PISA, avaliação executada no Brasil pelo Inep).

Até 2019, só existia um Enem por ano, realizado com sucesso pelo Inep, mas que gerava grande ansiedade nos participantes, que só tinham uma data para realizá-lo. Inovamos ao implementar, já em 2020, o Enem Digital, que será ampliado gradativamente até que, em 2026, só haverá a versão digital, a ser realizada em várias datas ao longo do ano.

Além disso, já em 2021, implementaremos o Enem Seriado, utilizando as provas do Novo Saeb para oferecer mais uma oportunidade de acesso à universidade. Assim, no ano que vem, todos os cerca de 2,9 milhões de alunos da 1ª série do ensino médio das escolas públicas e privadas farão o Enem Seriado em suas escolas, em *tablets* fornecidos pelo Inep, valendo o acesso ao tão sonhado ensino superior.

Acesse Configurações para ativar o Win

Fonte: Portal INEP, 2020.

Outro argumento usado pelo autor - ainda no texto da imagem - é o de que se o Enem for adiado durante o contexto da pandemia, terá de ser adiado outras vezes, causando insegurança aos participantes, mas de um lado tinham participantes querendo a permanência das datas, do outro tinham jovens sem condições tecnológicas de acompanhar os estudos na modalidade remota, ou seja, a tese e argumentos do presidente do INEP não levam em conta a desigualdade social existente no Brasil. É uma voz que se alinha ao posicionamento político ideológico do governo, do ministro da Educação. Alexandre Lopes continua sua argumentação ressaltando mudanças no Enem a partir de 2019, ou seja, no governo de Jair Messias Bolsonaro, o que se constitui como uma crítica ao governo do Partido dos Trabalhadores.

No artigo 2, podemos constatar que temos a representação da voz do governo -INEP -, das classes sociais da elite. Temos a voz representativa de uma ideologia dominante que fala em nome de todos, buscando silenciar aqueles que não comungam da mesma

opinião. Contudo, contrapalavra ganhou voz das organizações estudantis, dos jovens que foram às redes sociais manifestar seu posicionamento contrário à opinião do governo. Portanto, esses artigos de opinião dialogam com um contexto extraverbal amplo, que envolve discursos da esfera, política, educacional, jornalística. O artigo de opinião é marcado pela polêmica, pela argumentação, por movimentos de distanciamento e aproximações de muitas vozes, de muitos pontos de vista.

Trazendo tais discussões para sala de aula, retomamos Freire (2002, p. 38), ao afirmar que o espaço pedagógico é um texto a ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito, de tal modo que discussões como estas sobre o ENEM possibilita a elaboração de posicionamentos críticos frente às demandas sociais urgentes e necessárias em tempos de cortes e decisões transversalizadas que prejudicam o cenário de Educação do país. Ser professor de educação linguística (BAGNO; RANGEL, 2005) implica uma tomada de posicionamento político que sugere saber lidar com os fatos e suas implicações, neste caso desenvolver competências com o uso do gênero artigo de opinião ampliando a formação cidadã tão necessária a nossa sociedade.

## Considerações Finais

Entendemos a partir dos dados expostos, que há a necessidade de se discutir aspectos argumentativos e dialógicos do gênero artigo de opinião enquanto objeto de ensino na Educação Básica. Indo além do ensino da

estrutura do gênero, da identificação de uma tese, de uma introdução e de uma conclusão. É preciso ensinar o aluno a construir sentidos, a identificar pontos de vista, argumentos, relacionando aspectos verbais e extraverbais. Somente na retomada do acontecimento social, será possível perceber os efeitos de sentidos de determinadas estratégias enunciativas, de determinados usos linguísticos.

Partimos inicialmente, do pressuposto de que ensinar a língua portuguesa a partir de gêneros discursivos nem sempre garante a formação de leitores e escritores competentes, haja vista que, é necessário adotar metodologias que permitam o aluno a compreender o funcionamento social do gênero, e tal empreendimento não se consegue ensinando um texto como se fosse o próprio gênero. Por isso, fizemos uma análise demonstrativa do gênero artigo de opinião em seus aspectos temáticos, estilísticos e composicionais, relacionados à sua função social de divulgar e discutir temas de interesse social, e ainda ressaltamos, que em sala de aula seria necessário ampliar o estudo desse gênero a partir de mais exemplares de textos, ou seja, de outros artigos. Percebemos que desde o entendimento da função do articulista e sua intervenção direta no artigo, até as diferentes vozes mobilizadas que organizam a discussão sobre o adiamento do ENEM são aspectos necessários para compreensão do gênero artigo de opinião, bem como para a potencialização dos sentidos do trabalho com a Língua Portuguesa na escola.

Dar lugar aos diferentes posicionamentos discursivos através do artigo de opinião em diferentes espaços jornalísticos, constitui-se como estratégia de leitura necessária para uma compreensão crítica e

responsiva do que é divulgado pela mídia. Entendemos que ensinar o gênero artigo de opinião na escola requer a articulação entre diferentes saberes, que direcionam para uma educação linguística planejada e consciente na formação de leitores capazes de reconhecerem as relações dialógicas enquanto relações de sentidos.

## Referências

ALVES FILHO, Francisco. Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES FILHO, F; SANTOS, Eliane Pereira. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. Fórum linguístico, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 78-90, abr./ jun., 2015.

AMOSSY, Ruth. A argumentação no discurso. São Paulo: Contexto, 2018.

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, n. 1, 2005.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. Estética da Criação Verbal. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979].

BAKHTIN, M. M. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929-1930].

BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e Interação. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017.

BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. *ReVEL*, v. 7, n. 13, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].

MILLER, C. R. Gênero como ação social. In: MILLER, C. R. *Estudos sobre: gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. p. 21-44. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel et al. Artigo publicado originalmente em 1984.

RODRIGUES, R. H. A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo. 2001. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SADER, Emir. *O anjo torto: esquerda (e direita) no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, E. P. A intertextualidade na construção argumentativa do artigo de opinião. *Diálogo das Letras, Pau dos Ferros*, v. 02, n. 01, p. 300 - 314, jan./jun. 2013.

SOUZA, Jessé. *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

# ANÁLISE LINGUÍSTICA DE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS: uma abordagem da gramática contextualizada

Elayne Cristina da Silva, UFMA

Michelle Silva de Oliveira, UFMA

Importantes meios de comunicação, os anúncios publicitários e as propagandas fazem parte do nosso dia a dia. Embora sejam considerados sinônimos, ambos não significam a mesma coisa. Pois, a propaganda possui um teor ideológico que pode influenciar o homem em diferentes aspectos, como o político, cívico ou religioso. Enquanto o anúncio tem objetivos comerciais, que levam o desejo de compra e conseqüentemente à ação.

Assim sendo, a proposta desse artigo se constitui a partir da análise do uso dos verbos imperativos em anúncios publicitários da internet, divulgados no YouTube, pelas Lojas Renner e pela Riachuelo. Trata-se de uma abordagem sobre a linguagem apelativa utilizada por esse gênero, tendo em vista o público leitor e a função social do gênero.

O anúncio publicitário das Lojas Renner - Experimenta foi publicado em julho de 2010, tem aproximadamente trinta e cinco segundos de duração, e é destinado ao público adulto, visando o consumo de roupas a partir de um roteiro constituído apenas de verbos no imperativo, que estão ligados ao universo feminino. Já

o anúncio da Riachuelo - Moda Casa Julho, publicado em junho de 2018, com aproximadamente trinta segundos de duração, apresenta um conteúdo temático direcionado ao público adulto em geral, e é marcado pela presença de um cachorro falante, atribuindo as qualidades do animal (lealdade, companheirismo e carinho) ao consumidor.

Escolhemos os dois anúncios publicitários devido à popularidade de ambas as lojas no cenário comercial brasileiro. Por se tratarem de lojas altamente reconhecidas, refletimos sobre a importância de analisar o conteúdo linguístico utilizado nos dois anúncios, uma vez que o anúncio publicitário tem a finalidade de construir uma espécie de necessidade de consumo a partir de jogos linguísticos, que envolvem a palavra e a imagem. Diante disso, os anúncios escolhidos têm em vista tanto as questões ligadas à (in) segurança da mulher em relação a vida amorosa em que as Lojas Renner se apropriam para apresentar o seu produto, quanto o da representação de um cenário divertido com um cachorro falante demonstrados pela Riachuelo para destacar as qualidades de um bom consumidor.

Para tanto, recorreremos à concepção de gêneros discursivos discutidos por Bakhtin (2003) e Marcuschi (2008), aos conceitos e definições de propaganda e anúncio publicitário apresentados por Gonzalez (2009), e por fim refletiremos sobre o ensino da gramática contextualizada no ensino de língua portuguesa propostos por Antunes (2014).

## Gêneros do Discurso: algumas considerações conceituais e a relação com o ensino da gramática

Para Bakhtin (2003[1979]), os gêneros discursivos são capazes de acompanhar o ritmo do tempo e de se adaptar às mudanças que ocorrem no mundo. É ao longo dessas mudanças que ganham uma nova vestimenta. O gênero carta, por exemplo, um dos mais importantes meios de comunicação no dia a dia, com o advento da tecnologia, passou a dividir espaço com o e-mail, que corresponde ao perfil da sociedade moderna, ratificando a ideia de que os gêneros discursivos mudam de acordo com as necessidades dos usuários e se encontram dentro de uma perspectiva real de mundo, em que considera a língua como uma atividade humana, dentro de um plano concreto.

Bakhtin conceitua gênero discursivo como qualquer manifestação verbal organizada em enunciados, seja ela oral ou escrita.

*O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262)*

Para o autor, o falante escolhe o gênero conforme os objetivos específicos em uma dada situação. Desse modo, o gênero orienta as escolhas linguístico-estilísticas do falante, indicando o que pode ser dito e a partir de quais recursos linguísticos e discursivos. Cada gênero possui um estilo relativamente próprio, por isso a depender do gênero, um mesmo assunto será abordado de forma diferente, pois não se fala do mesmo jeito em todos os gêneros.

*O gênero é uma escolha que leva consigo uma série de consequências formais e funcionais. A própria seleção da linguagem segue a decisão do gênero e seu funcionamento discursivo no contexto pretendido. Na realidade, se observamos como agimos nas nossas decisões na vida diária, dá-se o seguinte: primeiramente, tenho uma atividade a ser desenvolvida e para a qual cabe um discurso característico. Esse discurso inicia com a escolha de um gênero que por sua vez condiciona uma esquematização textual (MARCUSCHI, 2008, p. 85).*

Marcuschi (2008), a partir da perspectiva bakhtiniana, também é um importante estudioso dos gêneros. Ambos defendem a ideia da comunicação através do gênero. O autor também defende a ideia de que os gêneros não são estáticos, podendo se transformar dia após dia, conforme as mudanças que ocorrem na sociedade, a exemplo, o avanço dos veículos de comunicação na esfera jornalística, como o rádio, a televisão e a internet, que passaram a transmitir a notícia de maneira mais rápida, possibilitando ao leitor a oportunidade de expor seu posicionamento em relação ao

que está sendo transmitido. Marcuschi observa a língua muito além de práticas gramaticais, defendendo como uma atividade humana, um conjunto de práticas sociais, que nos permitem observar a língua em seu sentido real.

*[...] Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula (MARCUSCHI, 2008, p. 84).*

Dessa forma, o contexto é inerente a comunicação oral e escrita, não sendo apenas um elemento externo. Pois, os sentidos e as intenções que utilizamos para nos comunicarmos só adquirem um sentido real quando estão inseridos aos fatores extralinguísticos.

## Anúncio publicitário e propaganda: concepções

Importantes meios de comunicação, os anúncios publicitários e as propagandas fazem parte do nosso dia a dia. Seja na televisão, na internet, no rádio ou de forma impressa, esses dois gêneros discursivos caracterizam-se por estabelecer uma comunicação direta com os leitores e também o poder de persuadir o consumidor.

Embora sejam considerados sinônimos, os gêneros anúncio publicitário e propaganda não significam a mesma coisa. Segundo Gonzalez (2009, p.7): “[...] a propaganda pode ser definida como ações de atividades ideológicas que tendem a influenciar o homem, com

objetivo político, cívico ou religioso. É o ato de propagar ideias, princípios e teorias sem o fator comercial". Já a publicidade "[...] é conceituada como a arte de tomar público, divulgar um fato ou uma ideia, já com objetivos comerciais, uma vez que pode despertar o desejo de compra, levando-o à ação".

Desse modo, a principal característica que distingue os dois gêneros é que o anúncio publicitário tem como objetivo despertar no consumidor o desejo de compra por meio de uma linguagem apelativa, enquanto a propaganda busca sensibilizar o leitor através de uma linguagem persuasiva que visa difundir comportamentos e ideais nos âmbitos políticos, religiosos, econômicos, etc.

No que se refere à linguagem, em ambos os gêneros, há predominantemente o uso dos verbos no modo imperativo, o que representa o desejo de se exprimir uma ordem ou aconselhamento. Há também o uso da linguagem verbal e não verbal, recorrendo constantemente ao uso de imagens que causam efeitos de sentidos no leitor, levando-o ao convencimento dos ideais propostos. Para Rojo e Barbosa (2015) o uso da linguagem verbal e não verbal é característica do texto multimodal ou multissemiótico, ou seja, aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de símbolos ou signos em sua composição.

Segundo as autoras, para entendermos os efeitos de sentido e para análise dos textos da contemporaneidade, temos que levar em consideração a multimodalidade, que constitui o texto, e das mídias em que esse texto foi produzido. Tratando-se da internet, um dos principais veículos de comunicação da atualidade, os anúncios publicitários, foco deste artigo, apresentam-se cada vez mais presentes, ou seja, aparecem de maneira

aleatória em determinados momentos, e de certo modo causam até um certo incômodo. São tantas informações e “benefícios”, que o leitor acaba perdendo-se diante de tantos apelos, uma hora é a capsula “milagrosa” que faz a pessoa emagrecer da noite para o dia, outrora são os produtos “imprescindíveis” para a vida do ser humano.

Por outro lado, tais elementos podem ser utilizados como forma de reflexão a respeito dos recursos linguísticos usados para chamar a nossa atenção enquanto leitores, e principalmente como consumidores. Pois segundo Gonzalez (2009) com o avanço da globalização e da internet, o cenário publicitário teve que acompanhar as mudanças ocorridas ao longo do tempo, fazendo com que as pessoas sintam a necessidade de adquirir os produtos oferecidos pelas lojas através dos anúncios.

## Gramática contextualizada: uma abordagem interacional do ensino de língua portuguesa

De acordo com Antunes (2014) a gramática contextualizada está relacionada àquilo que não acontece “despregada” de uma prática social qualquer da linguagem, e sim dentro de um plano real oral e escrito do português contemporâneo, ou seja, a gramática está dentro um contexto discursivo, relacionada ao ambiente em que estamos inseridos e também com os sujeitos que participam da comunicação. Não há dúvidas que a teoria é uma das principais formas de aprendizado dos professores, mas devemos ficar atentos na maneira pela qual o ensino de língua portuguesa está acontecendo em nosso país.

Para entender melhor essa relação, Antunes (2014) destaca a importância da ampliação dos programas de estudo oferecidos nas escolas. Com o intuito de fazer a adesão de estratégias metodológicas para explorar a gramática de maneira contextualizada, que leva em consideração não só os elementos constituintes do texto, e sim o processo na qual ele é produzido.

Tendo em vista os programas de estudo, notamos que o livro didático é na maioria das vezes a principal ferramenta utilizada pelo professor, dependendo da metodologia utilizada o ensino da gramática pode ficar apenas no plano estrutural da língua. Antunes (2014) atenta para essa problemática questão de tratar a gramática em um quadro mais geral sobre o ensino da língua, criticando um ensino feito somente por meio de frases soltas e de textos que não agregam tanta coisa para o ensino da língua como forma de interação entre os indivíduos.

*Para essa proposta, me inspiro, sobretudo, no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que distribui os critérios de avaliação das obras em quatro eixos: oralidade, leitura, produção de textos, conhecimentos linguísticos. Essa distribuição me parece relevante, pois, além de discriminar o todo do que seria esse objeto de ensino, inclui a gramática em um quadro mais geral, aquele dos “conhecimentos sobre a língua”, neutralizando um pouco a fixação tão arraigada na cabeça de nós todos de que estudar português, por exemplo, é apenas estudar sua gramática, quer dizer, seu componente gramatical. (ANTUNES, 2014, p. 95-96, grifo do autor)*

Nesse sentido, é importante ressaltar que muitos professores são fruto de um ensino tradicional de gramática, o que influencia diretamente no ensino de uma gramática irrelevante, pouco interativa e de certo modo tediosa. Muitas vezes as metodologias parecem ser voltadas para alunos que estão lidando com uma língua que é completamente diferente do português que utilizamos, uma vez que esse ensino se pauta em um conjunto de regras desenvolvidas a partir de frases soltas, desconectados do plano real das circunstâncias de uso.

Em plena era das novas tecnologias no meio da comunicação, é preciso pensar em meios de desenvolver atividades pedagógicas que despertem nos alunos o gosto pela leitura, e sobretudo para adquirirem autonomia para se tornarem leitores críticos. O ensino de língua materna precisa contemplar metodologias mais significativas.

Convergindo com as ideias de Bakhtin (2015[1934-1936]) entendemos que os gêneros discursivos devam ser o centro dessas atividades. Assim, as atividades de reflexão sobre a linguagem se tornaram mais próximas do uso real da língua, portanto, mais significativas para os alunos. O próprio meio tecnológico dispõe de elementos que podem se tornar um excelente recurso pedagógico, como por exemplo o gênero meme, os comentários online, os cyberpoemas, os anúncios publicitários, os blogs, dentre outros, nos quais podem ser analisados os mecanismos linguísticos e semióticos, como a análise dos pronomes, das conjunções, da linguagem verbal e não verbal, dos conectores, etc. Como diz Antunes (2003):

*Dessa forma, o professor encontra condições para deixar de ser o mero repetidor de uma lista de conteúdos, iguaizinhos de ano a ano, em qualquer lugar ou situação - conteúdos, muitas vezes, alheios à língua que a gente fala, ouve, escreve e lê.*

*(ANTUNES, 2003, p. 35)*

Entendemos que ensinar Língua Materna na escola, a partir dos gêneros discursivos, é oportunizar aos alunos condições de refletirem sobre a função social dos textos, sobre a importância do destinatário nas escolhas linguísticas, analisar efeitos de sentidos e intenções do enunciador a partir do uso de determinados recursos linguísticos em detrimento de outros. Como dito por Bakhtin (2015[1934-1936]) todos os recursos linguísticos são carregados de valoração, ou seja, são usadas para atender a determinados propósitos comunicativos.

A questão não se trata de reinventar o ensino, e sim de utilizar aquilo que já temos. Portanto, devemos utilizar, de acordo com os PCNS (1998), os diferentes gêneros discursivos orais e impressos, e agora na contemporaneidade, os gêneros digitais também. Eles proporcionam maior interatividade e o uso de diferentes linguagens ao mesmo tempo. A interatividade, dinamicidade e multissêmico características dos textos no espaço virtual contribuem para pensarmos a necessidade de ensinar uma gramática contextualizada, ou seja, o ensino de uma gramática a partir do uso real da linguagem, considerando que os elementos extralinguísticos condicionam os sentidos da comunicação verbal e não verbal, demonstrando a função semântica dos elementos estruturais da linguagem, como os verbos, os pronomes, os adjetivos, associados a outras linguagens.

## Anúncios publicitários: análise linguística numa perspectiva no ensino de gramática contextualizada

O corpus da pesquisa compõe-se de dois anúncios publicitários: o anúncio das Lojas Renner - Experimenta, publicado em julho de 2010, construído apenas por verbos imperativos, que estão diretamente ligados ao universo feminino, fazendo uma analogia as dúvidas e os receios da mulher; e o anúncio da Riachuelo - Moda Casa Julho, publicado em junho de 2018, construído por frases "ditas" por um cachorro que incentivam o leitor a comprar produtos de casa e banho que estão na promoção. A escolha dos anúncios em vídeo, disponíveis no YouTube, ocorreu pelo fato de serem formados em sua maioria por verbos no imperativo, facilitando o entendimento da função desse dentro um contexto situacional, através do jogo entre a linguagem verbal e não verbal. Além disso, a plataforma Youtube possui facilidade de acesso, e promove a disseminação em massa de informações e da venda de produtos.

O anúncio das Lojas Renner - Experimenta (2010) é construído apenas por verbos imperativos, que são: beija, liga, fica, chora, vai, muda, aceita, faz, come, pede, leva, experimenta a Renner. Apesar da simplicidade há uma riqueza de sentidos que estão intrinsecamente ligados ao conteúdo do vídeo, dentre os quais as imagens contribuem para compreender melhor a relação dos verbos e das intenções de incentivar a compra dos produtos da Renner.

Nesse sentido iremos expor recortes do vídeo através de imagens, para que se possa entender melhor a

relação dos verbos dentro do anúncio publicitário, atribuindo possíveis sentidos a cada um deles.

Figura 1 - Print screen do Filme da campanha Experimenta/2010



Fonte: YouTube, 2019.<sup>8</sup>

Em toda relação, seja ela afetiva ou amorosa segue-se uma sequência, que vai desde captar a atenção do outro, até o convite para coisas novas, mas para que o convite ocorra é necessário confiança, construída em um espaço de tempo por pequenas atitudes, ou seja, a base de toda relação de sucesso é construída pelo tripé: atenção, atitudes boas e confiança. Estratégia utilizada no anúncio Experimenta das Lojas Renner.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7lmy2D4uFo&feature=youtu.be>. Acesso em: maio 2019.

Retomando a fala de Gonzalez (2009), o anúncio publicitário trabalha a todo instante em cima dos desejos de consumo do interlocutor, levando-o a se encontrar naquela mensagem, e se ver enquanto protagonista daquela história, e convencê-lo a adquirir um produto. A estratégia do anúncio está no tripé já mencionado, observe que se trata de uma loja de roupas, mas o primeiro verbo é beijar, porque consegue captar a atenção, diferente do verbo comprar, que está ligado aos recursos financeiros.

Ao conseguir a atenção, o anúncio dá início a uma sucessão de conselhos que preparam um terreno para a estratégia final, o convite. A intenção não é apenas aconselhar, é conseguir a atenção do interlocutor para convencê-lo a experimentar coisas novas, nesse caso, experimentar os produtos das Lojas Renner. São apenas trinta e cinco segundos de conteúdo, porém cada verbo tem um papel importantíssimo no processo de convencer alguém a realizar algo e isso só é possível pelo efeito ideológico que esses verbos causarão em um público principalmente feminino, parece simples, mas cada verbo está ligado às incertezas do universo da mulher. Veja a seguir:

**Beija:** as incertezas do primeiro encontro. Esse verbo aconselha a mulher a tomar uma atitude mais ousada, ou seja, a realizar o seu desejo.

**Liga:** a insegurança de tomar atitudes e o sentimento de saudade. Embora haja um possível sentimento é difícil dar o primeiro passo, há a ideia de que deve partir do homem a primeira atitude. O verbo liga encoraja uma mulher a deixar de lado o orgulho e procurar quem ela gosta.

Figura 1.1 - Print screen do Filme da campanha Experimenta/2010



Fonte: YouTube, 2019.<sup>9</sup>

**Fica:** Mesmo diante de conflitos e possíveis desilusões, o conselho é ficar, tentar outra vez. Representa o desejo de continuar no relacionamento. Na imagem acima há duas escovas lado a lado, ambas representam a mulher (escova rosa) e o homem (escova azul) na permanência do relacionamento amoroso. Nesse sentido podemos observar a importância da contextualização do verbo fica com o par de escovas no copo.

**Chora:** as decepções. Nem sempre as coisas serão como esperamos, mesmo insistindo as vezes é hora de partir, isso irá doer, mas logo tudo ficará bem.

---

<sup>9</sup> Idem.

Figura 1.2 - Print screen do Filme da campanha Experimenta/2010



Fonte: YouTube, 2019.<sup>10</sup>

Figura 1.3 - Print screen do Filme da campanha Experimenta/2010



Fonte: Youtube, 2019.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem.

**Vai:** a determinação. Talvez tenha sido frustrante, algo que a magoou muito, então é hora de ir embora. Observe que na imagem acima há somente a escova azul no copo, a escova rosa é retirada, demonstrando que o relacionamento chegou ao fim.

**Muda:** o desejo de recomeçar. Na imagem representada a mulher está cortando o cabelo, o que demonstra o seu o desejo de mudar o visual e de se revigorar após o término do relacionamento. Essa mudança estética sugere então que o recomeço deve começar a partir dos elementos físicos, que posteriormente desencadeiam em sugestões a partir de verbos que aconselham a mulher a fazer compras.

**Aceita:** sentimento de aceitar algum pedido. Depois de todos os acontecimentos é hora de tomar novas decisões, a vida não pode estacionar.

**Faz:** não ter medo, fazer o que gosta. Diante de todas as mudanças e do sofrimento é preciso aproveitar todos os momentos da vida, sem ter medo de julgamentos.

Figura 1.4 - Print screen do Filme da campanha Experimenta/2010



Fonte: YouTube, 2019.<sup>12</sup>

**Come:** não se pretender aos padrões de beleza impostos pela mídia. Nesta imagem a mulher está admirando vários doces de uma confeitaria, o que representa a quebra dos valores impostos pela sociedade de que a mulher deve estar sempre de dieta para manter o corpo “perfeito”.

**Pede:** necessidade de adquirir algo. Por se tratar de um anúncio publicitário em que os verbos no imperativo aconselham o consumidor a comprar algo, a partir desta imagem podemos entender que o verbo pede relacionado a imagem da mulher que acabara de passar pelo fim de um relacionamento e que tem o desejo de estar contente novamente, representa o desejo dela em pedir/adquirir algum bem material para satisfazer a sua felicidade. O anúncio é constituído como uma espécie de mosaico, mas

---

<sup>12</sup> Idem.

ao observar as palavras fora do contexto é apenas uma sequência sem sentido atualizado (beija, liga, fica, chora, vai, muda, aceita, faz, come, pede, leva, experimenta a Renner), no entanto, quando acompanhadas de imagens ganham um significado totalmente coerente, e o todo começa a ganhar vida. O êxito de trabalhar a partir de um contexto está no fato do aluno conseguir acompanhar uma linearidade, na qual os elementos não se isolam, mas se unem a outros para a construção de sentido.

Figura 1.5 - Print screen do Filme da campanha Experimenta/2010



Fonte: YouTube, 2019.<sup>13</sup>

**Leva:** desejo de compra. Para ratificar a ideia de adquirir um bem material, nesta imagem a mulher pega várias peças de roupa para satisfazer o seu desejo de consumo. Porém, essas roupas não são de qualquer lugar, são das

---

<sup>13</sup> Idem.

Lojas Renner, conforme podemos observar a partir da análise da imagem e do verbo seguinte.

Figura 1.6 - Print screen do Filme da campanha Experimenta/2010



Fonte: YouTube, 2019.<sup>14</sup>

**Experimenta:** convite a experimentar os produtos da Renner. Por fim, a partir desta imagem podemos constatar que a mulher deve experimentar a levar produtos para poder ficar bem consigo mesma, mas esses produtos não podem ser de uma loja qualquer, eles têm que ser das Lojas Renner, ratificando a ideia proposta por Gonzalez (2009) em que afirma que a função do anúncio é convencer para vender seus produtos, enfatizando o fato de que será nas Lojas Renner que você encontrará itens feitos exclusivamente para você, afinal “Você tem seu estilo. A Renner tem todos”.

A partir da análise linguística e das imagens retiradas do anúncio, note que os verbos se ligam às supostas fases de um relacionamento amoroso e a

---

<sup>14</sup> Idem.

autonomia da mulher após possíveis termos, que vão desde as inseguranças no primeiro encontro como o verbo beija até o verbo experimenta que está ligado ao sentimento de superação através da compra de roupas, desencadeando mudanças no visual e o “empoderamento” feminino.<sup>15</sup>

Também disponível no Youtube, o anúncio publicitário da Riachuelo - Moda Casa Julho (2018), é construído por frases “ditas” por um cachorro que incentivam o leitor a comprar produtos de casa e banho que estão na promoção. Essas frases, contém repetidamente o uso da forma verbal *seja*<sup>16</sup> e fazem uma analogia as características de um cachorro, atribuindo suas qualidades ao consumidor que compra na Riachuelo, note na transcrição linguística abaixo:

*Nas tuas férias **seja feliz como eu.*** O próprio ambiente do vídeo traz a ideia de felicidade, pois retrata a diversão e o prazer das férias.

***Seja um bom companheiro** com essa manta de R\$ 39,90.* Demonstra a necessidade do consumidor em ser fiel a loja, pois só assim ele consegue ser “feliz” de verdade.

*Curta uma boa história com um jogo de cama ou manta queen por R\$ 39,90.* Mais uma vez, expressa um momento de alegria que só pode ser contemplado através da compra do produto da Riachuelo.

---

<sup>15</sup> O empoderamento feminino é o ato de conceder o poder de participação social às mulheres.

<sup>16</sup> *Seja* é a forma conjugada do verbo ser no presente do subjuntivo, na 1.<sup>a</sup> ou na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, ou no imperativo, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular.

**Seja bom de faro na compra de uma toalha gigante, ganhe uma de rosto.** O imperativo neste caso está ligado a compra da toalha, que no vídeo é usada pela criança e seu pai durante um momento de férias, e que também exemplifica que quem tem um bom de faro é quem na Riachuelo.

**Seja dorminhoco com cortina blackout por R\$ 69,90.** Neste caso, o imperativo tenta convencer de que é preciso comprar a cortina para dormir bem, e esse ato é demonstrado pela presença de uma família “perfeita” dentro de um ambiente agradável.

**Seja um amigo brincalhão com um kit colcha por R\$ 79,90.** Novamente, o imperativo faz uma alusão a diversão das férias, na qual um amigo só pode ser brincalhão se comprar o kit colcha.

*Aproveite as ofertas da Riachuelo Casa.* Quase finalizando, o verbo *aproveitar* reforça a importância de adquirir os produtos que estão na promoção.

**Seja você. Seja feliz.** E, para finalizar, a forma conjugada do verbo *ser* enfatiza o sentimento de felicidade, que estrategicamente está ligado à necessidade de compra de bens materiais.

Figura 2 – Print screen do anúncio publicitário da Riachuelo – Moda Casa Julho



Fonte: YouTube, 2019.<sup>17</sup>

Nesse sentido, pode-se afirmar que quem compra na loja conseqüentemente fica feliz, pois os produtos estão na promoção e o ambiente retratado no vídeo é de total descontração, livre dos problemas do dia a dia, ou seja, de pura paz e alegria.

Como já dito anteriormente, os verbos no modo imperativo são usados para expressar ordens ou aconselhamentos, e por esse motivo são muito utilizados nos anúncios publicitários. Vimos que nos dois anúncios analisados a utilização dos verbos imperativos são importantes ferramentas para se trabalhar a leitura dos alunos, uma vez que analisados dentro dos vídeos constituem diferentes sentidos que estão atribuídos ao uso da linguagem verbal e não verbal.

Trazar essa perspectiva para dentro da sala de aula refletirá diretamente na aprendizagem do aluno, que irá aprender a reconhecer não apenas os elementos

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://youtu.be/49ORYXTQuBw>. Acesso em: maio 2019.

gramaticais, mas sua função dentro do contexto. Assim como propõe Antunes (2014), a gramática contextualizada nada mais é do que o estudo dos itens gramaticais dentro de um contexto situacional, nesse caso, os verbos no imperativo são microestruturas que se unem para a significação macroestrutural do anúncio, e contribuir para o objetivo final, vender.

## Considerações finais

As novas tecnologias permitiram uma maior distribuição de materiais de cunho comercial. As grandes plataformas disponíveis na Internet são permeadas por milhões de anúncios publicitários que a todo instante buscam envolver o leitor diante de ações comunicativas. Esses novos veículos informacionais permitem um aperfeiçoamento do marketing e um melhor desenvolvimento dos recursos utilizados para capturar a atenção do consumidor, utilizando-se de recursos linguísticos para enriquecer a atividade discursiva.

Os anúncios analisados possuem verbos no imperativo e uma linguagem conotativa como os principais recursos discursivos utilizados. O das Lojas Renner é construído apenas com verbos no imperativo, o qual traça um paralelo entre as inseguranças referentes ao universo feminino; enquanto o da Riachuelo apresenta através de um cachorro falante as características de um bom companheiro. De acordo com as análises se constatou que a preferência pelos verbos no imperativo justifica-se por se tratar de uma linguagem simples e objetiva, na qual o emissor consegue dentro de poucos instantes persuadir o

consumidor, ou seja, a escolha por esse modo em especial, é estrategicamente apelativa, uma vez que é caracterizado por verbos que representam um conselho, e dependendo de como está associado ao conjunto, tem forte influência sobre o consumidor.

Com base nos estudos e abordagens elaboradas é possível inferir que ensinar gramática está muito além de apenas decifrar regras aleatórias. A gramática precisa ser compreendida a partir de suas situações reais e não apenas em um amontoado de frases soltas. As análises nos mostram como o gênero anúncio publicitário pode ser um recurso eficiente nas práticas pedagógicas, tornando o ensino dessa gramática menos doloroso e entediante, estudada dentro de um contexto, como parte integrante da atividade humana.

## Referências

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Teoria do romance I: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015. 256 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 4 abr. 2019.

GONÇALEZ, Márcio Carbaca. Publicidade e Propaganda. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

MARCHUSCHI, Luíz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, Roxane Helena R.; BARBOSA, Jacqueline P. Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 152 p.

# **VIOLÊNCIA VERBAL EM COMENTÁRIOS ONLINE: uma reflexão crítica e ética na leitura e produção textual**

Aline Rocha Silva, UFMA

Raphael Willyans Silva Nascimento, UFMA

**A** publicação de comentários online no espaço jornalístico tem uma velocidade enorme no meio social, as ideias divergentes proporcionam um embate, ocasionando discursos, muitas vezes, carregados de violência verbal. O jornalismo online possibilita ao leitor a inserção de comentários nas redes sociais. Isso permite maior interação com o meio jornalístico. O internauta pode argumentar, criticar e colocar seus posicionamentos ideológicos. Desta forma, o jornalismo no ciberespaço ganha cada vez mais adeptos pela sua facilidade de acesso através de aparelhos celulares, smartphones e computadores, os quais estão disponíveis em suas mãos. Portanto, todos estes aparelhos contribuem para a interação sociocomunicativa dos sujeitos no espaço virtual. Segundo Squirra (1998), as opiniões ampliam a função do jornalismo impresso ou tradicional. Trazendo isso para o novo contexto de jornalismo online essa função ainda é mais expressiva com o comentário online, que pode ser divulgado em diferentes redes sociais.

A violência verbal está cada vez mais presente nos discursos da internet, onde os argumentos divergentes

viram uma afronta para o embate. O ataque verbal se espalha e toma proporções irreparáveis, nas quais as palavras de baixo calão, opiniões agressivas acontecem pelo simples fato de não haver concordância entre os usuários, seja pelos pensamentos diferentes, ideologias diferentes e percepções de mundo diferentes. Isso motiva a agressão verbal. De acordo com Cunha (2013), é preciso pensar muito bem antes de dizer algo na *internet*, pois suas palavras podem ajudar o próximo ou levá-lo a um completo declínio.

Desta forma, é extremamente importante trabalhar o comentário online em sala de aula, principalmente na educação básica, pois, as análises dos comentários online permitem aos professores possibilidades metodológicas tais como: analisar marcas de violência verbal, trabalhar temas transversais da ética e da moral. Assim, o gênero comentário *online* pode ser objeto de ensino de leitura e produção textual, tendo em vista a formação ética e crítica dos alunos na Educação Básica.

A notícia que será analisada foi retirada do portal Diário do Poder<sup>18</sup>, que foi lançado em julho de 2013 para cobrir e analisar exclusivamente notícias sobre política, poder e bastidores no Brasil. O DP é extremamente expressivo e está presente nas principais redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, YouTube) e acumulou expressivo seguimento em poucos meses. A manchete das nossas análises foi postada na Coluna Cláudio Humberto no Diário do Poder que é tri-campeã do Prêmio Engenho

---

<sup>18</sup> O Diário do Poder - Apenas em seu segundo ano - recebeu o prêmio do Melhor Site de 2015 no prêmio Engenho de Comunicação. Iniciado na internet, o conteúdo é atualmente reproduzido em 44 jornais em todo o país, como a rede Metro, conhecido como “o maior jornal do mundo” (em São Paulo, Brasília, Rio, BH etc.).

de Comunicação. O jornalista CH também foi premiado na de Melhor Programa de Rádio, em 2015 e 2016. No DP, a série de reportagens que desencadeou duas operações da Polícia Federal, em Alagoas, recebeu o Prêmio Braskem de Jornalismo 2017. Autor das reportagens, o jornalista Davi Soares recebeu o troféu, na cerimônia de entrega da premiação mais importante do Jornalismo de Alagoas.

## Gêneros digitais: novas formas de interação e a necessidade de novas metodologias de ensino de língua portuguesa

De acordo com as discussões de Rojo (2013), podemos dizer que os gêneros digitais proporcionam novas perspectivas de interação na sociedade, novas formas de multiletramentos na linguagem e na vida social. A informação é divulgada e expandida no espaço digital, com velocidade e torna-se acessível a um número muito grande de pessoas.

Conforme Marcuschi (2005), os gêneros digitais surgiram como uma nova ferramenta de comunicação e transmissão de conteúdo, uma verdadeira evolução no processo comunicativo, na era da modernidade, em que os níveis de fala e linguagem estão presentes. Os novos letramentos digitais são consequência dos avanços tecnológicos, que estão relacionados a uma nova mentalidade, que pode ser exercida por meio de novas tecnologias digitais. Conforme o mesmo autor, os gêneros digitais são de extrema importância no ambiente educacional, um forte aliado no ensino aprendizagem e no estudo da língua portuguesa, apresentando novas formas

de linguagens. Trabalhar gêneros digitais em sala de aula facilita o processo de ensino do professor e auxilia o ensino aprendizagem dos alunos, por ser uma ferramenta que está presente no cotidiano dos alunos.

Os gêneros digitais são de extrema importância no âmbito educacional, na qual apresentam novas linguagens: hipertextual e hipermediática, enfatizando as novas formas de multiletramentos no ambiente escolar, possibilitando assim, novas metodologias de ensino da língua portuguesa. Deste modo, é importante que haja o diálogo entre as novas linguagens tecnológicas e os processos de ensino aprendizagem de língua portuguesa para facilitar a circulação de conhecimentos tanto por parte dos professores como dos alunos.

*Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Contudo, sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. (MARCUSCHI, 2005, p. 16).*

Conforme o autor, os gêneros são extremamente versáteis e apresentam características comunicativas ao lado do papel e do som. Levando em consideração os aspectos sociais, a *internet* é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento e de interação. Que se for bem aproveitada, será uma ferramenta indispensável no processo de expansão da linguagem.

A respeito das perspectivas de Rojo (2013), é considerável dizer que a introdução da tecnologia e dos materiais didáticos digitais em sala de aula é importante e

necessária para escola, pois assim a mesma estará inserida no contexto tecnológico. Ressaltando o que já foi dito, trabalhar gêneros digitais em sala de aula facilita o processo de ensino do professor auxiliando de forma positiva o ensino aprendizagem dos alunos, pois esses gêneros estão associados ao cotidiano dos mesmos que estão inseridos no meio digital. Com o uso dos gêneros digitais em sala de aula, o educador proporciona uma aula mais leve, dinâmica e diferenciada, despertando interesse nos alunos, pois o mesmo apresentará um dinamismo e domínio tecnológico na sala de aula. Por exemplo, quando o educador instiga o uso de pesquisas na *internet*, ou quando o mesmo cria grupos em *WhatsApp*, ele está fazendo uso de gêneros digitais presentes na modernidade e está inserindo no meio educacional. Desta forma a escola precisa se adequar de acordo com a modernidade digital, para que acompanhe o ritmo dos novos meios tecnológicos.

Partindo desse pressuposto Marcuschi (2002), ressalta que a internet possibilita novas formas de comunicação, novas formas de linguagens verbais e escritas que podem ser inseridas e discutidas em sala de aula, como as, peculiaridades da língua e suas características estruturais de uso e funcionamento no meio online. Trabalhando a oralidade e a escrita através dessas observações do dia a dia, do meio digital e do universo escolar, partindo dos gêneros digitais presentes na era da contemporaneidade como o gênero notícia. Podemos dizer que:

*Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa (MARCUSCHI, 2002, p. 01).*

De acordo com o autor, os gêneros textuais se expandem no universo da comunicação social e contribuem na interação entre os indivíduos pertencentes de uma sociedade, através dos distintos gêneros existentes, que englobam novas formas de comunicação tanto na oralidade quanto na escrita.

## Considerações sobre o funcionamento do gênero comentário online sobre a notícia

Segundo Cunha (2013), o comentário *online* está presente no cotidiano de milhares de pessoas, é uma nova forma de interação entre os usuários da *internet*, é um gênero que se perpetua em todos os tipos de redes sociais na era tecnológica:

*A internet permite a difusão de uma massa de documentos em tempo real, destinados a ser lidos, comentados, enriquecidos e aprofundados instantaneamente por milhões de internautas. Jornais, revistas e periódicos optam cada vez mais pela difusão nos seus sites da internet, nas redes sociais. (CUNHA, 2013, p. 03).*

Nesse parâmetro de vinculação com a *internet*, o comentário *online* é uma prática discursiva que tem sua finalidade e objetividade, na qual o leitor se apropria do discurso e constrói novos discursos submetendo a diversas interpretações a respeito das notícias que circulam na rede comunicativa.

O comentário eletrônico na perspectiva de Marcuschi (2005), está presente em todas as plataformas digitais, sendo de forma crítica ou lúcida, o seu funcionamento consiste na perspectiva analítica de cada indivíduo, na forma como vê o mundo e as coisas ao seu redor. Essa prática discursiva se torna intrigante em aspectos depreciativos, que leva o leitor a um estado de martírio, ao ser violentado no espaço *online*. Cunha (2013, p. 16) afirma que o comentário pode ser:

*O comentário é, portanto, uma prática discursiva que tem seu propósito e suas regras: a partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos, reassentando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças.*

Com a praticidade das informações que chegam através das notícias *online* é mais fácil o envolvimento e acesso do leitor com as informações no meio social, onde a velocidade da notícia acontece de forma prática e instantânea sem muita demora. Do mesmo modo, são as respostas a essas notícias, por meio do comentário *online*, pois ao ler a notícia, o leitor/comentador, imediatamente comenta. Desta forma, o destinatário sempre terá uma resposta para tais comentários, pois o gênero comentário *online* o permite fazer, segundo, Santos (2018, p. 28).

*O gênero comentário online organiza-se numa cadeia de enunciados. Cada um deles surge como réplica ou reação-resposta a diferentes destinatários (reais ou presumidos). O comentador ao eleger um destinatário presumido, responde a um interlocutor coletivo, isto é, grupo de pessoas que ele julga serem leitores do gênero. Tanto o comentador quanto os leitores pertencem a um meio ideológico bem mais amplo do que a esfera política e jornalística. São participantes de interações sociais em diferentes esferas comunicativas.*

Assim, o comentário pode de certa forma, ser uma das motivações para o desabafo, já que, o seu contexto ideológico muitas vezes traz a incitação à violência verbal que se faz presente nesse gênero, uma vez que o leitor/comentador se posiciona no mesmo momento da leitura do texto ao qual responde, expressando em sua resposta uma emoção instantânea carregada de palavras agressivas. Portanto, vale ressaltar que os avanços tecnológicos no espaço jornalístico *online* só aumentaram mais as interações entre indivíduos no espaço virtual, conforme Santos (2018, p. 27):

*Com o advento e desenvolvimento do jornalismo online, as fronteiras entre produtor e consumidor de notícias tornaram-se mais fluidas, uma vez que, dentre outros fatores, o espaço para a produção do comentário online enriquece o potencial informativo (crítico-analítico) da notícia, haja vista que o comentador traz, para esse espaço, informações não contempladas na notícia, além de externar suas valorações apreciativas e pontos de vista acerca dos acontecimentos noticiados, influenciando também o ponto de vista de outros leitores.*

Com as mídias digitais o comentário online ganha notoriedade, favorecendo a interação entre espaço jornalístico e diferentes internautas. O internauta encontra nas redes sociais, liberdade para expressar pontos de vista, discordar, questionar, desabafar, dentre outras relações de sentido. Esse espaço de auto expressão acarreta situações conflituosas, gerando muitas vezes, a falta de respeito, de civilidade, intolerância, por parte do internauta.

## Violência verbal no campo midiático jornalístico

Segundo Freitas e Castro (2013), a construção do discurso de ódio na internet tem sido defendida, na maioria das vezes, como uma prática de argumentação pobre, que fere a ética, uma liberdade de expressão, que vai além do que se pode dizer mantendo um mínimo de civilidade perante a figura do outro. Dessa forma, em nome da liberdade, as pessoas dizem tudo o que pensam

em um espaço público, como são as redes sociais. Conforme Cunha (2013), os repertórios das notícias no espaço midiático, muitas vezes, apresentam discursos carregados de ódio, que agridem moralmente e verbalmente o leitor.

Segundo Cunha (2013) a depreciação decorrente do discurso de ódio transtorna e deixa marcas destrutivas no leitor. A violência verbal é uma forma de intimidar e constranger as pessoas através de palavras, no ambiente online. De forma indireta e sem confronto físico, mas o impacto causado pelas expressões agressivas será o mesmo ou pior que o contato direto, as pessoas vão se denegrindo e se diminuindo sem preocupações e sem pudor, isso acarreta consequências na vida pessoal e profissional do indivíduo. Nas perspectivas de Bakhtin (1997), a violência verbal é interpretada pelo contexto social.

*A violência verbal é interpretada de um lado pelo contexto enunciativo e de outro pelo contexto social, midiático e ético.*

*Nessa perspectiva, a noção de ponto de vista é fundamental para esse estudo, uma vez que todo discurso tem um autor que nele expressa sua posição, seu ponto de vista sobre o mundo.*

*(BAKHTIN, 1997, p. 277).*

De acordo com Rios (2008), o discurso de ódio está dirigido a estigmatizar, escolher e marcar um inimigo, manter ou alterar um estado de coisas, baseando-se numa segregação. Para isso, entoa uma fala articulada, sedutora para um determinado grupo, que articula meios de opressão.

É necessário trabalhar com vigor a ética em sala de aula, levantando questões, como o indivíduo deve se comportar em suas relações sociais. Conforme os PCNs (1997), o ensino deve ser pautado no respeito mútuo, assim, os Parâmetros Curriculares propõem alguns conteúdos que podem ser desenvolvidos em sala de aula:

*O respeito a todo ser humano independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião e cultura;*  
*O respeito mútuo como condição necessária para o convívio social democrático: respeito ao outro e exigência de igual respeito para si;*  
*O repúdio a toda forma de humilhação ou violência na com outro. (PCNs, 1997, p. 71)*

A partir do que foi discutido, uma análise torna-se necessária sobre os discursos de ódio, levantando estas questões de respeito nas relações sociais, seja no espaço real ou no espaço virtual. Vale ressaltar, que a proposta de um ensino que reflita sobre questões de violência verbal encontrada em comentários *online* possibilita o exercício da cidadania de respeitar e ser respeitado, além de trabalhar os aspectos linguísticos encontrados nas marcas de violência trazidas para o texto escrito.

# Violência verbal em comentários online: uma reflexão para o ensino de língua portuguesa

Partindo dos conceitos discutidos, analisaremos marcas de violência nos comentários abaixo, refletindo sobre a importância de suscitar essa discussão no contexto de sala de aula da Educação Básica. A notícia e comentários foram publicados no site de notícias Diário do Poder. A manchete da notícia é: “Ativistas pregavam a morte de Bolsonaro às vésperas da visita a Juiz de Fora”. Essa notícia foi evidenciada no mês de setembro de 2018, período em que Jair Bolsonaro estava em campanha concorrendo à presidência do Brasil.

## Imagem 1 - Comentários online



Fonte: Diário do Poder, 2018.

Portanto, a partir dos discursos feitos pelos internautas na plataforma do jornal *online*, analisaremos como certas palavras apontam para a humilhação social e moral e que acabam incitando a violência. Deste modo, destacaremos tais palavras para uma reflexão sobre leitura no ensino de Língua Portuguesa, a partir do gênero comentário *online*, em torno desta temática tão atual: a violência propagada em comentários *online* sobre notícias. Segue os cinco primeiros comentários analisados:

*Comentário 1: TOMAZ SILVEIRA: “kkkkk Bolsonaro em jf tomara que mete bala nele”*

*Comentário 2: LUCAS MELO: “Bolsonaro em jf dia 6 vou ter a chance de dar minha primeira facada da minha vida”*

*Comentário 3: ARVANE CAMPOS: “Bolsonaro em jf vamos geral cada um com uma pedra na mão”*

*Comentário 4: Laís:” acho q quando Bolsonaro vier para JF podia matar ele”*

Tomando como base os quatro primeiros comentários, destacamos as palavras “bala”, “facada”, “pedra” e “**morte**” referentes ao verbo “**matar**”, às quais fazem apologias à violência física. Trabalhando leitura do gênero comentário online em sala de aula, o professor poderia explicar que estas palavras remetem à violência física, apesar de serem proferidas no campo *online*. Pode-se discutir tais marcas de violência verbal como possibilidade de trabalhar os temas transversais da ética e da moral em sala de aula. É importante levar os alunos a

refletirem sobre os discursos de ódio no espaço virtual, a fim de adotar uma postura diferente, que podem expressar suas opiniões sem precisar recorrer a discursos que depreciam a imagem do outro, que ameaçam, dentre outras formas de violência. Conforme os PCNs (1997) a escola é um espaço privilegiado onde se pode ensinar o valor da capacidade de dialogar e ouvir o outro e de se fazer entender questões democráticas, pois somos cidadãos que devem apreciar a fala do outro para poder resolver e esclarecer os conflitos existentes.

Conforme Squirra (1998), as opiniões ampliam as informações no jornalismo *online*, mas é importante verificar que nem sempre isso acontece, como podemos perceber nesses comentários é uma ênfase na violência verbal e restrição de argumentação e informatividade. Os internautas pouco retomam os fatos de forma explicativa ou argumentativa, limitando-se a depreciação e insultos.

Expressões como estas: **“mete bala nele”** e **“alguém podia matar ele”** usada pelos internautas só reforçam ainda mais o discurso do ódio, além de estabelecerem semelhanças entre si, isto é, o desejo dos dois comentadores para que alguém assassine o candidato à presidência - É necessário refletir, em sala de aula, como um discurso de ódio pode desencadear outro, como se observa nas duas falas citadas, nas quais os comentadores expressam um mesmo desejo de violência no espaço virtual, apontando o posicionamento político que os internautas apoiavam durante as eleições do então presidente da república.

Essas discussões precisam fazer parte da sala de aula, refletindo sobre outras formas de discordar, de expressar opiniões divergentes, desenvolvendo nos alunos senso crítico e ético que os tornem capazes de se colocar

no lugar do outro, de aguentar de forma ética, sem usar a violência verbal. O relativo anonimato oferecido nos comentários *online*, não deve ser usado como motivação para violência. Analisaremos agora outro comentário, que também carrega marcas de violência:

*Comentário 5: Eduarda: “a gente o Bolsonaro vai vir pra jf é uma ótima oportunidade pra gente sequestrar ele e fazer umas torturas usadas na ditadura e dps matar ele com um tiro na testa, quem topa?”*

Este comentário fala sobre o sequestro e tortura ao candidato à presidência, na qual a internauta faz uma referência ao período da ditadura militar em que o Brasil ficou emerso em 1964, além de fazer uma relação com a posição de Jair Bolsonaro, no que diz respeito, aos seus ideais políticos, por conta dos discursos e atitudes do candidato em prol da ditadura militar. Contudo, este discurso não justifica a agressão física, moral e verbal, violando, Direitos Humanos no tocante ao direito à vida e o respeito ao outro.

O educando, a partir deste comentário pode refletir sobre valores éticos em relação aos Direitos Humanos no desenvolvimento de ensino/aprendizagem para prevenir as violações a direitos humanos, como frequentemente acontece nas redes sociais. A BNCC (2018) propõe o ensino do campo midiático jornalístico, alertando para formação de um cidadão crítico e ético, frente às situações de comunicação e interação das quais participa. Ao fim do comentário a internauta utiliza-se de uma pergunta para incitar a violência, convidando marcando, assim, uma espécie de encontro para realizações de tais torturas.

Seguiremos com a análise dos comentários abaixo, que enfatizam a humilhação, xingamentos, discurso de ódio:

*Comentário 6: PATRÍCIA COELHO: “nem pra morrer esse miserável... satanás em forma de gente. Capeta que saiu do inferno!”*

*Comentário:7: SILMAR VIEIRA: “quando vai ser o enterro? Faça questão de cuspir na cara”*

Os comentários seis e sete são voltados para a humilhação e difamação social. O discurso **“cuspir na cara”** é direcionado ao desprezo e antipatia a uma pessoa em particular, neste caso, o candidato à presidência, este grupo de internautas, propagam o menosprezo a Jair Bolsonaro, isto é, a sua humilhação em público, colocando-o em um estado vexatório. Este discurso desqualifica e inferioriza o sujeito, cuja moral é afetada pelas internautas, surgindo assim o ódio expresso nas palavras **“cuspir”** e **“capeta”**. Conforme Santos (2018), todas as palavras são carregadas de valorações apreciativas, podemos perceber na fala dos internautas 6 e 7, temos um posicionamento político de esquerda, de alguém que por não comungar com a ideologia política de Jair Bolsonaro, expressa-se com violência verbal e falta de civilidade. Parece haver uma substituição da pessoa (Jair Bolsonaro) pela sua institucionalização enquanto político.

Conforme Cunha (2014) O comentário é uma prática discursiva que tem seu propósito e suas regras e que a partir de um texto fonte, o leitor constrói e reconstrói novos discursos, dando a eles entonações e valorações que se alinhem ao seu ponto de vista. Como podemos

observar, muitas vezes o espaço discursivo dos comentários *online* torna-se uma guerra de palavrões, depreciações, imprecações, difamação, muitas vezes sem nem uma ou com pouquíssima argumentação. A escola pode contribuir muito para formação ética do aluno, no tocante às práticas de leitura e de escrita no espaço digital, principalmente, se considerando as redes sociais.

*Comentário 8: CLARA RIBEIRO: “bolsobosta vai vir pra jf dia 06 de setembro, se organizar direitinho a gente organiza um atentado e mata ele”*

O último comentário feito pela internauta expressa deboche como **“bolsobosta”**, unindo o nome do atual presidente com uma palavra de valor pejorativo, na qual exprime os ditames do que é espaço público e privado ao utilizar tal expressão de deboche que não é adequada para ser compartilhada em espaço público. No comentário acima percebemos a presença de marcas linguísticas no enunciado *Twittado*, onde esse neologismo **“bolsobosta”** se faz presente, destacando a violência verbal no comentário *online*. A BNCC (2018) enfatiza a necessidade de promover um ensino que desenvolva habilidades necessárias para os alunos agirem por meio da linguagem no espaço digital de modo crítico e ético, sendo responsável pelo seu dizer em espaços públicos como são os gêneros digitais.

*Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC, compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos. (BNCC, 2018, p. 497)*

Os comentários dos internautas nas redes sociais não seguem o código de ética, as palavras no espaço virtual não têm um parâmetro de limitação, as críticas, os comentários depreciativos se expandem em uma gigantesca velocidade. Os posicionamentos por parte dos leitores em uma escala alta, não apresentam uma argumentação consistente, pelo contrário, as ofensas e os insultos afetam as regras da civilidade e se sobressai em relação à argumentação. É importante levar essas discussões para sala de aula, refletir sobre o que é dito e sobre a forma como se diz em um espaço público, como são as redes sociais. Como sugere Rojo (2013), o universo de interação *online* é muito próximo das práticas cotidianas de leitura e de escrita dos sujeitos contemporâneos, devendo, portanto, ser objeto de ensino.

## Considerações finais

Os comentários *online* nas plataformas digitais colocam em evidências as diversidades e os diferentes discursos que se fazem presentes no ambiente virtual, nas quais as informações são compartilhadas e acabam gerando divergências e acarretando a violência verbal. Os discursos polêmicos surgem em situações conflituosas, em

grande escala na esfera política. Em outras palavras a violência verbal é propagada por meio de ataques verbais de forma direta e indireta, por meio do discurso de ódio.

Desta maneira atropelando os direitos humanos, ferindo a ética e a moral do indivíduo, as ofensas verbais se caracterizam com maior força pelas divergências políticas, pois as ideologias partidárias remetem a um fanatismo que interfere na moral do sujeito no ápice de sua doutrinação partidária. Assim, interferindo na sua no seu senso crítico e ético.

Portanto, a introdução desse gênero digital em sala de aula proporciona um leque de possibilidades no processo de ensino-aprendizagem como alternativa para o ensino de Língua Portuguesa, apresentando uma metodologia mais autêntica e dinâmica com as práticas contemporâneas, pois o mundo está em constante mudança, assim como as Linguagens. Desta forma, com o surgimento dos novos multiletramentos as linguagens se expandem e se renovam de acordo com as perspectivas tecnológicas. Assim, os novos gêneros digitais são indispensáveis para o desenvolvimento das interações sociais e educacionais, permitindo um novo comportamento aos sujeitos em suas ações sociocomunicativas.

## Referências

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC/SEF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 maio 2019.

CUNHA. Dóris Arruda. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. In: BUENO, Thaísa; REINO, Lucas. (org.). Comentários na Internet. Imperatriz: EDUFMA, 2014.

CUNHA. Dóris Arruda. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. Calidoscópio, São Leopoldo/RS, v. 11, n. 3, p. 241-249, set/dez 2013. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2013.113.02>. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.113.02>. Acesso em: 16 ago. 2018.

DIÁRIO DO POVO. Assassinado de Bolsonaro foi abertamente defendido nas redes sociais: ativistas pregavam a morte de Bolsonaro às vésperas da visita a Juiz de Fora. 09 set. 2019. Disponível em: <https://diariodopoder.com.br/intolerantes-comemoram-atentado-a-bolsonaro-2/>. Acesso em: 15 ago. 2018.

FREITAS, Riva Sobrado de; CASTRO, Matheus Felipe de. Liberdade de Expressão e discurso de ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. Sequência, Florianópolis, n. 66, p. 327-355, jul. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/2177-7055.2013v34n66p327>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217770552013000100014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217770552013000100014&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 16 ago. 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

RIOS, Roger Raup. Direito da antidiscriminação: discriminação direta, discriminação indireta e ações afirmativas. Porto Alegre: Livraria do advogado editora, 2008. 295 p.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (org.). Escola conectada: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, Eliane Pereira dos. O gênero comentário online: um enfoque axialógico-dialógico do estilo. 2018. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SANTOS, Eliane Pereira dos. O gênero comentário online: dimensão social e verbal. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) - Universidade Federal do Piauí, 2013.

SQUIRRA, S. Jornalismo Online. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

# BLOG COMO ESPAÇO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Catarina Maria Pereira Carvalho, UFMA

Gabriele da Silva Alves, UFMA

Isabele de Sousa Lima, UFMA

**V**ivemos em uma era na qual as tecnologias digitais ganham um espaço cada vez maior na sociedade. O emprego dessas tecnologias de informação e comunicação tem adentrado constantemente no âmbito escolar, proporcionando atividades de entretenimento como recurso pedagógico diante dos suportes digitais. Os gêneros evoluem conforme as necessidades dos sujeitos falantes. Dessa forma, o uso contínuo de aparelhos tecnológicos como: celulares, *tablets* e computadores como uma prática social de comunicação virtual fizeram surgir na sociedade inúmeros gêneros, atendendo a novas formas de comunicação e de interação.

Desse modo, vale ressaltar a importância do gênero digital para trabalhar na aula de Língua Portuguesa. Foi pensando nisso que demos ênfase ao gênero textual digital blog, considerando um recurso essencial para o ensino aprendizagem de língua materna. Segundo Marcuschi (2010, p. 35): “*Weblog* (blogs, diários virtuais) - são os diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica

com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticadas pelos adolescentes na forma de diários participativos”. O autor complementa a seguir dizendo que trata-se de um diário *online*, sendo ele participativo, permitindo que várias pessoas consigam divulgar seus conteúdos por meio de textos, imagens, sons ou através de outros materiais como os links.

Assim, evidencia que por se tratar de uma rede tanto interativa como participativa, gera a possibilidade de ter mais de um publicador na própria página. As tecnologias digitais precisam fazer parte do contexto escolar enquanto objeto de ensino, e a partir dessa ideia trataremos no tópico a seguir sobre as tecnologias digitais e o ensino de língua materna, na qual o mesmo irá abordar a tecnologia e a sala de aula e, como a evolução do meio tecnológico mudou não apenas o convívio social, mas também os novos meios de comunicação e interação. Dessa maneira, houve o surgimento de novos gêneros, esses gêneros que suscitam novos letramentos, bem como será explicitado logo a seguir.

Desta forma, a pergunta que nos levou para a construção desta pesquisa efetivou-se buscando compreender como o gênero digital blog pode adentrar no espaço escolar, especificamente nas aulas de língua portuguesa, a fim de contemplar a leitura e produção textual a partir deste meio virtual? Como os alunos podem desenvolver seus conhecimentos diante desse gênero?

Diante desses questionamentos, a hipótese apoia-se no fato dessas mudanças serem importantes para o desenvolvimento do aprendizado, atentando-se para os limites que devem ser respeitados e, em meio a algumas dificuldades de aprender, torna-se indispensável a procura de inovações a respeito das metodologias de ensino.

Diante disso, para a realização desta pesquisa, o corpus utilizado se estabeleceu a princípio diante de uma catalogação de páginas de blogs voltadas para o ensino de língua portuguesa, e para tal, foi selecionado como corpus uma página do blog “Canto da galera”. A relevância de trabalhar a página supracitada é devido a mesma proporcionar um espaço bem produtivo, possuir diversas postagens a qual nos permite uma percepção mais retratadas dos conteúdos ministrados nesta plataforma virtual, evidenciando as atividades realizadas em sala de aula ou não, bem como por tratar-se de um ambiente que trabalha os conteúdos de língua portuguesa de forma bem didática, interativa e atrativa. A página é dividida de acordo com cada função específica de suas tarefas, desde fórum individual até um espaço de divulgação coletiva a qual permite um item para o armazenamento de todos os trabalhos feito pela turma.

Quanto ao aspecto estrutural do trabalho, ele está composto da seguinte forma: no primeiro momento será discutido os aportes teóricos que fundamentam a pesquisa segundo a concepção de tecnologias digitais relacionadas ao ensino de língua materna e o blog como ferramenta no processo de leitura, escrita e interação na visão de Marcuschi (2010). Em seguida partiremos para a análise da página do blog “Canto da galera” como possibilidade de uso desse gênero como ferramenta de ensino.

## Tecnologias digitais e o ensino de língua materna

A sociedade atual é considerada a sociedade tecnológica, isso porque o uso da internet a cada dia que se passa torna-se mais frequente e necessária na vida de milhares de pessoas. A evolução da tecnologia alterou não apenas as relações sociais, mas também as formas de comunicação e interação, pois surgiram novos gêneros e outros apenas se modificaram. Podemos observar o e-mail como uma evolução da carta, na qual tem mais facilidade e agilidade para chegar até seu destinatário<sup>19</sup>. Neste sentido, o uso da *internet* pode trazer alguns benefícios no âmbito escolar, como: a maneira da comunicação de professores e alunos fora do ambiente escolar que se torna mais eficiente e com mais agilidade, a facilidade de acesso a informações, o incentivo que os alunos recebem para desenvolver autonomia no ato de suas pesquisas, e um dos mais importantes que é a transformação da aula tradicional para uma aula mais dinâmica, já que a sociedade também cobra novas práticas de ensino.

Isso é confirmado por Kinski (2011) quando ele afirma que “o uso criativo das tecnologias pode auxiliar os professores a transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam as salas de aula”. Vale ressaltar que isso depende muito de como usar e porquê usar a tecnologia como processo metodológico no ensino de língua materna.

Tratando-se do ensino de língua como novas práticas educativas, Motta-Roth e Nascimento (2009)

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.portugues.com.br/redacao/generos-digitais.html>. Acesso em: 04 maio 2019.

ressaltam que não podemos trabalhar a leitura e a escrita como antes, visto que a realidade que vivenciamos presentemente é diferente e sugere inovações que subtendem a aderir a novas abordagens de ensino na linguagem. Marcuschi (2010) afirma que a internet é uma nova forma de comportamento comunicativo, e saber como utilizá-la torna-se um meio eficaz de lidar com as práticas educativas. Desse modo, a tecnologia é uma nova abordagem para trabalhar a leitura e escrita, tornando possível pensar várias formas de ensino através da *internet* e dos gêneros digitais

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deu espaço aos gêneros digitais com o intuito de tornar mais dinâmico o processo de ensino e aprendizagem das práticas de leitura e de escrita, pois o ato de comunicação e de informação tornam-se mais rápidos devido ao uso das novas tecnologias. Considerando o papel da tecnologia digital na sociedade e as novas formas comunicativas, podemos destacar que:

*Já se pode indagar se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um e-mail e outros gêneros do “discurso eletrônico” ou pode a escola tranquilamente continuar analisando como se escrevem cartas pessoais, bilhetes e como se produz uma conversa. (MARCUSCHI, 2010. p. 20)*

Nessa indagação, o autor refere-se ao fato da escola aceitar ou adaptar-se às novas práticas educativas diante do avanço tecnológico, ou seja, trabalhar os gêneros digitais, pois as novas tecnologias não mudam os objetos, e sim as relações com ele. A adaptação dos gêneros digitais como processo metodológico apresenta dificuldades, e uma delas é em relação ao professor.

Segundo (BARIANI, 2011), tal problemática tem ligação com professores que mostram não estarem preparados para lidar com as tecnologias existentes, pois os mesmos, às vezes, não têm conhecimento e não buscam conhecer essas modificações, mas em meio a essas dificuldades muitos profissionais não deixam de acreditar na potência da tecnologia como ferramenta no quesito aprendizagem. Quanto à escola “à resposta já está nos novos manuais didáticos do ensino fundamental que trazem reflexões sobre e-mail, blog, chat e outros gêneros” afirma (MARCUSCHI, 2010).

Esses novos gêneros suscitam novos letramentos. Segundo Rojo e Moura (2012 apud NETO, 2013, p. 136), o conceito de multiletramentos se dá entre dois tipos importantes e específicos da multiplicidade que podemos encontrar na nossa sociedade, exclusivamente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica. A multiplicidade cultural das populações situa-se na diversidade cultural que ocorre dentro de um mesmo espaço de convívio, incluindo seus diferentes hábitos e costumes. Já a multiplicidade semiótica proporciona múltiplas formas de interpretação daquilo que se vê, então, trazendo isso para a questão de multiletramentos, seriam essas novas formas visuais.

Ainda segundo esses autores “a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica”, através da semiótica<sup>20</sup> temos a capacidade de interpretar palavras que formulam um

---

<sup>20</sup> A semiótica consiste nos elementos que possam representar qualquer sentido e significado para o ser humano, é o estudo de signos, incluindo as linguagens verbais e não-verbais.

texto literário e na linguagem não-verbal, também são dotados os sinais de significados específicos.

De acordo com Neto (2013, p. 140) “Inegavelmente, um dos grandes desafios que os novos letramentos e os multiletramentos nos impõem centra-se na profusão de definições fronteiriças: mídia, meio, modo, multimídia, texto, hipertexto, suporte, ferramenta etc.” Um desses desafios apontados é a definição entre esses termos, não é um termo acabado, visto que os multiletramentos são várias formas de letramento, de fazer o processo de aquisição da língua, então, quando ele ressalta tudo isso significa que existem inúmeras maneiras disso acontecer. Os gêneros digitais, como o *blog*, por exemplo, pode aproximar o ensino da vida real do aluno.

## O blog como ferramenta no processo de leitura, escrita e interação

Segundo Marcuschi (2010), o termo *blog* surgiu da abreviação de *Web Log*, em 1997, para descrever sites de informações que podem ser atualizados de forma rápida e frequente. Desse modo, Marcuschi (2010, p. 71) aponta que “Os *blogs* têm uma história própria, uma função específica e uma estrutura que os caracteriza como um gênero, embora extremamente variados nas peças textuais que albergam”. Portanto, o *blog* possui uma grande classificação por todo aparato que ele tem, por ele ser de grande abrangência, ter características específicas e se subdividir em algumas funções como: notícias, fofocas, moda etc., pois ele vai ser diferenciado e ter uma história própria, possuindo uma importância dentro dos gêneros

digitais. De acordo com Marcuschi (2010, p. 73) os *blogs* apresentam uma data precisa em suas postagens, permitem a exibição de elementos como fotos, músicas e outros materiais. Possui uma leve composição, textos com um formato mais curto, sendo descritível e opinativo.

Os *blogs* podem a todo tempo serem renovados em seus conteúdos, diferentemente de algumas redes comunicativas, como o caso dos sites, tal qual o autor aponta (MARCUSCHI, 2010, p. 72). Ambos se diferenciam justamente pelo fato do *blog* poder estar sendo inovado naturalmente no modelo de um diário carregado de elementos peculiares que o caracteriza. Conforme Marcuschi (2010, p. 72) o *blog* é “um diário pessoal na ordem cronológica com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede”. Desse modo, esse gênero digital estará relatando com frequência acontecimentos do cotidiano, sejam eles importantes ou não, do ponto de vista do leitor. Tudo isso como forma de lembranças a serem memoriadas, registrando datas, receptor, uma ordem cronológica dos fatos, buscando atingir um bom número de pessoas. Sendo assim, “O *blog* é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõe o todo do texto veiculado pela *internet*”. (MARCUSCHI, 2010, p. 139)

Marcuschi (2010) considera que o *blog* possa ter mais de um participante na rede, proporcionando um espaço de interação e participação entre as pessoas, uma vez que as mesmas têm a capacidade de interagir no comentário do outro, ao contrário dos gêneros digitais, *e-mails* e *chats*. O autor supracitado destaca também que o objetivo desse gênero digital, ao expressar suas

publicações, é poder materializar o discurso eletrônico através do uso da mídia. Assim, podemos frisar que a escrita diante dos gêneros virtuais aponta de certa forma uma adequação com a fala.

Marcuschi (2003) defende que “o *blog* é um suporte textual e um *locus* físico ou virtual, como formato específico, que serve de base ou ambiente de fixação de um gênero materializado como texto”. Encarando essa mídia dentro do âmbito escolar pode-se pensar em uma aula com uma visão mais diferenciada das aulas tradicionais, pois de acordo com Mendes (2009), citado por Mendes e Rios (2014, p. 167), os *blogs* permitem que as pessoas dos mais diversos públicos participem, pois as informações são disseminadas rapidamente.

O *blog* é um ambiente que permite reflexões, um debate entre os membros da área, promovendo também o desenvolvimento crítico, daí a razão por trabalhá-lo dentro da sala de aula. Diante desses fatores a autora aponta o *blog* de duas formas, sendo elas: um *blog* de disciplina, movido por professores e alunos na qual visa em um espaço interacional para a discussão das aulas, enquanto o outro denomina-se como *blog* de alunos, podendo ser utilizado para auxiliar em trabalhos coletivos.

Neste âmbito, o *blog* apresenta algumas categorias tais como aponta SILVA e ALBUQUERQUE (2009) em alguma de suas análises sobre *blogs* educacionais, são eles: *blog* de professores, *blogs* de alunos, *blogs* de instituições educativas, *blogs* de projetos educativos e *blogs* de grupos de pesquisa. Dentre os *blogs* supracitados podemos destacar o *blog* de professores e alunos como uma ferramenta importante para trabalhá-los na sala de aula. Esses *blogs* caracterizam-se por ser usado como forma de orientações feitas pelo professor, usado

também para publicações de atividades, a fim de que os alunos avaliem e discutam a respeito do que foi passado. Já o *blog* de aluno vai ser denominado como uma espécie de documento, na qual os alunos irão guardar todas as produções feitas pelos professores para avaliá-los.

Diante de tais categorias, buscamos frisar a importância de trabalhar com o *blog* de professor e o *blog* de aluno na aula de língua portuguesa, pois eles proporcionam uma relação interativa entre ambos, através de atividades desenvolvidas por meio dessa mídia. Podendo trabalhar o processo de leitura e produção textual em formato de vídeo, textos, imagens, diferentes links; fazendo com que desperte no aluno interesse em participar e interagir com assuntos escolares.

## O gênero blog nas práticas de leitura e de escrita

Ao longo do texto vem sendo discutido que o gênero *blog* possui uma organização em seu modelo estrutural na qual irá identificá-lo como um gênero digital. Ele vai apresentar características próprias, tratando de uma página na internet que serve como um meio de comunicação virtual que preza pela divulgação de informações tanto pessoais, como de assuntos externo do dia a dia, visando no maior número de pessoas que compartilhem a publicação de textos, imagens, vídeos, todos divulgado pelo blogueiro.

Consideramos a criação do blog para a turma de 8º ano do ensino fundamental, a qual ele será um instrumento importante nesse processo de aprendizagem.

Se o blog define-se como uma forma de comunicação e publicação, a proposta de um *blog de disciplina*, categoria apontada por Mendes (2009 apud MENDES; RIOS, 2014), pensar nesse *blog* de disciplina no sentido geral e público é relevante na definição de trabalhar com elementos como resenhas, produção textual, dissertações, crônicas e etc.

Inicialmente, quando se pretende trabalhar com este tipo de proposta na sala de aula, o *blog*, antes de apresentá-lo de modo geral à turma, é importante que o professor faça um levantamento prévio com os alunos com o objetivo de saber se eles tem algum conhecimento sobre o que é esse gênero, e só após esse diagnóstico, ele deve fazer uma apresentação do gênero *blog*, apresentando-lhes várias temáticas a fim de que eles percebam a importância social do gênero, fazendo com que eles conheçam suas características, quais as funções que o mesmo apresenta e como gênero pode ser trabalhado dentro da sala de aula. Tudo isso seria uma forma de trabalhar com os eixos: leitura, oralidade e escrita. Partindo dessa sugestão, analisaremos agora os itens compostos por esse gênero, pensando a seguinte proposta em termo de produção.

A análise a seguir discute de forma mais detalhada como se organiza esta metodologia de ensino de língua portuguesa diante dos gêneros digitais, mais especificamente do gênero *blog*. Como já mencionado no corpo do texto, temos a página do *blog* Canto da galera para a efetivação dessa análise. É uma página que possui o propósito de auxiliar na aprendizagem de português, bem como expor os seus trabalhos. A página Canto da galera busca incentivar a socialização de conteúdos com o maior número de pessoas. Além disso, ela possui uma abertura para receber diversos comentários, no entanto, os novos

modos de ler e escrever proporcionado mediante o ato de navegação na internet vem sendo reconhecido como uma boa ferramenta de ensino na qual não se trabalha necessariamente somente dentro da sala de aula, mas utilizado também em casa, pois seria uma forma de reforçar mais seus conteúdos e aprimorar seus conhecimentos. Vejamos a seguir como é formada a página do *blog*.

Imagem 1 – Página do blog canto da galera

**canto da galera**  
 Blog criado com o objetivo de auxiliar na aprendizagem de Português. É uma ferramenta a mais, que utilizaremos para busca e exposição de nossos trabalhos.

Vamos compartilhar atividades, realizadas na escola, onde você muito contribuiu com sua experiência.

**MARCADORES**  
 Conhecendo os autores  
 Contos  
 Escrevendo poemas  
 Faltas do projeto  
 Leituras e Desdobramentos de poemas  
 Resumos de obras literárias  
 Somos todos iguais  
 Vídeos  
 Vídeos de apresentação do projeto  
 Vídeos do Projeto

**REGULADORES**  
 seguidores (65)

**TOTAL DE REALIZAÇÃO'S DE PÁGINA**  
 1 2

**21 DE SET DE 2011**

**À Escola nos Ensina**

Sexta-feira, a escola nos ensina  
 Emoções à flor da pele...  
 Eu pequena menina, nervosa  
 Com tanta gente a me olhar.

Só de pensar, meu coração  
 Começa a palpitar.  
 Pernas bambas, olhos feixes,  
 Com medo de errar.  
 Mas, a escola nos ensina a não temer,  
 E, se deixar levar pelo momento.

Minha vez! Entre em cena,  
 Agora, segura de mim mesma!  
 Aprendi, que a escola nos ensina,  
 A não ter-mos medo de ser-mos nós mesmos.

Cleydiane Vieira Pereira(escreveu logo após sua apresentação )  
 Postado por Sicooro Barbosa às 17:27  
 Respostas:  respondido (0)  informado (0)  legal (0)

**3 comentários:**

**Sicooro Barbosa** 22.9.11  
 Muito bom!  
 Senti o que você sentiu, neste momento de emoção!  
 Você é uma excelente escritora, e a tenacidade é melhor!  
 Responder

**relanaoeste** 24.9.11  
 É muito gratificante ver o evoluir dos alunos...Parabéns a todos pelo desempenho! Continuem em prosseguir!  
 Responder

**deryson silva** 7.12.11  
 essa é a galera do VGM  
 Responder

**Aprevido ensinando,  
 que sempre fomos,  
 muito a aprender!**

**O QUE ESTAMOS LENDO?**  
 Gilvane Leticia NOVELA  
 A JARVIERE QUE DAVA DRE-ES-RO, de Domingos Pellegrini  
 BISA BIA, BISA BEL, de Ana Maria Machado  
 Gilvane POESIAS  
 O NUNO NEGRINO, Trópica, de Castro Alves

**ARQUIVO DO BLOO**  
 Dezembro (1)  
 Setembro (2)  
 Dezembro (1)  
 Novembro (2)  
 Abril (1)  
 Dezembro (1)

Fonte: <http://cantodagalera.blogspot.com/>

Inicialmente apresentaremos o título do *blog*, um espaço que tem como nome “Canto da galera”; aqui se pode notar que se trata de um espaço bastante abrangente em termo de interação, possibilitando que os membros sintam-se à vontade em se expressar e opinar diante do que o outro escreve. Um ambiente que pode ser acessado pelos membros constitutivos do blog, ao mesmo tempo criando um vínculo de liberdade e proximidade uns com os outros, embora seja virtualmente.

Este pode ser um espaço de uma disciplina específica, no caso do exemplo acima, trata-se de um blog de disciplina de língua portuguesa, sendo ele um meio relevante, pois trabalhará-lo pensando na construção de conhecimentos, na qual visa incentivar os alunos a produzirem e discutirem diferentes assuntos, torna o blog uma ferramenta eficaz quando relacionada ao ensino aprendizagem de leitura e de escrita.

Diante dessa ideia, Marcuschi (2010) considera justamente aquilo que vínhamos discutido, que o blog possa possuir mais de um integrante na rede, proporcionando um ambiente de participação e interação entre as pessoas. Dessa forma, para o referido autor, esta utilização do blog promove o crescimento e enriquecimento das aulas, com publicações que causam a interação de novas ideias, a qual cria-se um espaço comunicativo e favorável para o ensino-aprendizagem dos alunos, visando incentivá-los a fazerem produções que podem ser divulgadas, conhecidas e comentadas por diferentes internautas.

Diante disso, podemos analisar a proposta feita acima, uma produção de poesia criada por uma aluna depois da aula, quando a mesma usa esse local para a publicação da poesia *A Escola nos Ensina*, de autoria

própria. Diante de tal criação, a publicação dessa poesia feita pela discente possibilita que os outros alunos curtam se gostaram do material, comente, sendo alguns comentários a respeito dessa postagem acima de grande contribuição para que a aluna continue e aperfeiçoe ainda mais a sua escrita. As pessoas elogiam o texto da garota, dizem que ela vai melhorar cada vez mais e tudo isso se torna um incentivo para que assim ela venha praticar ainda mais a sua escrita.

Este *blog* nos permite diversos meios de postagens das respectivas temáticas abordadas em sala de aula e trazidas para esse espaço, dentre elas encontra-se um ponto de grande importância nesse *blog* que é o item “marcadores” no canto superior à esquerda da tela, na qual possui alguns tópicos que proporcionam entretenimento sobre cada atividade feita pelos os alunos. Sendo que aborda conhecimentos de grandes autores como Machado de Assis, Castro Alves, Raquel de Queiroz, Érico Veríssimo e entre outros presentes no item “Conhecendo os autores”, aqui seria uma espécie de bibliografia do autor na qual eu vou trabalhar. Dentro desse item se pode ver fatos sobre os respectivos autores, seja em forma de vídeo ou textos.

Os marcadores nos permitem também outro espaço para a publicação em grupos sobre os cordéis e poemas escritos pelos próprios alunos, visto que a interação que parte dos alunos diante dos cordéis e poemas, apresentam-se como forma de complemento no que o outro escreveu, o aluno irá continuar escrevendo a partir do que o outro aluno apresentou antes, com isso, vai proporcionando toda uma interação entre eles.

Além desse processo de interação, outra forma de isso ocorrer também seria perante os comentários

divulgados no *blog*, pois tanto o aluno como o professor podem dizer se gostou, qual a melhor parte, onde deve melhorar, entre outros comentários que são expressados nesse blog. Como já supracitado, ambos podem opinar sobre diversos aspectos apontados nos comentários, assim como o próprio autor Marcuschi (2010) coloca em sua fala ao mencionar sobre a oportunidade de interação no que o outro escreve, ou seja, posicionar-se e expressa-se segundo seus pontos de vista, as suas subjetividades a partir de sua compreensão. Dessa maneira, promove um desenvolvimento do senso crítico entre ambos.

Temos outros pontos importantes a serem explorados nesse blog dentro dos marcadores, sendo eles os itens que divulgam as postagens de fotos e vídeos de cada projeto realizado na escola com os grupos Patativa do Assaré, grupo dos leitores e do Sarau, fazendo leituras e declamações de poemas, resumindo algumas obras literárias. As atividades literárias realizadas por meio do blog revelam o que Cosson (2016) chama de letramento literário, ou seja, um tratamento do texto literário que ultrapassa classificações de períodos de época, fazendo novas leituras e construindo novos sentidos.

Os alunos também produzem textos que apresentam a importância do estudo, assim como uma maneira de concretizar a aprendizagem sobre cada assunto estudado. Outro componente importante diante de todos esses itens é o arquivo do *blog* no canto direito da tela. Esse item serve como um armazenamento de todos os trabalhos já postados no blog, sendo um arquivo que contém todos os trabalhos da disciplina marcando títulos e datas de publicação, tudo isso pensando em facilitar o contato com as postagens feitas antes,

permitindo que tanto os alunos como os professores tenham contato sempre que se deseja com esse material.

Esse gênero digital além da possibilidade de tornar a aula mais atrativa, faz com que o aluno valorize o trabalho dele mesmo e de seus colegas por meio dessa socialização, pois os mesmos não ficam restritos a escrita ou oralidade face a face, uma vez que tem essa possibilidade de fazer uso virtual dessa expressão.

Diante dessas análises, o *blog* é uma ferramenta de suma importância, que contribui tanto para a leitura como para a produção de textos pelos alunos, na qual permite uma inter-relação entre quem transmite a informação e quem a lê. O *blog* pode ser usado como uma complementação dos conteúdos trabalhados em sala de aula pelo professor, permitindo indicações para livros, sites ou publicações que possam estar relacionados aos temas abordados, fazendo com que os alunos tirem dúvidas através das postagens nos comentários. Um ambiente que possibilita diversos pontos a serem explorados de maneira distinta e atrativa por alunos e professor. Em vista dessa ideia, Marcuschi (2010) corrobora esse pensamento ao dizer que nesse contexto, a Internet oportuniza que todo esse esquema composicional desse meio eletrônico se dê com base em sua organização interior estabelecida pela atividade interativa a qual é usada. Portanto, a manifestação de seus posts são eventos comunicativos, da qual o fim é materializar certo discurso eletrônico.

Desse modo, incorporando esta ferramenta ao processo de ensino aprendizagem, de modo que venha trazer benefícios, dinamismo nas aulas, tornado interativas, além de possibilitar a leitura crítica e a discussão por parte dos alunos, contribuindo na construção do próprio conhecimento e para a formação de cada indivíduo.

Apontamos também que ele pode ser um ótimo recurso didático para proporcionar um ensino mais próximo da realidade, já que no contexto da contemporaneidade a maioria dos alunos tem acesso à internet.

## Considerações finais

Levando em consideração tudo que foi apresentado, vê-se como a tecnologia está presente em nosso meio, alcançando diversos espaços sociais e a escola não fica fora desse contexto, sendo assim, é necessário que essa instituição não feche as portas ao mundo tecnológico na qual pertencemos, mas que a partir dessa era, ela possa trazer esse ambiente virtual para dentro da sala de aula de modo que o ensino ganhe inovações satisfatórias com aquilo que os alunos usam diariamente. É de suma importância que a escola abra reflexões acerca de seu funcionamento, uma vez que este espaço terá o professor como um suporte na construção deste conhecimento de modo virtual.

O uso do gênero digital no âmbito escolar possibilita trabalhar com as disciplinas pensando modernizá-las didática e metodologicamente, proporcionando um espaço que estabeleça autoconfiança de que eu como leitor e escritor, esteja produzindo, e também uma boa relação entre o professor e o aluno. Sendo assim, ao longo de toda a discussão buscamos apresentar aspectos positivos na relação dos gêneros digitais e sua inserção no sistema educacional de forma produtiva, alinhando o nosso pensamento na perspectiva de alguns autores. Concluimos que tanto a leitura como a

produção textual por intermédio do blog, têm feito os alunos se sentirem mais autônomos perante as suas atividades, desde a produção, publicação até todo o manuseio nesse espaço.

O blog pode ser considerado por todos que utilizam uma extensão do trabalho desenvolvido na sala de aula, podendo levar em consideração também que será um bom lugar para disponibilizar os materiais complementares, daí a importância de usá-lo como uma nova ferramenta. Muito mais do que um espaço pedagógico, seria pensá-lo com um espaço de interação, visto que essa é a maior função dele entre os envolvidos. Ele foca no “poder” do discente enquanto aluno de participar ativamente com responsabilidade à medida que vai socializando e discutindo de forma crítica o que eles leem e escrevem.

Por fim, entendemos que o blog é capaz de contribuir para o trabalho do professor, sobretudo dos alunos, no intuito de proporcionar uma aprendizagem mais ativa. Sendo assim, os gêneros digitais são métodos de grande relevância para que os alunos socializem e adquiram conhecimentos.

## Referências

BARIANI, B. B. Hipermídia e educomunicação: o papel das novas mídias digitais no ensino. Sessões do Imaginário, Porto Alegre, v. 16, n. 25, p. 84-91, jan. 2011.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria prática. São Paulo: Contexto, 2016.

COSTA, Juliana Patrícia Nunes. O uso de blogs nas aulas de língua inglesa como ferramenta de aprendizagem. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 5; COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO COM TECNOLOGIAS, 1., 2013., Recife. Anais [...]. Recife: UFPE, 2013. Tema: aprendizagem móvel dentro e fora da escola.

KENSKI, V.M. Educação e Tecnologias o Novo Ritmo da Informação. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MOTTA-ROTH, D.; NASCIMENTO, F. S. Transitivity in visual grammar: concepts and applications. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.12, n. 2, jul./dez., 2009, p.319-349.

RIOS, Gabriela Alias; MENDES, Enicéia Gonçalves. Uso de blogs na educação: breve panorama da produção científica brasileira na última década. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, SP, v. 8, n. 2, p.160-174, 2014.

ROJO, Roxane Helena R; BARBOSA, Jacqueline. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane (org.). Escola conectada: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013

SILVA, L.T.; ALBUQUERQUE, M. Blogs pedagógicos: possibilidades de interação por meio da escrita coletiva de hipertexto cooperativos. Revista Latinoamericana de Tecnologia Educativa, Espanha, v. 8, n. 2, p. 91-108.

# A SEQUÊNCIA DIDÁTICA UTILIZADA COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA O GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA ONLINE

Jonnathan Ferreira de Sousa, UFMA

Mateus de Sousa Ciqueira, UFMA

**A** sociedade contemporânea exige cada vez mais competência comunicativa por parte dos sujeitos falantes, principalmente quando se trata da comunicação oral, seja por conta das exigências referentes ao mercado de trabalho ou, de forma mais geral, dos comportamentos exigidos nas relações sociais.

Em meio a isso, as notícias são importantes ferramentas para o desenvolvimento das capacidades linguísticas, sejam elas: orais ou escritas, uma vez que abrangem os mais diversos campos das práticas comunicativas. Por isso, o presente trabalho analisa a importância de se utilizar a sequência didática como ferramenta para o ensino de Língua Portuguesa, visto que esta contribui para o planejamento em etapas do trabalho sobre o ensino de gêneros nas práticas de leitura e escrita.

Procuramos apresentar uma proposta de ensino do gênero textual notícia por meio de uma sequência didática para o Ensino Fundamental II, com o objetivo de levar o aluno a compreender o funcionamento deste gênero, especialmente quando encontrado no meio digital. Para

isso, utilizamos uma notícia *online* do portal G1<sup>21</sup>, sobre um incêndio que atingiu a Catedral de Notre-Dame em Paris, publicada no dia 15 de abril de 2019 às 14h04. O texto mostra-se relevante por constituir-se de uma informação que tem grande impacto social, devido ao lugar em que o fato ocorrido situa-se, ou seja, pelo fato de Notre-Dame ser um patrimônio cultural.

Os gêneros textuais têm sofrido grandes mudanças na contemporaneidade, um reflexo disso, é a rapidez com que novas formas de comunicação se manifestam em meio às tecnologias, como por exemplo, em plataformas na Internet, a partir dos gêneros digitais. Considerando, então, a relação da escola com um aluno que se encontra num contexto social em transformação, é necessário que a instituição escolar adequa as formas de ensino-aprendizagem à nova realidade, apresentando métodos que conduzam o aluno à compreensão das novas ferramentas tecnológicas, e conseqüentemente dos gêneros digitais.

## Os gêneros textuais no ensino de língua portuguesa

De acordo com Bakhtin (2003), usamos a língua por meio de enunciados, ou seja, por meio de gêneros. Esses gêneros se concretizam das mais diversas formas nos meios de comunicação da sociedade. Isso se dá por conta da diversidade de gêneros que se estabelecem com as

---

<sup>21</sup> O G1 é um portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo e sob orientação da Central Globo de Jornalismo.

necessidades comunicativas em um dado contexto social. Por isso, cada gênero é constituído de diferentes maneiras, sendo sua forma determinada pelo ambiente comunicativo em que o indivíduo se encontra.

Assim, na medida em que a sociedade se desenvolve, novos gêneros vão surgindo para atender às suas necessidades comunicativas. Segundo o referido autor, cada gênero do discurso, utilizado em uma ação comunicativa, tem um destinatário que determina a forma como será empregado o gênero. Desse modo, o destinatário é um traço constituinte de todo gênero.

Conforme Marcuschi, os gêneros textuais são “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” (MARCUSCHI, 2003, p. 19), por esse motivo surgem e desaparecem condicionados pelas exigências socioculturais, materializam-se nas nossas práticas comunicativas, determinados “por fatores da situação do uso dos textos” (ANTUNES, 2002, p. 70), e somente através de uma análise em reais contextos de uso, podemos estudá-los.

Os gêneros são formados na diversidade das práticas comunicativas da sociedade, que vem sofrendo transformações, dentre elas as mudanças no modo de interação social, que segundo Pietro (2016) tem papel fundamental para o desenvolvimento da sociedade, uma vez que é por meio dessas interações que os sujeitos se relacionam almejando determinados objetivos. Em meio a isso, está a língua, materializada na forma de gêneros, e utilizada como ferramenta na prática comunicativa, facilitando a relação entre os sujeitos e a realização de determinados propósitos comunicativos da sociedade.

Nessas práticas sociais, de acordo com a autora citada, é inegável o crescimento do advento da tecnologia,

que progride de maneira muito rápida nas relações comunicativas por meio das mídias sociais na Internet. Tudo isso resulta em novas formas de comunicação, que se dão mediante os meios digitais, formando, deste modo, novos gêneros, os digitais. Portanto, segundo Pietro (2016), faz-se necessário que o indivíduo desenvolva habilidades específicas para a comunicação nos mais diversos contextos sociais, inclusive no âmbito virtual da Internet.

## Os gêneros jornalísticos na sala de aula: notícia *online*

A Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 136) destaca a importância dos gêneros jornalísticos no ensino por serem “privilegiados, com foco em estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e persuasão” (p. 136), “sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo” (BNCC, 2018, p. 489).

Ainda por meio do ensino dos gêneros jornalísticos, espera-se que os jovens:

*sejam capazes de: compreender os fatos e circunstâncias principais relatados; perceber a impossibilidade de neutralidade absoluta no relato de fatos; adotar procedimentos básicos de checagem de veracidade de informação; identificar diferentes pontos de vista diante de questões polêmicas de relevância social; avaliar argumentos utilizados e posicionar-se em relação a eles de forma ética; identificar e denunciar discursos de ódio e que envolvam desrespeito aos Direitos Humanos; e produzir textos jornalísticos variados, tendo em vista seus contextos de produção e características dos gêneros.*  
(BRASIL, 2018, p. 502)

Os gêneros jornalísticos sempre atuaram de maneira significativa para a sociedade, expondo os mais diversos acontecimentos considerados relevantes para determinados grupos sociais. Dentre esses gêneros, temos a notícia, elemento fundamental dos textos da esfera jornalística, e que, segundo Sousa (2002, p. 3) expressa algumas características “de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico” da realidade, representando uma informação significativa de um dado momento histórico, em um determinado ambiente social, “embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia”. De acordo com o autor, o sentido da notícia está intrinsecamente atribuído à interpretação do consumidor, só a partir de então ela passa a ter efeito e representar os fatos referentes ao mundo do leitor.

Para uma compreensão da estrutura das notícias, recorreremos à Van Dijk (1988), pois entendemos que a sua concepção sobre a estrutura do gênero está mais condizente com a forma das notícias atuais, por abordar

também o contexto em que foi produzido o texto e como este contexto pode ser usado para a construção da notícia.

Segundo o autor, a notícia divide-se em “manchete, *lead*, episódio (principais eventos no contexto e eventos anteriores), consequências do evento/reações verbais e comentários” (VAN DIJK, 1988, p. 53 *apud* SOUSA & FILHO, 2013, p. 231). A *manchete* e o *lead* têm a tarefa de resumir o evento em poucas palavras, destacando, por meio de títulos e subtítulos, os acontecimentos mais importantes que serão noticiados. O episódio noticia os fatos de forma mais detalhada, é o momento em que o redator discorre sobre todo o assunto da notícia, destacando os eventos ocorridos (assim como os acontecimentos que o antecederam) suas consequências, ou reações; e os comentários relatam como os personagens envolvidos no evento (sujeitos que, de forma direta ou indireta, participaram do ocorrido, com exceção do redator da notícia) avaliam o acontecido.

Para Van Dijk (1998) *apud* Sousa e Filho (2013), no intuito de dar maior confiabilidade à notícia, ainda são utilizados alguns elementos como, citações diretas, seja de pessoas envolvidas no evento, ou de especialistas no assunto em questão, descrições do ambiente retratado, como local e hora, ainda fontes e gráficos.

Ainda, com o advento da *internet* nas relações sociais, houve grande ampliação da veiculação das notícias, que ganham cada vez mais força no meio tecnológico, resultando no que podemos chamar de *notícias online*. A partir de então, não só jornalistas têm a oportunidade de transmitir informações por meio do gênero, mas qualquer outro usuário da *internet*, e apesar das mudanças em relação aos meios onde as notícias passaram a percorrer, seja no meio impresso, ou no meio

digital, poucas são as diferenças estruturais, já que a maiorias das características que estruturam o gênero permanecem as mesmas. Portanto vemos que com esse modo de poder transmitir informações através dos gêneros, é essencial para um desenvolvimento em diferentes práticas, sendo assim necessário para práticas de aprendizado.

Hoje é muito recorrente a necessidade de ensinar as práticas de leitura e de escrita por meio de gêneros textuais. Uma forma produtiva do ensino de gêneros pode ser o uso de sequências didáticas, como sugere Lopes-Rossi (2006).

## Sequências didáticas

Para Marcuschi (2002) entender os mais diversos gêneros, sejam eles orais, ou escritos, é interagir com o mundo, uma vez que são textos que se materializam nos diversos contextos sociais do cotidiano. Os gêneros apresentam-se das mais diferentes maneiras, tanto na forma verbal quanto na forma escrita, nos mais diversos âmbitos das práticas comunicativas da sociedade. A compreensão dos variados gêneros amplia a capacidade linguística dos alunos, seja na hora de utilizar a língua oralmente, ou por meio da escrita. Por isso, faz-se necessário articular oralidade, leitura, produção textual e análise linguística no ensino, o que é possível através das sequências didáticas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) têm contribuído das mais diversas formas para os profissionais da área da educação, inclusive por tratarem os gêneros

textuais como importante ferramenta para o ensino das práticas de leitura e produção textual, objetivando:

*O domínio da expressão oral e escritas em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material a produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. (PCN, 1998, p. 49)*

Entretanto, os PCN apesar de orientarem a utilização dos gêneros, não propõem um processo, isto é, um modo de como, na prática, os professores trabalharem eles no ensino de Língua Portuguesa, assim ressalta Lopes-Rossi (2006, p. 75), “os professores manifestam-se muito interessados no assunto, porém, carentes de fundamentação teórica e de exemplos práticos”. Deste modo faz-se necessário recorrer a autores como Dolz e Schneuwly (2004), além da própria Lopes-Rossi (2006), uma vez que estes autores formulam métodos de como trabalhar os gêneros textuais em sala de aula, na finalidade de entender a relação entre os gêneros trabalhados na escola e os gêneros trabalhados fora dela, utilizando isso como referência para o processo de ensino-aprendizagem.

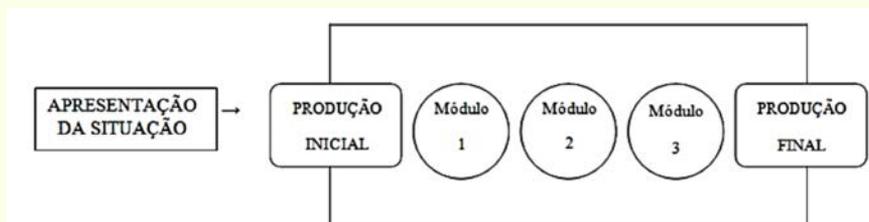
De acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 51):

*Sequência didática é: Uma seqüência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem. As seqüências didáticas instauram uma primeira relação entre um projeto de apropriação de uma prática de linguagem e os instrumentos que facilitam essa apropriação.*

A seqüência didática permite aos alunos utilizarem uma amplitude de aspectos da língua, uma vez que conduz o processo de ensino-aprendizagem com um método que facilita a apropriação dos diferentes gêneros, de modo que eles desenvolvam a escrita e a oralidade. Por isso, os autores afirmam que o recurso pedagógico objetiva desenvolver nos alunos uma competência para as mais diversas práticas comunicativas do cotidiano. Abaixo temos o modelo de Sequência didática proposto pelos referidos autores:

Dolz e Schneuwly (2004, p. 98) ainda apresentam um modelo de seqüência didática:

Imagem 1 - Esquema da seqüência didática



Fonte: Dolz e Schneuwly, 2004, p. 98.

O modelo divide-se em apresentação da situação, momento no qual será apresentado o gênero para os alunos; produção inicial, logo após ser apresentado o gênero, os alunos realizam uma produção textual do gênero trabalhado. Estes dois primeiros momentos objetivam analisar as dificuldades e o grau de conhecimento que os alunos têm sobre o gênero. Em seguida temos os módulos. Nesta etapa são feitas atividades planejadas metodicamente, com a finalidade de desenvolver as capacidades linguísticas do aluno. Os módulos devem ser direcionados às dificuldades encontradas na produção inicial dos alunos e visando a superação dessas dificuldades, devem propor atividades diversificadas e adaptadas às particularidades da turma. Na produção final, os alunos, depois de passarem pelos processos de avaliação, produzem um texto considerando o gênero escolhido, para que assim o professor analise o progresso destes em relação à compreensão sobre o funcionamento do gênero e o aperfeiçoamento de suas capacidades linguísticas e comunicativas.

Segundo os autores, as sequências didáticas precisam ser trabalhadas a partir dos gêneros que o aluno ainda não tem domínio ou daqueles sobre os quais apresenta dificuldades para utilizá-los, também serão levados em conta os gêneros que são dificilmente acessíveis pela maioria dos alunos.

Lopes-Rossi (2006) também desenvolve um modelo de sequência didática, o qual ela chama de Projetos Pedagógicos, que se articula da seguinte maneira:

## Quadro 1 - Esquema de sequência didática

Módulos didáticos	Sequências didáticas
Leitura para apropriação das características típicas do gênero discursivo	Série de atividades de leitura, comentários e discussões de vários exemplos do gênero para conhecimento de suas características discursivas, temáticas e composicionais.
Produção escrita do gênero de acordo com suas condições de produção típicas	<p>Série de atividades de produção:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Planejamento da produção (assunto, esboço geral, forma de obtenção de informações, recursos necessários)</li> <li>2. Coleta de informações</li> <li>3. Produção da primeira versão</li> <li>4. Revisão colaborativa do texto</li> <li>5. Produção da segunda versão</li> <li>6. Revisão colaborativa do texto</li> <li>7. Produção da versão final, incluindo o suporte para circulação do texto</li> </ol>
Divulgação ao público, de acordo com a forma típica de circulação do gênero	Série de providências para efetivar a circulação da produção dos alunos fora da sala de aula e mesmo da escola, de acordo com as necessidades de cada evento de divulgação e das características de circulação do gênero.

Fonte: Lopes-Rossi, 2006, p. 75.

O projeto tem a finalidade de fazer com que o aluno, por meio da leitura e escrita, passe a produzir os gêneros. Para isso, é necessário que este desenvolva habilidades comunicativas a partir dos aspectos do gênero trabalhado. A autora ainda enfatiza que muitos dos gêneros textuais trabalhados em salas de aula podem não suprir as necessidades de escrita dos alunos, uma vez que a maioria das situações de produção e circulação dos

gêneros usados por eles ocorre fora da escola. Assim, faz-se necessário trabalhar os gêneros que mais se encontram presentes no cotidiano dos alunos e cujas características não são tão fáceis de compreender de forma eficaz fora da escola, tal como a notícia.

Por isso, o professor precisa dar condições para que os alunos se apropriem de características discursivas e linguísticas de variados gêneros em contextos de comunicação real. Isso pode ser realizado através das sequências didáticas, ou seja, projetos pedagógicos que visem o conhecimento, a leitura e a discussão.

## Uma proposta de sequência didática para o gênero notícia

Feitas as discussões teóricas e observações dos respectivos métodos de Dolz e Schneuwly (2004) e Lopes-Rossi (2006), sugerimos um modelo de sequência didática para o ensino do gênero notícia no Ensino Fundamental II, tendo em conta os momentos distintos e articulados da SD, para uma aprendizagem progressiva do gênero. Para isso, faz-se necessário a utilização de recursos como um Datashow e algumas atividades sistematizadas. A proposta constitui-se da seguinte maneira:

### **Primeiro momento** - Apresentação inicial

Ler com os alunos várias notícias *online*. É importante que essa leitura seja feita em espaço virtual, com uso de Datashow, celular, ou outro recurso tecnológico, a fim de que os alunos percebam o

funcionamento do gênero no seu espaço natural, que é o ambiente virtual. Como defendido por Lopes-Rossi (2015), é importante que os alunos leiam vários textos pertencentes ao mesmo gênero, para adquirirem noção da organização das notícias. Depois de ler várias notícias, com o uso de um computador e um micro-projetor, apresentaremos aos alunos uma notícia online do portal G1, sobre o incêndio que atingiu a Catedral de Notre-Dame em Paris, publicada no dia 15 de abril de 2019. Em seguida, propor uma discussão sobre o gênero, solicitando que, em grupos, leiam a notícia; conversem sobre os meios de circulação da notícia, sua produção, finalidade; destaquem suas características e respondam a alguns questionamentos como o meio de circulação que se dá a notícia e sua função social. Diferenciando-se da proposta de Dolz e Schneuwly (2004) não teremos a etapa da produção inicial, haja vista que as atividades não contemplaram a etapa de produção textual, apenas leitura.

## **Segundo momento** - Módulos

Módulo 1 - Contexto de produção (leitura para apropriação das características típicas do gênero): ler a notícia "Incêndio atinge a Catedral de Notre-Dame, em Paris", do portal G1, e identificar o autor, data de publicação, meio de circulação e finalidade, para que desse modo comecem a identificar aspectos da estrutura do gênero.

Módulo 2 - Apresentação das características composicionais da notícia: O professor, através da notícia do portal G1, deve explicar as características que estruturam o gênero na plataforma.

Manchete: síntese do tema a ser abordado, junto ao um subtítulo que auxilia no entendimento. Neste caso, na manchete é noticiado um incêndio que atingiu a Catedral de Notre-Dame, em Paris, junto a um subtítulo que serve para dar ênfase para a informação relatada na manchete.

Imagem 2 - Notícia do portal G1 (recorte 1)

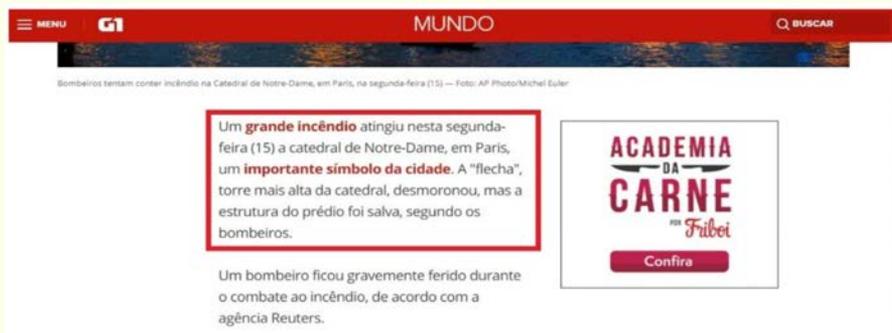


The image shows a screenshot of a news article from the G1 portal. The header is red with the G1 logo on the left, the word 'MUNDO' in the center, and a search icon labeled 'BUSCAR' on the right. The main headline is 'Incêndio atinge a Catedral de Notre-Dame, em Paris' in large, bold black text. Below the headline is a sub-headline: 'Torre desmoronou em meio às chamas; estrutura foi salva após mais de quatro horas de trabalho dos bombeiros. Macron prometeu reconstruir catedral e diz que irá lançar campanha internacional.' At the bottom left of the article, it says 'Por G1' and '15/04/2019 14h04 - Atualizado há um mês'. At the bottom right, there are social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, LinkedIn, and Print.

Fonte: Portal G1, 2019.

*Lead*: introdução da notícia a ser abordada. Neste parágrafo, vemos um resumo do ocorrido, situando o leitor sobre o que, quem, quando e onde aconteceu o incêndio. Essa parte introduz o leitor na informação noticiada.

## Imagem 3 - Notícia do portal G1 (recorte 2)



The image shows a screenshot of a news article from the G1 portal. The header is red with the G1 logo on the left, the word 'MUNDO' in the center, and a search icon labeled 'BUSCAR' on the right. Below the header is a dark banner image of a fire. The main text of the article is enclosed in a red-bordered box and reads: 'Um grande incêndio atingiu nesta segunda-feira (15) a catedral de Notre-Dame, em Paris, um importante símbolo da cidade. A "flecha", torre mais alta da catedral, desmoronou, mas a estrutura do prédio foi salva, segundo os bombeiros.' To the right of the text is a red button with the text 'Confira'. Below the main text, there is a sub-headline: 'Um bombeiro ficou gravemente ferido durante o combate ao incêndio, de acordo com a agência Reuters.' To the right of the sub-headline is a logo for 'ACADEMIA DA CARNE' with 'em Filiboi' below it and a red button labeled 'Confira'.

Bombeiros tentam conter incêndio na Catedral de Notre-Dame, em Paris, na segunda-feira (15) — Foto: AP Photo/Michel Euler

Um **grande incêndio** atingiu nesta segunda-feira (15) a catedral de Notre-Dame, em Paris, um **importante símbolo da cidade**. A "flecha", torre mais alta da catedral, desmoronou, mas a estrutura do prédio foi salva, segundo os bombeiros.

Um bombeiro ficou gravemente ferido durante o combate ao incêndio, de acordo com a agência Reuters.

ACADEMIA DA CARNE em Filiboi

Confira

Fonte: Portal G1, 2019.

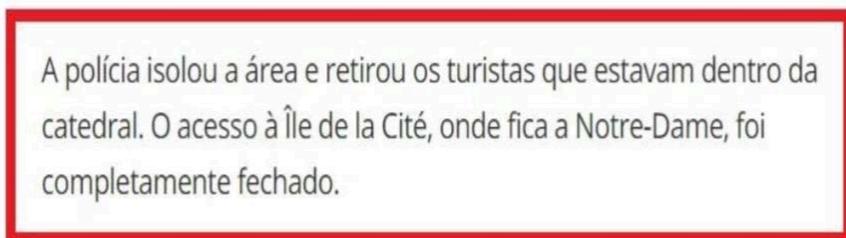
Episódio: abordagem mais precisa dos acontecimentos e consequências do evento/reações verbais. Neste momento, o redator dá detalhes sobre o que pode ter causado o incêndio, a repercussão e causas do acontecido, assim como mostra as reações de lideranças políticas em relação ao incêndio. A partir disso o leitor passa a ter uma visão mais crítica pois o mesmo passa a ter indagações ao tema retratado, tendo assim um olhar crítico através das suas análises, proporcionando um melhor desenvolvimento ao ensino aprendizagem do aluno leitor e uma formação de um leitor crítico.

## Imagem 4 – Notícia do portal G1 (recorte 3)



Fonte: Portal G1, 2019.

## Imagem 5 – Notícia do portal G1 (recorte 4)



Fonte: Portal G1, 2019.

## Imagem 6 – Notícia do portal G1 ( recorte 5)



Fonte: Portal G1, 2019.

Comentários: como os personagens envolvidos no evento avaliam o ocorrido. É utilizada na presente notícia, o depoimento de uma turista que estava próxima ao local no momento do incêndio, a fim de dar maior credibilidade à notícia. Esse módulo é muito importante pois através dos comentários, o aluno leitor compreende a notícia com mais detalhes, tendo assim um sentido mais amplo, proporcionado pelos comentários.

De acordo com Brasil (2018) destaca-se que:

*O campo jornalístico-midiático caracteriza-se pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo. (BRASIL, 2018, p. 489)*

Portanto, a notícia online e seus diversos módulos traz um leque de possibilidades para ter um olhar crítico voltado às informações, tais quais os alunos leitores possam perceber e distinguir seus diferentes pontos de vista voltados ao assunto. Brasil (2018) ressalta a importância do campo midiático jornalístico como ferramenta fundamental para um olhar crítico voltado à notícia online.

## Imagem 7 - Notícia do portal G1 (recorte 6)



Fonte: Portal G1, 2019.

## Considerações Finais

A notícia procura relatar um fato tal como este aconteceu, para isso, precisa ser concisa, sempre transmitindo a informação, de um fato atual e real, que seja relevante. Esta pode assumir forma e conteúdo que se diferenciam quanto ao suporte. Isso em decorrência de estar sempre em desenvolvimento, obedecendo a avanços e necessidades vigentes de cada época, tendo que acompanhar o desenvolvimento do rádio, da televisão e agora da Internet.

Em relação à sequência didática podemos constatar que na apresentação inicial, os alunos, por terem contato com o gênero e conhecerem as propostas a serem trabalhadas, criam familiaridade tanto com a notícia, quanto com o professor. Nesse momento, pode-se analisar o nível de conhecimento que eles têm a respeito do gênero estudado. Através dos módulos é possível gerar

condições para que os alunos desenvolvam conhecimentos a respeito da notícia, melhorando tanto suas concepções já adquiridas, quanto criando circunstâncias para que se apropriem do conhecimento sobre o gênero.

Nos módulos são trabalhadas as características do gênero, no que diz respeito sua forma composicional, estilo e tema. Os alunos são colocados em contato com o texto, com a leitura, ou melhor, com diferentes exemplares do gênero notícia online. As atividades de leitura da sequência didática sobre notícia online devem ter como foco não apenas a estrutura, mas também aspectos do funcionamento social desse gênero.

## Referências

ANTUNES, Maria Irandé Costa Moraes. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*. Florianópolis, v. 20, n 1, p. 65-75, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 13 abr. 2019

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, Acir Mário et. al. (org.). Gêneros Textuais: reflexões e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros Textuais & Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PIETRO, Sandra. A importância dos gêneros digitais na escola. Perspectiva: Revista Iberoamericana de Sistemas, Cibernética e Informática. São Paulo, v. 3, n. 3, p. 43-47, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. Porto: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2002.

VAN DIJK, Teun A. News as Discourse. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. In: SOUSA, Emanuel; ALVES FILHO, Francisco. Uma estrutura composicional para dois gêneros: a notícia e a notícia satírica. Perspectiva: Revista FSA. Teresina, v. 10, n. 2, p. 222-245, 2013.

# O GÊNERO MEME COMO OBJETO DE ENSINO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Francisca das Chagas Pereira Felix

Pamela Rayssa Silva Pinho

 O intuito do presente artigo é de apontar estratégias de leitura para trabalhar o *meme* em sala de aula como uma ferramenta de ensino para as aulas de Língua Portuguesa. O *meme* passou a se estabelecer nas redes sociais como uma forma de comunicação, baseada na recriação de fatos ocorridos no dia a dia, de forma coletiva e paródica, sendo constituído de imagens, textos verbais, vídeos, entre outros, que se espalham de forma viral.

O *meme* é um gênero com configuração relativamente nova bastante relevante para ser explorado na sala de aula, uma vez que a maior parte dos alunos nos dias de hoje possui contato com essas mídias da esfera digital. É importante pensar em uma forma de ensinar estes gêneros na sala de aula como um método de ensino que venha contribuir de forma significativa nesse processo de aquisição de conhecimento dos alunos, objetivando de certa forma uma reflexão sobre o uso da língua materna no espaço digital.

A escolha do corpus “*memes* da página bode gaiato” se deu em virtude do tipo de linguagem

encontrada nesses *memes*, que normalmente se relaciona com um dialeto muito específico da língua portuguesa, conhecido como o dialeto nordestino. Esses *memes* possuem uma linguagem humorística, voltada para enfatizar situações ocorridas no dia a dia. Eles têm montagens: imagem de fundo da galáxia, o nome do personagem principal é Junin, modo como muitos nordestinos falam, ao invés de pronunciarem Juninho.

## Os gêneros digitais: novas formas de linguagem na contemporaneidade

Ao longo dos anos, a forma como as pessoas têm se comunicado vem se modificando, e foram assim surgindo, as novas tecnologias e com ela os gêneros digitais conhecidos por apresentarem imagens legendadas, vídeos ou expressões que se espalham pela *internet* rapidamente. Os *memes* são gêneros textuais bastante novos e que têm ganhado espaço no universo das redes sociais, embora ainda exista pouco conhecimento sobre esse universo, não dá para negar que ele se popularizou entre adolescentes, jovens e até mesmo adultos. A cada dia as pessoas têm mais contato com as novas tecnologias. Embora muitas escolas não disponham de um aparato tecnológico adequado, geralmente os alunos têm certo contato com as novas tecnologias digitais, seja em casa, ou em grupos de amigos.

Dessa forma, as tecnologias digitais podem e devem se inserir na escola enquanto objeto de ensino, uma vez que elas nos possibilitam construir novas práticas de discurso, de comunicação e de expressão. Certamente,

a sua aquisição se torna gradativamente necessária em nosso cotidiano, já que estas possuem a tendência de introduzir em nosso meio novas possibilidades de comunicação, o que acaba causando a necessidade de desenvolver competências e habilidades, mediante reflexão da criação de novos letramentos.

O ensino de Língua Portuguesa tem sofrido certas transformações, principalmente em concordância com novas práticas de ensino do século XXI, uma vez que a utilização frequente da internet, faz surgir possibilidades de linguagens e, conseqüentemente, atinge a vida das pessoas. Atualmente, tornou-se comum a utilização de aplicativos e diversas mídias eletrônicas nos processos de comunicação, afetando de certa forma a interação social.

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros do discurso resultam em formas-padrão relativamente estáveis de enunciado, determinadas sócio-historicamente. Para o autor, o sujeito se comunica, fala e escreve por meio dos gêneros do discurso, ou seja, os gêneros são elementos vivos no cotidiano dos falantes. Até em diálogos informais, o discurso é totalmente modificado pelo gênero em uso. Esses gêneros nos são dados, conforme Bakhtin (2003, p.282): “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”.

Para ele, gêneros são “entendidos como domínios ideológicos que dialogam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estáveis de enunciados” (2003, p. 42). Conforme o autor, os gêneros sofrem modificações na medida do processo histórico ao qual se encontram. Assim, de acordo com cada situação social, passa a emergir um novo gênero, com suas próprias características. Logo, existem inúmeras possibilidades de

situações comunicativas e cada uma delas se organiza de acordo com a utilização da língua. É possível perceber que os gêneros são inúmeros.

Nesse sentido, Bakhtin (2003, p. 106) diz que “o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo”. Esse trecho, de certa forma, está intimamente ligado com o termo “*relativamente estável*”, já que assim como a sociedade se modifica os gêneros também passam pelo mesmo processo de modificação com a finalidade de suprir as necessidades dos sujeitos da sociedade. Podemos citar a carta como exemplo, que era um dos meios de comunicação mais utilizados antigamente, e hoje perdeu espaço para o gênero e-mail, considerando que a sociedade moderna busca rapidez e praticidade para atender às suas necessidades comunicativas, uma vez que, a carta, não mais supria. Contudo, este gênero não deixou de pertencer a nossa realidade, o que de fato ocorreu foi uma grande modificação, isto é, uma atualização desse gênero que é a carta, para melhor facilitar a comunicação da sociedade.

Pode-se perceber que o gênero não surge de imediato, já que o mesmo está sempre vinculado a um contexto cultural, demarcado por elementos sociais que estão associados ao espaço e, com isso, a cultura do sujeito traz consigo a sua própria história de acordo com o tempo. É a partir disso, que o gênero, que emerge dentro de determinada cultura, conseqüentemente passa a sofrer modificações conforme o espaço e o tempo.

Sendo assim, Marcuschi (2007), parte da ideia que os gêneros textuais não podem ser caracterizados de forma imutável, mas como formas culturais e de conhecimento materializada na linguagem, considerando

também o comportamento social em determinado contexto e em uma determinada época, isto é, o gênero textual é dinâmico, dessa forma, ele é capaz de se modificar em função das mudanças sociais.

## Multiletramentos na escola: trabalhando com gêneros textuais

Segundo Rojo (2013), os multiletramentos podem ser entendidos como uma multiplicidade de linguagens nos textos, desde os impressos aos digitais, que se movimentam em culturas diversificadas. Tais textos se caracterizam pela interação, colaboração, composição em linguagens, mídias e culturas. Para os multiletramentos, a mistura desses textos requer a ampliação de práticas e capacidades para o entendimento e elaboração de diferentes linguagens, modos ou semioses. Desta maneira, os multiletramentos sustentam seu conceito na multimodalidade presente nos textos.

A partir do ponto de vista dos multiletramentos, o conhecimento é produzido por formas multimodais bem como: pelas letras, imagens, sons, pela interatividade, valorizando habilidades difíceis e reconhecendo a diversidade de determinado local. Desse modo, Rojo (2013, p.8) afirma que "se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramentos atuais não podem ser as mesmas."

Certamente, a ideia de usar metodologias que contemplem os multiletramentos nas salas de aulas é de

grande relevância, desde que o professor tenha certo conhecimento sobre as novas tecnologias e que a escola possua condições de oportunizar a prática dessas metodologias na sala de aula. É necessário refletir a respeito da forma como crianças e jovens vivenciam o letramento através da diversidade cultural.

Rojo; Moura (2012) defende uma "pedagogia dos multiletramentos" voltada para práticas que levem em consideração desde os letramentos, a multiplicidade cultural dos alunos, os diversos gêneros que são conhecidos por eles e que introduzem na sala de aula e se correlacionam com as mais variadas culturas e meios sociais. A instrução aberta trata-se de uma análise crítica e conhecedora das práticas dos alunos e de determinados processos de produção e recepção buscando avaliar as suas formas de interpretação, seus desempenhos e valores. A partir do enquadramento crítico, que leva alunos a compreender e produzir variados enunciados, de culturas distintas e linguagens, ainda assim, é possível fazê-los entender a multiplicidade cultural de modo crítico, ético e respeitoso.

Ainda de acordo com Rojo; Moura (2012), uma pedagogia dos multiletramentos é essencial para tornar o aluno um analista crítico. Assim, para que o meio escolar permita aos alunos envolverem-se em práticas sociais que visam à leitura e a escrita de forma ética, crítica e democrática, é necessário considerar o uso dos multiletramentos e não deixando de lado os letramentos do meio em que vivem. Além disso, é preciso inovar o método tradicional que se refere à palavra escrita e busca abranger o sentido de letramento na esfera de outras linguagens que se fazem presentes nos textos, graças aos avanços tecnológicos.

O gênero *meme* por ser na maioria das vezes, textos humorísticos de crítica a determinadas pessoas ou situações sociais, pode ser objeto de estudo em sala de aula, não apenas para o ensino de leitura e de escrita, mas também para reflexão sobre questões éticas, na mídia digital. É interessante refletir junto aos alunos que não é ético usar imagens das pessoas para construção de *memes* sem autorização. Podemos perceber que são muitas as possibilidades de reflexão sobre o ensino do gênero *meme*, desde questões éticas até de escrita e oralidade.

## O gênero *meme*: entre oralidade e escrita

Segundo Marcuschi (2005, p. 29-30), “hoje, o gênero é facilmente usado para se referir a uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”. Dessa forma, é possível perceber que os gêneros se refletem sob as estruturas sociais decorrentes de cada cultura. Assim, a diversidade dessas culturas traz consequências significativas para a variação de gêneros. Tendo em vista que, com o avanço das tecnologias a tendência é de surgir outros gêneros diferentes dos que já existem, ou seja, é possível que haja a substituição de determinados gêneros para outros ao decorrer do tempo e das necessidades dos indivíduos.

Segundo Marcuschi (2005), nesta atual era digital, carregada de uma cultura eletrônica, bem como: o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, especialmente o computador e o seu mais revolucionário surgimento, a internet, podemos observar uma explosão de novos

gêneros e as mais novas formas de comunicação, tanto na oralidade quanto na escrita. O principal aspecto desses gêneros citados e de outros gêneros emergentes é a nova relação que surge com os usos da linguagem como tal, que, de certa forma, possibilitam a redefinição de algumas características fundamentais na linguagem mediante o seu uso, como no caso da relação existente entre a oralidade e a escrita, que se aproximam cada vez mais.

Sabe-se que a língua portuguesa brasileira, como afirma Bagno (2003, p.16), “apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade”, que são incentivadas desde fatores de ordem regional, como também pelo contexto social e histórico em que são inseridos os falantes, por sua vez, as escolas geralmente ignoram essa diversidade. Dessa forma, Bagno (2003, p. 15) aponta:

*[...] a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização.*

Nesse sentido, o que podemos perceber, é que a escola busca impor o monolinguismo<sup>22</sup>, isto é, impor a norma de língua culta, não levando em consideração o multilinguismo<sup>23</sup> presente no português brasileiro, atribuindo noções do que é “certo” e “errado”, o que na

---

<sup>22</sup> O monolinguísmo se caracteriza pelo uso fluente de apenas uma língua, por um falante ou grupo.

<sup>23</sup> O multilinguismo se caracteriza pelo conhecimento de uma língua, por um mesmo falante.

verdade não seria cabível. Segundo Bagno (2003) “a língua é essencialmente heterogênea, variante e mutante”.

Vale frisar que quando se fala no ensino da língua portuguesa, a maioria das pessoas logo atribui prioritariamente o ensino de regras gramaticais, isto é, o ensino do português como sinônimo do ensino das regras da Gramática normativa, no entanto, o ensino de uma língua materna não se restringe ao ensino da gramática. Uma criança, ao entrar na escola, desde o ensino infantil, já traz consigo uma bagagem linguística, fruto do seu contato com a língua desde pouca idade, já que ela é falante e pertencente a um grupo social e linguístico que apresenta uma linguagem natural.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 25) alerta para o fato de que: “O falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações”. Ao analisar o gênero *meme* em sala de aula, é importante mostrar que muitas das escolhas linguísticas são feitas tendo em vista a intenção do autor em brincar com a linguagem, de criticar determinados segmentos sociais, de enfatizar determinadas culturas, ou seja, essas escolhas revelam uma intenção do autor. Portanto, *memes* como a página “bode gaiato”, não devem ser ensinados como possibilidade de transcrição do que seja certo ou errado, mas como possibilidade de uso da língua para atender a determinados propósitos comunicativos.

Tomando por base os autores acima, percebe-se também que há de fato um problema no ensino da língua padrão, já que alguns professores não consideram os saberes que os alunos trazem de casa, ou seja, deixa de lado o conhecimento adquirido ao longo de vários anos por esse aluno, e vai repassar o conteúdo

descontextualizado tornando o ensino mais complexo, já que eles terão que ressignificar o que já foi aprendido. As variações na fala de cada um, o contexto histórico, social e cultural, são importantes elementos para serem explorados e discutidos em sala de aula como uma ferramenta de ensino.

Pensando nisso, esse artigo busca mostrar o gênero digital *meme*, como um meio de discussões, em sala de aula, a respeito de uma variedade da língua diferente da gramática normativa, outra possibilidade de uso, mas que não pode ser visto como sendo errado só porque não é igual a português culto. Falar diferente da gramática normativa não significa erro, mas que existe variação que ocorre a partir de muitos fatores sociais. Considerando a relevância que é atribuída ao fato do professor trabalhar com propostas pedagógicas que utilizem os gêneros como objeto de ensino nas aulas de língua portuguesa, é importante frisarmos algumas considerações acerca da abordagem do gênero textual *meme*. Faremos essa abordagem considerando mais especificamente a página do *meme*; bode gaiato.

## Origem do meme bode gaiato

A página do *meme*<sup>24</sup> bode gaiato originou-se em 2013, por um universitário chamado Breno Melo. A ideia de criar o *meme* bode gaiato surgiu quando o jovem estava de férias, sentindo-se no tédio resolveu criar o

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/05/bode-gaiato-criado-por-recifense-vira-mania-e-atinge-multidao-de-fas-na-web.html>. Acesso em: 06 jun. 2019.

*meme* com o personagem nordestino, na tentativa de abordar uma temática, piadas, frases e termos diferentes, que costumam ser difundidos na internet.

Durante uma entrevista para o G1, Breno Melo explica o porquê de criar o bode como principal personagem da tirinha: “pensei logo num bode, até porque tudo fica mais engraçado quando é retratado por um animal, e adicionei um adjetivo regional, o gaiato, que é uma pessoa engraçada, brincalhona”. Além disso, o mesmo definiu o nome do personagem principal de Junin, modo como muitos nordestinos falam Juninho e segundo ele, a maior parte das ideias e temas retratados nos *memes* partem de experiências vividas e observadas por ele mesmo.

Vale ressaltar que o criador do bode gaiato busca criar “piadas saudáveis”, já que além dos adolescentes, muitos adultos também curtem a página. Outra grande preocupação é em abranger o maior público possível, não apenas nordestinos, que são os que mais se identificam na linguagem e nas situações presentes nas tiras.

Dessa forma, vejamos abaixo, algumas análises que apontam para uma variedade linguística diferente da norma padrão, mas que não é erro no contexto usado. Nessa situação de uso contribui para revelar humor, cultura e informalidade no cotidiano de uma comunidade marcada por traços regionais na linguagem.

Os textos apresentam termos presentes na linguagem nordestina, buscando mostrar que nesse gênero *meme*, do Bode Gaiato, falar assim não é incorreto, mas que consiste na possibilidade ou até mesmo se trata de uma alternativa de uso na variedade padrão, que vai de acordo com a região em que o falante se encontra, uma

vez que, esses termos são marcas linguísticas próprias da página humorística Bode Gaiato.

## Meme bode gaiato: variações linguísticas

Figura 1 - Variação linguística



Fonte: Facebook, 2019.<sup>25</sup>

Nesta figura 1, é notável a grande quantidade de variação linguística nos memes da página Bode Gaiato. Existe uma expressividade na fala e marcas da linguagem

---

<sup>25</sup> Página oficial do Bode Gaiato no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>. Acesso em: 05 maio, 2019.

nordestina, com algumas expressões, características, como pode ser percebida no *meme* acima nas palavras “fi”, “pá”, “passá”, “armaria”, “mainha”, “nãm”. Tais termos são usados com bastante frequência pelos falantes da região nordestina.

O autor do Bode Gaiato retrata claramente a forma simples de um povo que possui uma cultura bem definida, caracterizada na fala, nos gestos, nos trajés, nos costumes e crenças, na forma como ela é. Um tipo de fala resumida como nas palavras “armaria e nãm”. Ou seja, ele costuma retratar nesses *memes* conteúdos referentes a situações do cotidiano, trazendo a cultura e os costumes do povo nordestino. Desse modo, para ser mais produtivo, o professor poderia fazer uma comparação acerca das palavras/termos que possuem o mesmo sentido, dessa forma, levava os alunos a refletirem sobre o uso da língua, percebendo o quanto esta é dinâmica e heterogênea, como dito por Botorni-Ricardo (2005).

Na figura acima, podemos notar uma escrita distinta da variante padrão nas palavras tais como “filho”, “para”, “passar”, “Ave Maria”, “mãezinha” e “nãõ” respectivamente escritas como “fi”, “pá”, “passá”, “armaria”, “mainha”, “nãm”. A escolha de tais termos se deu em virtude de uma associação com a oralidade dessas palavras, na tentativa de caracterizar a linguagem nordestina na fala dos personagens, atribuindo de certa forma, uma marca de humor na forma como as palavras são pronunciadas por alguns falantes nordestinos.

Percebemos que mesmo sendo um gênero escrito, a linguagem tem uma semelhança muito grande com o registro oral da fala nordestina. Isso se alinha ao que diz Marcuschi (2007) sobre a possibilidade da linguagem formal ou informal fazer parte tanto da oralidade quanto

da escrita, a depender da situação de comunicação. Considerando o humor característico do gênero meme, o autor intensifica, até mesmo exagerando, a variação linguística que expressa a fala nordestina, a fim de obter determinados efeitos de sentido e humor.

Na próxima figura temos um *meme* também relacionado à cultura nordestina, trazendo por exemplo a figura de um bode, animal bem característico do nordeste, além da expressão “ladrão de galinha”. Contudo, faz uma crítica à política no Brasil:

Figura 2 - Política, corrupção e humor no meme



Fonte: Facebook, 2019.

A figura 2 retrata de forma humorística uma situação muito comum na política do Brasil, que é a corrupção,

fazendo uma comparação entre o crime político e o roubo de galinha por uma pessoa pertencente às classes menos favorecidas. O termo "*ladrão de galinha*" é utilizado para nomear um ladrão que comete crimes pequenos como furtar alimentos para o seu sustento, isto é, é um crime cometido por pessoas de baixa renda. Esse termo é bem comum na região nordeste e por essa razão, é retratado no *meme*. Já o outro personagem, que se diz ser político, cometeu um crime maior por roubar verbas dos cofres públicos, mas continua impune, como é possível perceber na imagem.

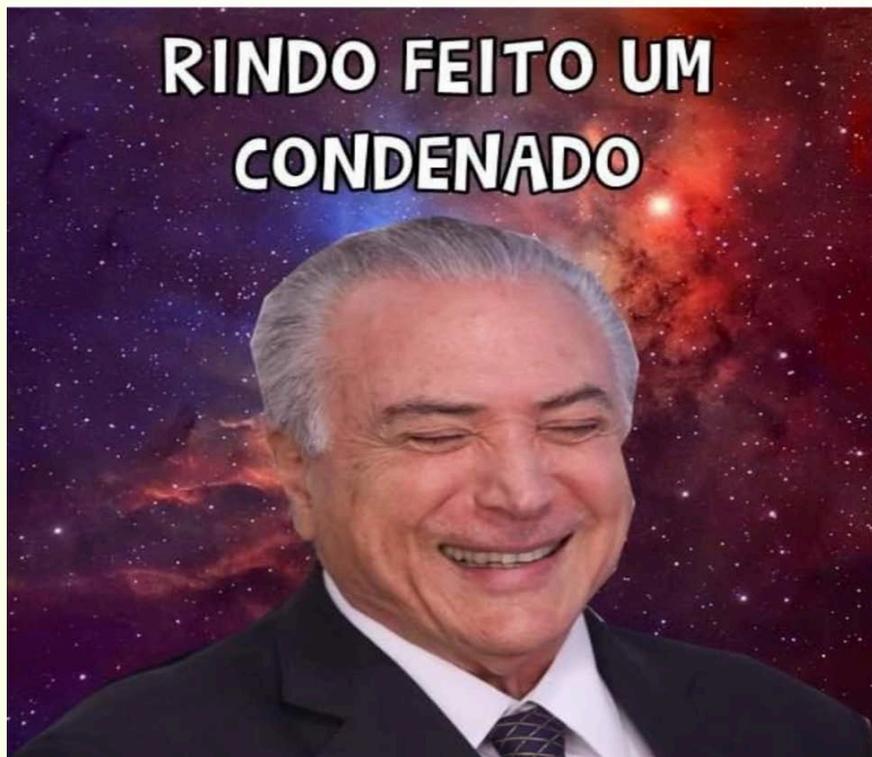
Com este *meme*, podemos notar a importância de trabalhar estes assuntos recorrentes do cotidiano nas aulas de Língua Portuguesa, com a finalidade de despertar o senso crítico dos alunos a partir de discussões e de suas perspectivas sobre o que é retratado na figura, além de tentar provocar curiosidade no aluno na tentativa de fazê-los realizar pesquisas acerca do que é ressaltado nas figuras trabalhadas em sala de aula, a fim de comparar o seu ponto de vista com o que foi pesquisado, utilizando dessas ferramentas que são os gêneros *memes*.

Portanto, como já mencionado, esses textos expõem situações comuns que são frequentes no cotidiano dos brasileiros, envolvendo polêmicas com políticos, e principalmente a corrupção. A página "bode gaiato" explora tanto a questão da política quanto outros fatores de maneira bem humorada e descontraída, ou seja, fazendo uma forte crítica aos acontecimentos de maneira divertida, utilizando do humor para levar as pessoas a refletir sobre a realidade em que estão inseridas.

Na figura 3 mostra uma imagem do ex-presidente Michel Temer, com a seguinte frase: "*rindo como um*

*condenado*”, fazendo uma relação com o dia em que ele foi preso.

Figura 3 - Multissemiose no meme



Fonte: Facebook, 2019.

A expressão *rindo feito um condenado* refere-se às consequências dos atos cometidos pelo personagem, é como se ele estivesse rindo da sua própria “desgraça”. Nesse sentido, é possível trabalhar no *meme* a interpretação e sugerir que os alunos ampliem seu conhecimento buscando em outras fontes, como em revistas online, impressas, jornais digitais e também

impressos acerca da temática abordada na figura acima e estimular os alunos a pesquisarem sobre o efeito de sentido que a expressão “condenado” provoca.

Aqui podemos observar esse jogo de imagem e texto que o autor do Bode Gaiato aborda. É possível perceber, que a imagem de Michel Temer é essencial para provocar essa relação da expressão “condenado” para que assim possa gerar efeitos de sentidos desejados, envolvendo o texto verbal e não verbal, ou seja, é a mistura do texto e da imagem para a produção de sentidos. A partir desse texto o professor pode propor uma atividade de produção textual de acordo com as temáticas trabalhadas em sala de aula. Importante ressaltar para os alunos a relação semiótica entre o texto verbal e a imagem de Michel Temer rindo.

Rojo e Moura (2012) argumentam a favor de um ensino voltado para os multiletramentos necessários ao ensino digital, bem como para metodologias de ensino que contemplem os aspectos multissemióticos dos textos. Portanto, o gênero meme constitui-se como objeto de ensino favorável à abordagem de elementos multissemióticos, uma vez que, de forma muito recorrente associa diferentes linguagens.

Figura 4 - Humor e crítica social



Fonte: Facebook, 2019.

A figura 4 mostra o presidente Jair Bolsonaro, seu ministro da economia Paulo Guedes, e o ex-Senador Magno Malta, fazendo uma crítica humorística sobre a imagem do presidente. Temos uma situação de apresentação de seminário na qual todos conseguem dizer suas falas, menos o Jair Bolsonaro. É possível perceber quando a professora diz que é a vez de Jair Bolsonaro apresentar, e diz que não pode ler no papel, tenta mostrar certa dificuldade do presidente nos discursos públicos.

Sendo assim, podemos observar que o *meme* não é uma simples piada, mas tem todo um contexto social relacionado ao assunto tematizado. Aqui, o professor poderia buscar como instrumento didático o uso de vídeos, a fim de mostrar claramente o presidente Jair Bolsonaro utilizando papéis como apoio nos seus discursos, assim, os alunos compreenderiam a relação existente entre o que está abordado no texto e o que o vídeo mostra. Outro aspecto importante a refletir com os alunos é o posicionamento político adotado pela página onde os textos são divulgados. O modo como os políticos são tematizados indica uma valoração ideológica por parte do autor. Esse aspecto social e ideológico é de grande relevância no ensino de leitura crítica.

## Considerações finais

O gênero *meme* se caracteriza como um texto multissemiótico, ou seja, que usa tanto a imagem quanto o texto verbal, a fim de transmitir uma mensagem rápida, com um tom de humor e crítica. Tais textos, por sua vez, podem estar presentes na história, na literatura em desenhos e dentre outros, se caracterizando, quanto à funcionalidade, como textos simples, criativos e que exigem letramentos diferenciados dos leitores.

Caracterizam-se como exemplos de textos difundidos na esfera digital. Com o seu uso nas aulas de língua portuguesa é possível ser explorado pelo professor, a interpretação, a criticidade, a reflexão e produção de textos, considerando que, a maior parte dos alunos, hoje em dia, possui de certa forma um contato frequente com

esse tipo de texto nos ambientes escolares, a partir das redes sociais.

É importante destacar, que as redes sociais contribuíram para que o gênero *meme* ganhasse mais força na sociedade, e, certamente, podem ser explorados em sala de aula tanto como forma didática quanto para o professor se aproximar mais dos alunos. Além disso, o *meme* desenvolve certas habilidades, como: articular a escrita, a leitura, a interpretação, reflexão e o senso crítico, desencadeando compreensões de múltiplas funções sociais da leitura do aluno, uma vez que, tal forma de comunicação possibilita ao aluno desempenhar sua potencialidade de criação, de ideias, de construir o seu conhecimento, além de tornar as aulas muito mais dinâmicas.

Esses textos possuem grande poder de crítica, uma linguagem multissemiótica, além do humor que torna o texto atrativo para os alunos. Os *memes* da página “bode gaiato”, por exemplo, podem oferecer espaço para reflexões sobre preconceito linguístico, temas da cultura nordestina, assuntos da esfera política e midiática.

## Referências

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BEZERRA, Paulo (Trad.). Estética da criação verbal. São Paulo: Editora 34, 2003.

BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. A norma oculta. São Paulo: Parábola, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegemos na escola, e agora?. São Paulo: Parábola, 2005.

COSTA, Anilauray; ARAÚJO, Philipe. Novos escritos da era digital: o meme como gênero textual e seu letramento. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA, ESTRANGEIRA E DE LITERATURAS, 10., 2017, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: UFCG, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; PAIVA, Ângela Dionísio. Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; PAIVA, Ângela Dionísio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel Machado; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros Textuais & Ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MOURA, Márcia Valéria Oliveira; MEIRA, Ilana Teixeira Bonfim; CAMPOS, Lucas Santos. Memes nas redes sociais: da reprodução de preconceito à compreensão de fenômenos de variação. Fólio: revista de Letras, Campus de, Candeias/BA, v.10, n.1, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v10i1.4018>. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/4018>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane (org.). Escola conectada: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

# LEITURA DE NOTÍCIAS ONLINE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: desvendando sentidos e ideologias no ensino médio

Ana Beatriz Gomes, UFMA

Guilherme Silva Braga, UFMA

Lenna Letícia Soares Marques, UFMA

 presente artigo discutirá uma análise do gênero notícia online, como forma de refletir sobre a importância do ensino desse gênero na educação Básica. Nossas análises contemplarão uma discussão sobre a dicotomia que existe entre a polarização do movimento de direita e esquerda no espaço político-jornalístico. A notícia analisada trata do massacre de Suzano, ocorrido em 13 de abril de 2019 em São Paulo. Sobre essa dicotomia, Bobbio (2011) afirma:

*[...] desde cem 100 anos de Revolução Francesa com a abertura clara entre a direita e esquerda e seus distintos viés ideológicos, esses movimentos vem até os dias atuais e toma proporção exacerbada no campo político compilando um contraste claramente ideológico e discursivo na mídia e na sociedade.*

Até hoje, os espaços jornalísticos são muito voltados para esses viés ideológicos, tendo neles um direcionamento para suas ações enquanto produção e

divulgação de notícias, desse modo, não existe neutralidade no jornalismo. Com base nessa característica, foram selecionadas duas notícias de dois grandes veículos comunicativos eletrônicos para objeto de análise, o jornal GGN e o Portal Terra.

O Jornal GGN<sup>26</sup>, que tem por criador o jornalista Luís Nassif, é datado de meados de 2013, quando estreou o piloto de seu jornal em versão eletrônica na *internet*. Nasceu com o intuito de contrapor-se à mídia tradicionalista sobre os acontecimentos nacionais. Esse fato acaba tornando evidente a inclinação para uma ideologia de Esquerda, como pode ser visto nas matérias publicadas. Pois o movimento de esquerda sempre voltou seus olhares a uma sociedade mais socialista e humanizada, colocando-se ao lado das classes sociais economicamente menos favorecidas.

O Portal Terra<sup>27</sup> é um veículo de comunicação digital, que foi desenvolvido pela empresa de internet Terra em meados de 1999, com o intuito de expandir a *internet* e o entretenimento dentro dos serviços de acesso no meio *cibernético* por toda a América Latina. Dentro do portal, o tráfego de escritores e redatores é frequente, o que torna fácil à transposição das ideias dos próprios, como pode ser visto em algumas matérias, em que seus conteúdos trazem uma enorme inclinação à ideologia de Direita. Sendo ela, um posicionamento político que defende valores de uma sociedade mais tradicional, que

---

<sup>26</sup> Jornal GGN - É um veículo comunicativo digital, que trabalha de forma independente com conteúdos que se relacionam a mídia jornalística nacional e internacional, como: Notícias, análises, crônicas e artigos.

<sup>27</sup> Portal Terra - É um sistema de comunicação *online*, que traz em seu catálogo de entretenimento digital conteúdos diversos como: Jogos, filmes, música e notícias que se relacionam ao Brasil e mundo.

não pode ser alterada para suprir os desejos de grupos minoritários no Brasil.

## Algumas considerações sobre o gênero notícia e ideologia

A notícia é um gênero jornalístico que serve para informar acontecimentos sociais, sendo assim, os textos devem ser confiáveis, mas, cada notícia traz sua carga ideológica, que vai além de nos informar sobre o que está acontecendo no país ou no mundo. Leva-se em consideração que o posicionamento do autor e sua carga ideológica podem influenciar o leitor, que nem sempre tem certo conhecimento do contexto ou de outros discursos sobre o acontecimento noticiado, o que dificulta uma leitura com maior criticidade. Assim, a notícia acaba influenciando a opinião dos leitores, como afirma Alves Filho e Sousa (2002):

*Uma notícia é um artefato linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem fatores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sociocultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia. (ALVES FILHO; SOUSA, 2002, p. 3).*

As notícias carregam determinadas ideologias e pontos de vista que os autores seguem, podemos questionar se as notícias são realmente imparciais ou se eles tendem a determinado núcleo? Estritamente o núcleo político que os jornais pertencem e vem propagando, especificamente dois portais, o Jornal GGN e o Portal Terra.

As mensagens contidas nessas notícias acabam deixando marcas de qualificações, desqualificações ou posições que são feitas pelos autores a determinadas ideologias. Podemos perceber esse fato através de jornais, sites e telejornais, visto que no Brasil os debates nos últimos anos vêm se tornando cada vez mais fervorosos, muitas vezes, deixando claro seu posicionamento político-ideológico. Dessa forma, os autores abaixo afirmam que a linguagem age sobre o mundo.

*Com a linguagem, dispomos de um instrumento de comunicação e interação, pelo qual estamos sempre agindo sobre o mundo e, ao mesmo tempo, sendo o alvo de outras ações sociais. Dessa maneira, podemos dizer que a linguagem não só representa o mundo como também cria novas realidades por meio dos discursos, estando, assim, intimamente relacionada a todas as atividades que desenvolvemos dentro do universo em que vivemos. (SOUSA; FILHO, 2013, p. 225)*

Entende-se então a mídia como espaço de divulgação de acontecimentos e mediadora entre as informações e disseminação de notícias. Para tanto, com os debates políticos constantemente em alta, o fervor toma conta de todas as esferas da informação, traçando-se assim evidentemente a dicotomia entre a “direita e esquerda” que está presente em todos os debates no Brasil. Logo,

muitas vezes, os meios midiáticos como os jornais, telejornais, sites, entre outros, tomam partido e seguem seus viés ideológicos.

Ao perceber a dicotomia existente nas diretrizes políticas partidárias do Brasil direita e esquerda, é necessário perceber que há certa disputa ideológica no espaço jornalístico, defendendo, mesmo que de forma mais velada ou não, certos posicionamentos políticos. Portanto, os jornais não são imparciais, as informações são divulgadas com base em suas próprias percepções ideológicas. Muitas vezes se cruzam na constituição das notícias. É preciso que a escola adote metodologias que leve o aluno a perceber o diálogo entre os acontecimentos, textos e discursos. Santos (2012), ao falar da aproximação do ensino de língua materna à vida real, ressalta:

*Um ensino de língua que atente para as relações dialógicas presentes no texto contribuirá para a formação de sujeitos críticos diante daquilo que ouve e lê, pois somente a partir do entendimento de que o texto é um espaço dialógico, no qual se tem a presença de diferentes vozes sociais, é possível aproximar o ensino de língua à vida real. (SANTOS, 2012, p. 255)*

Os meios informacionais não são imparciais frente à mediação entre as distintas discussões que estão relacionadas aos meios partidários e suas ideologias. A partir daí é importante analisar os sentidos utilizados nas entrelinhas para convencer o receptor / leitor sobre o que está sendo informado em uma notícia. Orlandi (2009) defende que a ideologia é constitutiva do sujeito: “Faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do

sujeito e dos sentidos [...] pela ideologia para que se produza o dizer". (ORLANDI, 2009, p. 46).

O leitor precisa ter habilidades que o leve a perceber o que está dito no texto, ou seja, relacionar o dito verbal ao contexto social, a fim de compreender as intenções, as ideologias, os posicionamentos políticos que se manifestam nas notícias. Portanto, a escola precisa ser considerada como espaço para formação de leitor crítico.

A Lei de Diretrizes LDB 9394/96, o art. 35º fala sobre o ensino médio, especificamente sobre o papel da educação para com o educando, fazendo com que ele seja apto a ter um pensamento crítico a perceber o caráter ideológico dos discursos. Com o ensino do gênero jornalístico online em sala de aula, é de suma importância destacar que com a percepção de ideologia dentro das notícias, os alunos podem desenvolver uma capacidade de identificar e ter seu próprio posicionamento crítico sobre as informações que são veiculadas através desse tipo de mídia.

Assim, é necessário, levar os alunos do ensino médio a perceberem esse viés político-ideológico dos espaços jornalísticos onde as notícias são veiculadas, uma vez que o posicionamento político é determinante de muitos sentidos. No Brasil, essas manifestações e posicionamentos políticos estão cada vez mais fervorosos entre duas dicotomias Direita e Esquerda, que apresentam viés ideológico oposto, e que se centram em torno dos direitos dos indivíduos e o papel do governo.

Sader (1995) fala sobre o surgimento da dicotomia direita e esquerda, tendo origem com a Revolução Francesa, no século XVIII. O surgimento dessas dicotomias é baseado nos arranjos de assentos na Assembleia Nacional Francesa, e com o passar dos anos foram ficando

mais complexos, chegando até os dias atuais e se perpetuando no Brasil numa relação de oposição frente às classes sociais.

Para Sader (1995), ser de esquerda no Brasil significa buscar por uma sociedade que propicie igualdade em direitos, deveres e oportunidades. Isso faz com que ela se oponha por completo ao conservadorismo, a posição da elite como detentora do poder, das lógicas privatizantes, econômicas e etc. Enquanto ser de direita no Brasil significa perpetuar valores conservadores, a desigualdade e a elite no poder, pois acreditam que a desigualdade é natural na sociedade e não poderá ser mudada. Segundo Sader (1995):

*A esquerda e a direita constituem duas forças em luta ao longo da história contemporânea, aquela que se inicia com a Revolução Francesa, a partir da qual começa a ganhar sentido político. Fascismo, social-democracia, comunismo, ditadura, democracia foram se constituindo sob esse pano de fundo como as alternativas fundamentais para esse mundo atual; ao lado de capitalismo, movimento operário, estado de bem-estar social, neoliberalismo, socialismo. (SADER, 2015. p.185).*

Bobbio afirma: "'Esquerda' e 'direita' não indicam apenas ideologias. Reduzi-las a pura expressão do pensamento ideológico seria uma indevida simplificação." (BOBBIO, 2011, p. 51). Ou seja, vai muito além do que está implícito na notícia, tende a ir ao encontro com valores e ações políticas que interferem diretamente na maneira em que uma sociedade se comporta e funciona.

Tendo em vista, esses aspectos políticos e ideológicos presentes no gênero notícia, torna-se muito importante um ensino voltado para leitura crítica do texto jornalístico. No Ensino Médio, o aluno precisa do contato com o gênero jornalístico midiático, justamente para ter capacidade de perceber que não existe imparcialidade absoluta dentro dessas notícias, principalmente quando direita e esquerda estão sempre se contrariando em valores. Dessa forma, entender esse funcionamento é de suma importância para a construção da criticidade no aluno, a Brasil (2018) afirma que:

*Trata-se de ampliar as possibilidades de participação dos jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, as quais estão no centro da esfera jornalística/ midiática. Para além de consolidar habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que mantenham os jovens interessados pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e que afetam as vidas das pessoas. (BRASIL, 2018. p. 519).*

O professor precisa trazer notícias que façam parte da realidade do aluno para incentivar a participação do mesmo em sala de aula e com isso despertar um posicionamento crítico sobre as notícias. É preciso criar estratégias de leitura capazes de desenvolver habilidades leitoras que proporcionem o senso crítico, a habilidade de analisar e comparar diferentes pontos de vista, e a partir do diálogo entre o que está lendo e outros discursos, ser capaz de formular uma opinião. A notícia online demanda

novas formas de letramento dos alunos, dadas as diferenças que possui em relação a notícia impressa.

## Da notícia impressa à notícia online: novas formas de letramento

Os meios de comunicação mudaram, no decorrer dos séculos se adaptaram às novas realidades e com o intuito de difundir informações, ganharam um papel primordial na sociedade atual, principalmente ao se tornarem mais palpáveis e à disposição que antes.

Historicamente, o jornal impresso foi por muitos séculos um dos principais meios de obter informações do campo social. Assim as manchetes impressas tomavam conta das cidades e as notícias se espalhavam com muita rapidez. O seu autor tinha o poder de explanar os acontecimentos de acordo com os fatos acontecidos, sendo esse o objetivo principal de um jornal.

O gênero notícia *online* é rico em aspectos multimodais, pois apresentam o uso de muitas linguagens em um só texto, por isso é importante o ensino da leitura desses tipos de textos em sala de aula, dado que, segundo a Brasil (2018) os estudantes serão capazes de ampliar sua: “compreensão e análise mais aprofundadas e sistemáticas do funcionamento das diferentes linguagens” (BRASIL, 2018, p. 491), isso compreendendo seu funcionamento e a potencialidade dos recursos disponíveis nas novas tecnologias digitais e nas práticas sociais de linguagem presentes nos discursos das notícias *online*, já que a mesma utiliza aspectos multimodais, que envolvem

modalidades verbais e visuais na construção da notícia a fim de chamar a atenção de seus leitores críticos.

Segundo Rojo (2015), o surgimento das tecnologias digitais e a diversificação das notícias trouxe o crescimento de novas possibilidades multimidiáticas nos textos eletrônicos. Essas possibilidades referem-se às formas e modos de representação utilizada na construção linguística dos textos, que levou as escolas a repensarem suas práticas de leitura, visando novas possibilidades de letramento crítico, empregando como ferramenta de ensino em salas de aulas o gênero notícia *online*, que permite ao aluno a capacidade de lidar com esses dados discursivos, percebendo de acordo com sua leitura os valores, intenções, estratégias, efeitos de sentido e ideologias presentes na notícia apresentada em sala de aula. “Portanto, para os efeitos de sentido (temas) e para a análise dos textos da contemporaneidade, seja em termos de forma de composição ou de estilo, a multimodalidade ou multissemiose tem de ser levada em conta. Assim como a hipermídia nos textos digitais”. (ROJO, 2015, p. 111)

O uso das tecnologias digitais transformou as formas de aprendizagem possibilitando uma nova visão sobre a leitura. Esse uso é de suma importância para a interação e a colaboração para uma aprendizagem de forma significativa em sala de aula. O ensino de notícias *online* favorece um leque de possibilidades, tanto na leitura quanto na interpretação do texto. Dessa forma, permite formular discussões sobre textos multissemióticos que têm a imagem como peça fundamental na composição de significado. Os recursos multimodais fazem parte da composição do sentido do texto, no qual transmite a informação por diferentes modos semióticos.

Segundo a BNCC, é de grande importância tratar as tecnologias em sala de aula, pois, sua utilização apropriada possibilita uma aprendizagem significativa. Relacionando-a com as práticas tecnológicas aos meios midiáticos, envolvendo o exercício de analisar elementos discursivos dos meios digitais.

*Assim, propostas de trabalho que potencializem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que, direta ou indiretamente, impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social e despertam seu interesse e sua identificação com as TDIC. (BRASIL, 2018, p. 487).*

As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), que ocasionaram mudanças significativas no uso das tecnologias tanto no meio social quanto dentro da própria escola como instrumento de ensino/aprendizagem, e que ajudará na composição do quadro de tecnologias que serviram de ajuda na educação. O tópico a seguir será responsável pelas análises da notícia em questão, momento no qual relacionaremos a análise ao ensino desse gênero em sala de aula.

## Notícia online: analisando sentidos e ideologias

A análise dessas imagens mostrarão através do gênero notícia *online* as implicações sociais dentro das

características desse gênero jornalístico, cujo conteúdo visa defender ou criticar o posicionamento ideológico das representatividades políticas brasileiras. Levando isso em consideração, as notícias apresentadas tratarão de temáticas polêmicas e de posicionamentos diferentes em relação ao mesmo acontecimento, percebendo assim a retomada de diferentes discursos.

Imagem 1 - Notícia online do Jornal GGN (recorte A)



Fonte: Jornal GGN, 2019.

A primeira notícia foi retirada do Jornal GGN, cujo posicionamento político é de esquerda como já citado, traz logo na manchete inicial: “Bolsonaro disse que só dorme com arma ao lado”, percebe-se que a notícia fará menção a uma das mais polêmicas e mais falada promessa de governo do presidente eleito, promessa que acabou virando até simbologia nos comícios e entrevistas, onde o presidente aparecia fazendo armas com os dedos.

Simbologia essa, que era relacionada à flexibilização do porte e posse de armas no Brasil.

Como uma das características centrais da esquerda é a busca por um mundo mais humanizado, sem violência e igual a todos, como citado por Sader (1995) “Ser de esquerda no mundo de hoje significa participar da reinvenção concreta de uma nova sociedade, baseada na justiça social e na solidariedade [...] De tornar real a liberdade, a igualdade e a fraternidade.” (SADER, 1995. p.193). A notícia do jornal busca explicitar que: essa proposta idealizada pelo presidente se tornaria um gatilho para incitar ainda mais a violência no Brasil.

Imagem 2 - Notícia online do Jornal GGN (recorte B)

**Jornal GGN** – Na manhã desta quarta (13), enquanto um adolescente de 17 anos e outro rapaz de 25 invadiam uma escola em Suzano (SP) e atiravam contra as pessoas – vitimando 5 alunos e 2 funcionárias -, o presidente Jair Bolsonaro se reunia em café da manhã com jornalistas da grande mídia, ocasião em que afirmou que precisa dormir com uma arma ao lado da cama para se sentir seguro.

Fonte: Jornal GGN, 2019

A notícia refere-se ao acontecido que parou o Brasil no dia 13 de Março de 2019, o massacre de Suzano, onde dois adolescentes invadiram a escola de onde eram ex-alunos e armados fizeram uma chacina – algo que é totalmente contrário à fraternidade buscada pela ideologia de esquerda – Fato esse que só reacendeu os debates sobre a promessa do atual presidente, de que realmente a posse e o porte de armas iriam diminuir a marginalidade e a violência no Brasil.

Pois desprezada por uns e exaltada por outros, essa convicção tem o intuito de em nome da segurança pública todo brasileiro deve ter uma arma para se defender. Conceito esse que faz parte de uma ideologia armamentista que vem se espalhando nos últimos anos, principalmente no campo ideológico de direita, com um diferencial, sem o contexto econômico que a envolve. Podemos ver que essa ideologia já está tão impregnada no discurso do presidente, que mesmo após o caso ocorrido, continuou defendendo sua promessa. A partir do discurso de Bolsonaro no decorrer da notícia, o texto jornalístico passa a adquirir outra entonação, a irônica, sendo usada pelo Jornal GGN como crítica e como argumento para responsabilizar, mesmo que indiretamente, o presidente pela chacina. Isso pode ser percebido na forma em que o jornal relaciona o acontecido com o fato de o presidente afirmar que só se sente seguro armado, após um café da manhã com jornalistas.

A notícia não aborda as nomenclaturas direita e esquerda, mas pode-se perceber com a análise, que a ela revela um viés de esquerda, pois o jornal é abertamente adepto a esse posicionamento político-ideológico, e isso é perceptível pelo caminho que o autor leva para comentar e relacionar o caso de Suzano, com as polêmicas que envolveram a campanha política de Jair Bolsonaro, este que é abertamente de direita. Sendo essa uma das características da esquerda, a oposição à ideologia de direita, como afirma Bobbio (2011) “‘Esquerda’ e ‘direita’ indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também interesses e de valorações” (BOBBIO, 2011. p. 33).

E isso acaba evidenciando ainda mais a importância de uma leitura crítica em sala de aula, pois assim os alunos terão mais facilidade de perceber as ideologias que estão sendo propagadas nas notícias, fazendo essa percepção através do contexto abordado.

Como enfatiza a BNCC, o campo jornalístico midiático é caracterizado: “[...] pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa [...]” (BRASIL, 2018, p. 489), sejam elas impressas, televisivas, radiofônicas ou digitais, essas novas possibilidades, nos permitem trabalhar de maneira mais sucinta as discussões dos textos nas notícias, analisando os discursos presentes em determinadas notícias e a imparcialidade ideológica dos sites apresentados. Deixando evidente que dentro de cada notícia, principalmente com teor político partidário, com um viés ideológico, sejam eles de esquerda ou de direita.

A BNCC destaca que para que os estudantes possam desenvolver competências de compreensão de análise e do contexto de situações de sentidos, “[...] precisam analisar e compreender as circunstâncias sociais, históricos e ideológicos em que se dão diversas práticas e discursos [...]” (BRASIL, 2018, p. 492). A partir dessa assertiva, os alunos passarão a compreender a pluralidade dos discursos em suas leituras, valorizando e respeitando os diferentes posicionamentos presentes nas notícias e nos discursos “sem preconceito”.

A próxima notícia a ser analisada tem trechos retirados do portal terra, que é um portal que defende argumentos favoráveis ao viés ideológico de direita. Na notícia em análise, o site apresenta argumentos que diretamente defendem o posicionamento do atual presidente da república sobre o porte e posse de armas. A notícia analisada destaca argumentos do Vice Presidente

Hamilton Mourão e do Deputado Eduardo Bolsonaro, que defendem o armamento, já que, segundo eles, essa liberação acarretará na diminuição da violência do país. O portal ainda destaca argumentos de especialistas em segurança, professores e advogados, para enfatizar que o ocorrido deve ser visto como fato isolado e não deve ser relacionado com o desejo do atual presidente em flexibilizar as normas para facilitar o porte e posse de armas no Brasil.

É essencial trabalhar com dois pontos de posicionamentos diferenciados, pois assim fica evidente a carga ideológica presente nas notícias analisadas, e como cada um dos sites se posicionam de forma diferenciada sobre o mesmo assunto. É de grande importância que os alunos possam diferenciar o uso das diferentes linguagens, dos jogos de sentidos presentes nesses textos e como a notícia pode influenciar na opinião do leitor sobre determinado assunto ou fato ocorrido, dessa maneira percebendo as diferenças de ideias e posicionamentos.

Imagem 3 - Notícia online do Portal Terra (recorte A)

BRASIL

## Massacre de Suzano reacende debate sobre armas

Senador sugeriu armar professores para evitar novas tragédias

14 MAR 2019 20h40

f t g+ p COMENTÁRIOS

**O** massacre em uma escola de Suzano (SP), que deixou oito inocentes e dois atiradores mortos nesta quarta-feira (13), reacendeu o debate sobre o acesso a armas no Brasil, dois meses após o decreto do presidente Jair Bolsonaro que flexibilizou as regras para posse.

Fonte: Portal Terra, 2019.

A notícia apresentada, retirada do Portal Terra, inicia com a manchete: “Senador sugeriu armar professores para evitar novas tragédias”, o massacre ocorrido na escola de Suzano (SP) no dia 13 de março de 2019, reacendeu o debate sobre o porte de armas no Brasil. Segundo o portal Terra, para alguns advogados, professores de direito e especialistas em gestão pública e segurança, o fato ocorrido foi tratado como um fato isolado, que nos leva a acreditar que o porte e posse legal das armas não acarretará no aumento da violência.

Dessa forma, com base no argumento do vice-presidente Hamilton Mourão, o massacre não tem nenhuma relação com o decreto assinado pelo então atual presidente Jair Bolsonaro, como destacou em sua fala sobre o ocorrido: “Não vejo essa questão. Vai dizer que a arma com que os caras estavam era legal?”, “Acho que não tem nada a ver, mas sei que a questão vai ser colocada”. A partir do fragmento, o uso legal de arma pode acarretar em uma diminuição de violência, conforme discurso da direita. O portal destaca posicionamentos diferenciados dentro da notícia para enfatizar que o massacre não deve ser relacionado com a flexibilização de porte e posse de armas.

Como já foi enfatizado ao longo dessa discussão, é perceptível que nos discursos jornalísticos não existe neutralidade ideológica. Os argumentos apresentados nos levam a crer e perceber que o responsável pela escrita e pela publicação da notícia no Portal Terra, defende o partidário político de direita, trazendo argumentos plausíveis que defendem a decisão do presidente Jair Bolsonaro sobre a liberação do porte e posse de armas. Sendo que, essa medida vai privilegiar apenas determinado grupo social, as elites, pois de acordo com

Sader (1995), a direita sempre esteve aliada às elites no poder.

Imagem 4 - Notícia online do portal Terra (recorte B)

"Se houvesse um cidadão com uma arma legal dentro da escola, um professor, um servente ou um policial aposentado, ele poderia ter minimizado o tamanho da tragédia", justificou. Flávio Bolsonaro, filho mais velho do presidente, culpou o estatuto do desarmamento e a maioria penal de 18 anos.

Fonte: Portal Terra, 2019.

O Portal destaca o posicionamento do Deputado Flávio Bolsonaro. Dessa forma, utiliza a fala do outro como argumento na tentativa de convencer o leitor que o porte e posse de armas para professores poderia ter evitado essa tragédia, e que poderá acarretar na diminuição da violência. É importante que o aluno perceba os efeitos de sentidos que a notícia apresenta, utilizando a fala do deputado para destacar que armar determinados funcionários da escola, tais como porteiro e professores, de certo modo, poderia ter evitado a tragédia ou ter diminuído o impacto causado pelos dois alunos no massacre.

Assim, é essencial que o estudante perceba o destaque dado para o fragmento, "Se houvesse um cidadão com uma arma legal dentro da escola" e como o portal utiliza essa declaração para defender o armamento indiretamente. Outro argumento utilizado pelo site, para considerar o massacre como fato isolado é a culpa atribuída ao estatuto da maioria penal, já que, em seus

discursos Jair Bolsonaro defende a redução da maioria penal, que até o atual momento é de 18 anos.

O armamento para professores tornou-se uma das pautas de grande incentivo e defesa, não apenas a posse, mas também o porte de armas para acabar com quaisquer tipos de violência dentro e fora das escolas, como destacou o Senador Major Olímpio (PSL-SP) sobre o assunto do massacre, afirmando que, a ideia de armar professores pode evitar tragédias desse tipo: “Se houvesse um cidadão com uma arma legal dentro da escola, um professor, um servente ou policial aposentado, ele deveria ter minimizado o tamanho da tragédia”, justificou o então Senador. Com base em seu discurso, os aspectos ideológicos presentes na declaração de posicionamento de direita, que defende a postura armamentista. Eduardo Bolsonaro por sua vez, destacou que uma arma por si só não faz nenhum mal, pois é apenas um “pedaço de metal”, segundo ele para que se possa fazer mal é necessária uma pessoa por trás dela porque “[...] armas não matam ninguém, quem mata são as pessoas [...]”. Para ele, ter uma arma para defesa pessoal pode evitar “[...] um roubo ou algo pior [...]”.

Dessa maneira, o ensino dos gêneros jornalísticos em sala de aula é de suma importância para a formação do aluno - leitor crítico, pois através da leitura é possível compreender o funcionamento da linguagem presente nesse gênero midiático, e com isso estimular uma visão crítica, considerando o posicionamento político dos entrevistados pelo Portal Terra, levando os alunos a questionar sobre a liberação do porte e posse de armas para professores em sala de aula, mostrando seu posicionamento sobre a notícia. Ademais, proporcionando a esses alunos oportunidades de reflexões sobre o tema,

apresentando e mostrando como isso pode influenciar o leitor sobre determinado assunto.

### Imagem 5 - Notícia online do Portal Terra (recorte C)

"Mais uma tragédia protagonizada por menor de idade e que atesta o fracasso do malfadado estatuto do desarmamento, ainda em vigor", declarou o senador. O deputado Eduardo Bolsonaro, por sua vez, disse que a arma é apenas um "pedaço de metal" e faz "tão mal quanto um carro".

Fonte: Portal Terra, 2019.

Assim como na primeira notícia, essa não aborda nomenclaturas de direita e de esquerda, mas com base nas análises apresentada pode-se perceber certo viés de ideologias de direita. A notícia apresentada no Portal Terra, no dia 14 de março de 2019, destaca posicionamentos políticos que são a favor e defendem a polêmica decisão do presidente sobre o porte e posse legal de armas, usando o argumento de que a legalização das armas é positiva e vai ajudar a diminuir e a evitar os casos de violências, reduzido o índice de criminalidade no país.

Com base na leitura da notícia e nas opiniões destacadas ao longo das análises, é perceptível que há um posicionamento implícito do site em relação ao porte e posse de armas. A notícia apresentada pelo Portal Terra desperta uma leitura cautelosa do aluno levando o mesmo a perceber dentro da notícia determinadas ideologias, jogos de palavras, de sentidos e opiniões acerca do assunto tratado, despertando um posicionamento crítico sobre determinado assunto, ajudando no processo de aprendizagem acerca da leitura do gênero notícia *online*.

## Considerações finais

O artigo possibilita uma reflexão sobre as vastas maneiras de lidar com essa interação, que se dá entre as leituras de notícias em jornais *online* e da formação do leitor crítico no ensino básico. A partir das análises que fizemos percebemos os sentidos expressos nelas, que muitas vezes, para pessoas que não possuem o conhecimento necessário da área em questão, pode passar despercebido e acabar sendo sujeitado a eles.

O uso das tecnologias e da apresentação do gênero jornalístico notícia *online* em sala de aula, abre um leque enorme de possibilidades que podem ser usadas com os alunos em processo de formação de um leitor crítico na educação básica. Usando os conceitos apresentados aqui, como por exemplo o de formação discursiva, ideologia, multiletramentos, linguagens multissemióticas e multimodais, dentre outros, bem como assimilando a um acontecimento do cotidiano ou de grande repercussão, pode-se, em sala de aula, fazer com que os alunos que estão passando por esse processo comecem a perceber as nuances que podem existir em uma pequena ou grande notícia jornalística, fazendo assim, com que ele comece a ter noção de que tipo de material ele absorve em seu dia a dia por meio das tecnologias de comunicação e dos meios de informação.

## Referências

BOBBIO, Norberto. Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política/Norberto Bobbio. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 maio 2019.

ORLANDI. E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

OLIVEIRA, Marília de Carvalho Caetano. A perspectiva dos multiletramentos como estratégia para o ensino de língua portuguesa: reflexões e práticas. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF CRITICAL APPLIED LINGUISTICS, 2015, Brasília, DF. Anais [...]. Brasília, DF: UEL, 2015.

PICOLI, Ana Lucia. Multiletramentos - Entrevista com Roxane Rojo, 2019. 1 vídeo (10:28 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iDu6TvO4svU>. Acesso em: 13 abr. 2020.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SADER, Emir. O Anjo torto: esquerda (e direita) no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Eliane Pereira. Gêneros discursivos: uma abordagem dialógica da linguagem. Revista FSA - Teresina - nº 9 / 2012, p. 243-259.

SANTIAGO, Lucineia Pavão. Multiletramentos e as novas tecnologias de informação e comunicação nas práticas de leitura e escrita da educação básica. Curitiba: SEED/UFPR, 2016. v. 2. (Cadernos PDE - versão online).

SOUSA, Emanuel Barbosa de; ALVES FILHO, Francisco. Uma estrutura composicional de dois gêneros: a notícia e a notícia satírica. Revista FSA, Teresina, v. 10, n. 2, p. 222-245, abr./jun. 2013.

ANTES do massacre em Suzano, Bolsonaro disse que só dorme com arma ao lado. Jornal GGN, [S.l.]. mar. 2019. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/antes-do-massacre-em-suzano->bolsonaro-disse-que-so-dorme-com-arma-ao-lado/> Acesso em: 16 jul. 2019.

MASSACRE de Suzano reacende debate sobre armas. Portal Terra, [S.l.], 14 mar. 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/massacre-de-suzano-reacende-debate-sobre-armas-13d0fff34eb169b31ae77a8d42bda137pyudaukz.html>. Acesso em: 02 jun. 2019.

# ENSINANDO GRAMÁTICA COM TEXTOS: o texto como pretexto ou ensino de gramática contextualizada?

João Batista de Araujo Carvalho

Sandynaria dos Santos Neves

Beatriz Coutinho da Silva

 presente trabalho versa sobre o ensino de Língua Portuguesa, que ao longo do tempo passou por diversas mudanças de abordagens. Antes da década de 80 tinha como foco predominante uma abordagem tradicionalista, pautada na determinação de regras e exercícios classificatórios, na produção de tipologias textuais, as quais não fazem parte da realidade do aluno e em uma interpretação de texto voltada para um conteúdo restrito e único. Muitas vezes, tendo o texto como pretexto para o ensino de gramática, e não para o contexto e para as estratégias de textualização. Depois, principalmente, com a publicação dos PCN's em 1998, passou a adotar uma abordagem mais interacionista, orientando o ensino de gêneros discursivos. Nesta pesquisa, discutimos o ensino de texto para além da gramática de nomenclaturas, procurando contemplar a gramática contextualizada, isto é, a de uso, que dialoga com a realidade do sujeito falante que não está na escola apenas para aprender outra Língua cheia de prescrições,

mas para aprender todas as nuances da Língua (gem), a qual proporciona a interatividade entre os falantes, seja na sua forma escrita ou oral.

Os gêneros textuais são de suma importância para o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que eles permitem um ensino contextualizado da gramática. Diante disso, selecionamos o gênero fábula. A partir da escolha deste gênero discutiremos aspectos da gramática contextualizada para a construção e atualização de sentidos, com destaque ao uso dos adjetivos para a caracterização dos personagens, juntamente com valoração e as entonações que o leitor faz ao usar essa classe gramatical, ou seja, os adjetivos são modificadores essenciais para os substantivos e suas marcações na escrita e oralidade, sendo assim uma abordagem pautada na gramática contextualizada.

Para o embasamento teórico deste artigo, recorreremos aos teóricos da Linguística, buscando um aprofundamento nos principais conceitos sobre texto, gramática, concepções de linguagens, leitura e escrita e outras manifestações que contribuem para o ensino-aprendizagem, no que diz respeito às interações autor/texto/leitor. Utilizamos autores como Antunes (2003), Marcuschi (2012), Lajolo (1988) e Koch (2008) que referenciam as dimensões do texto trabalhado em sala de aula para o resgate da leitura prazerosa e da escrita sem pretexto. Também, empregamos conceitos de Geraldini (1984) e Possenti (1996) com a finalidade de ressaltar a importância do estudo do texto sem se restringir ao ensino da gramática normativa.

## O uso do texto como pretexto na sala de aula e o ensino normativo da língua

O ensino de Língua Portuguesa, em algumas situações, ainda é direcionado para atividades de aprendizagem descontextualizadas, usando o texto como pretexto para o ensino da norma culta. Como dito por Marcuschi (2012, p.26): “O texto não é apenas uma mera reprodução mecanizada ou uma simples unidade linguística, mas todos os aparatos linguísticos “tornam-no uma *unidade comunicativa*”<sup>28</sup>. Desta forma, a compreensão de texto vai muito além de frases retiradas de um contexto para correção ortográfica e gramatical. O texto, na medida do possível, deve ser explorado em seu contexto como um todo, de modo a levar os alunos a perceberem que os recursos linguísticos contribuem para construção de determinados sentidos, levando em consideração a intenção do sujeito falante, o destinatário, o gênero textual, dentre outros fatores.

Geraldi (1986) levanta um questionamento sobre para quem o aluno escreve os textos. Este diz que o educando desenvolve sua escrita para uma pessoa próxima, neste caso, o professor, o qual é visto de forma institucionalizada, ou seja, a representatividade da escola. Deste modo, conforme Geraldi (1986, p. 25) “O aluno vive a contradição de escrever para quem lhe ensina a escrever, que lerá o texto não para saber o que o texto diz, mas para ver se o aluno sabe ou está aprendendo a escrever”.

Diante disso, o aluno produzirá de certa forma uma escrita sem contexto, pois não escreverá para um “real” destinatário, que lerá o texto sem pretensões de correção.

---

<sup>28</sup> Grifo no original

Exemplificaremos com esta possível situação em sala de aula: O professor, durante a aula, pede para o aluno escrever uma carta, sem definir um destinatário, e logo após corrigir esta carta não dá uma devolutiva para o autor, não incentiva que esse texto seja entregue a alguém, que cumpra sua função social; automaticamente ele está anulando o papel do destinatário nas escolhas linguísticas do falante. Nesse cenário, o texto foi usado como pretexto no âmbito escolar.

Há necessidade de trabalhar o texto em todas as suas nuances, sem deixar de fora as condições de produção, a relação que o texto mantém com o social. Como ressalta Antunes (2009, p. 38-39), “O texto que propomos como objeto de estudo da escola preocupada com a formação do cidadão é o texto que é construção e interpretação de um dizer e de um fazer”<sup>29</sup>. Diante desta afirmação, o texto trabalhado em sala, deve-se ater às dimensões interacionais, isto é, não só os aspectos gramaticais, e sim à construção de sentido e funcionamento dos textos.

Geraldi (1984) concebe a linguagem não só como meio de expressão de pensamento e transmissão de conhecimento. O autor ressalta que a linguagem age e atua sobre o mundo e o outro. Inferimos que a aula de Língua Portuguesa deva proporcionar ao aluno a construção de senso crítico e autônomo, tornando-os capazes de produzirem seus próprios textos em diferentes contextos de comunicação e de lerem textos pertencentes a diferentes gêneros, sendo capazes de perceber que não falamos, nem escrevemos do mesmo modo em todas as situações comunicativas. Assim, estaríamos refletindo

---

<sup>29</sup> Grifo da autora

sobre o emprego contextualizado dos recursos linguísticos, cujo uso depende, por exemplo, do grau de aproximação entre ouvinte e falante.

Implica assim dizer que o ponto de partida para aula de Português sem pretexto é a aproximação do educando com o texto que dialoga com sua prática social, inserindo, de tal modo, ao “cardápio” escolar os mais distintos Gêneros Textuais, os quais permeiam todas as esferas sociais do aluno, permitindo uma leitura e produção textual mais agradável e próxima da realidade, deste modo, trabalha-se o texto como produto de interação de sujeitos reais, ou seja, o diálogo entre escritor/texto/leitor.

O diálogo entre escritor/texto/leitor determina a escolha de recursos linguísticos, a atualização de sentidos. Esta concepção é chamada de interacional (dialógica) da língua. Sobre isso, Koch (2008) ressalta:

*Na concepção interacional (dialógica), da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos - que dialogicamente - se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores (KOCH, 2008, p. 10).*

Conforme a autora, a linguagem é vista como uma prática de interação humana e por meio dela os sujeitos praticam ações, que envolvem tanto fala quanto escrita, considerando as circunstâncias sociais históricas e ideológicas que estão incluídos no ato comunicativo, isto é, neste ponto de vista, a língua é encarada como um conjunto de práticas sociais e de linguagem historicamente situadas, em diversas esferas da comunicação da atividade humana. Assim, é irrelevante um ensino restrito à gramática normativa, sem levar em

consideração que os discursos são dialógicos, ou seja, sempre há a presença de um falante e de um destinatário. É preciso considerar que um discurso surge como resposta a outro, e que muitas das escolhas feitas pelo falante se dão em função desse outro a quem se responde.

## Aula de português: ensinar uma língua ou ensinar gramática?

Segundo Possenti (1996), quando se usa o texto como pretexto para ensinar norma, a escola impõe sobre o educando uma variedade de prestígio, isto é, ocorrendo de certa forma, uma violência sociocultural:

*Dado que a chamada língua padrão é de fato o dialeto dos grupos sociais mais favorecidos, tornar seu ensino obrigatório para os grupos sociais menos favorecidos, como se fosse o único dialeto válido, seria uma violência cultural. Isso porque, juntamente com as formas linguísticas (com a sintaxe, a morfologia, a pronúncia, a escrita), também seriam impostos os valores culturais ligados às formas ditas cultas de falar e escrever, o que implicaria em destruir ou diminuir valores populares (POSSENTI, 1996, p. 14).*

Ressaltamos que o ensino da norma padrão é necessário, mas precisa acontecer de forma contextualizada, e não restringindo apenas a essa variedade da língua. A partir da chegada da escola democratizada, a educação tornou-se obrigatória a todos. Isso trouxe consigo novos grupos sociais, inclusive o

encontro das classes minoritária e privilegiada. Conforme Geraldi (1984): “De repente, não damos aulas só para aqueles que pertencem ao nosso grupo social. Representantes de outros grupos estão sentados nos bancos escolares. E eles falam diferente”. Já na década de 90, o autor chama atenção para o fato de que não existe uma única maneira de usar a língua, e que é necessário refletir sobre os diferentes usos da língua sem fazer imposições do que é certo ou errado, mas do que mais ou menos adequado para determinados contextos. Enfim, a gramática de prestígio precisa e deve ser ensinada na escola, mas é necessário que se use metodologias menos prescritivas, ou seja, metodologias capazes de mostrar que há momentos em que é necessário o uso da língua mais formal, em outros momentos é inteiramente possível e adequado um uso mais coloquial.

A escola, de certa forma, normatizou o que é “certo” em detrimento do que não é, ensina o que é culto e privilegiado sem a preocupação do ensino de língua, em contextos reais de uso, com a produção de textos que tenham destinatários, com leitura que perpassa todos os gêneros, sem cair na rotina do ensino de gênero para o pretexto da gramática. A valorização da língua, enquanto materna, ultrapassa todas as nomenclaturas, vai desde o social até o cultural. Especificando melhor, a valorização da gramática deixa de fora o estudo de tudo isto, e visa trabalhar de forma fragmentada a gramática tradicional.

Então, a partir das discussões anteriores, defendemos o ensino do texto sem pretexto em sala de aula, através dos gêneros textuais, conforme afirma Marcuschi (2002):

*Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais.*

*(MARCUSCHI, 2002, p.1)*

Lajolo (1998) assegura que o texto não é apenas um objeto a ser explorado pela a estrutura gramatical e que por hipótese alguma deve ser usado como desculpa para o alcance de determinadas habilidades linguísticas tradicionais em detrimento de outras habilidades como a interação sociocultural do educando como “fazedor” de sua própria Língua, pois este está inserido em contexto de mundo, nas quais as Linguagens estão sempre em processo de mudança. Contudo, vale afirmar que “o texto não é pretexto para nada”. (LAJOLO, 1988, p. 52)

## Analizando fábulas: uma realidade para o ensino da gramática contextualizada

Nesta seção trataremos da análise do Gênero Textual Fábula, que possui estrutura narrativa de cunho moralista e argumentativa, em meio ao lúdico-fantástico. Por isso, constitui-se como excelente alternativa para o ensino contextualizado de língua portuguesa, nos eixos de

leitura, produção, oralidade e análise linguística. A fábula era de forma muito recorrente transmitida oralmente e tinha por finalidade comunicar uma verdade social, tanto satírica como crítica, sendo. Desta forma, escolhemos as fábulas: *A Raposa e as uvas* e *a Cigarra Formiga* de Esopo, as quais foram reescritas por Jean de La Fontaine.

A partir dos pressupostos de ensino para uma gramática mais contextualizada, temos como proposta analisar o uso do gênero fábula em sala de aula. Destacamos os adjetivos na construção de caracterização dos personagens nas fábulas de forma contextual, isto é, o modo como os adjetivos desempenham sua função como modificador do substantivo nas suas mais variadas formas.

Estabeleceremos duas partes nestas análises: a origem das fábulas para uma visão geral do enunciado e uso dos adjetivos na formação do texto (fábula) para situarmos o ensino da gramática contextualizada.

## Origem das fábulas

Conforme Coelho (2000), a fábula teve sua origem no Oriente com o intuito de ensinar alguns costumes. No entanto, em geral se atribui a Esopo (620 - 560 a.C.), que fora um escravo e contador de histórias que viveu na Grécia Antiga, um conjunto de pequenas fábulas, as quais assumiam o caráter moralista e alegóricas, ou seja, o seu contexto tece uma crítica à sociedade por meio de personagens que geralmente são animais com características humanas. De forma geral, as fábulas (do latim: *fari* = falar e gr. *phaó* = dizer, contar algo) são composições literárias de cunho narrativo curto, com

personagens animais, forças da natureza e objetos que adquirem atributos humanos.

Conforme Coelho (2000, p. 166.), com o passar dos anos as fábulas começaram a ser readaptadas, mas sem perder suas características. O francês Jean de La Fontaine fora o grande responsável por adaptações das fábulas de Esopo, por exemplo, as que foram supracitadas: *A cigarra e a formiga* e *A Raposa e as uvas*. La Fontaine não só reescreveu as fábulas, mas trouxe um conjunto de novos tipos de narrativas como apólogos e alegorias.

Apesar de antigas, o seu conteúdo ainda é atual, possibilitando o ensino moralístico. Os assuntos são bastante diversificados: o egoísmo, a preguiça, o orgulho, o pessimismo, enfim, todos os aspectos da vida humana. Ao analisar os diferentes temas, verifica-se as características que constituem esse tipo de narrativa, apontando as múltiplas interações de interlocução, a qual a fábula dispõe para seus leitores, ou seja, o desenvolvimento das considerações que o autor quis retratar, seja de forma implícita ou explícita, em sua narrativa argumentativa.

O ensino da fábula como objeto de leitura, escrita, interpretação e produção de textos facilita a aproximação do educando ao acervo literário, a um gênero que é predominantemente narrativo, de linguagem simples e que permite a reflexão sobre acontecimentos do cotidiano. Na próxima seção, analisaremos alguns efeitos de sentidos acerca do emprego da classe gramatical adjetivo.

## Adjetivos: marcas linguístico-enunciativas na construção das fábulas

Para dar início às análises da fábula *A Raposa e as Uvas*, sob a perspectiva da gramática contextualizada, utilizaremos a classe gramatical *adjetivo*, que “é a palavra que modifica o substantivo, indicando tamanho, cor, tipo, defeito, enfim, as características do ser nomeado pelo substantivo” (CEREJA, William. MAGALHÃES, Thereza. 2004. p.98). Podemos ainda dizer, que o adjetivo indica uma valoração apreciativa sobre o ser ao qual se refere, ou seja, temos um sujeito falante, que em determinado contexto de uso, a partir de uma determinada intenção, sente a necessidade de atribuir uma valoração apreciativa a algo ou alguém.

Figura 1 - Fábula: A raposa e as uvas de Jean de La Fontaine

Certa raposa matreira, que andava à toa e faminta, ao passar por uma quinta, viu no alto da parreira um cacho de uvas maduras, sumarentas e vermelhas.

- Ah, se as pudesse tragar!

Mas lá naquelas alturas não as podia alcançar.

Então falou despeitada:

- **Estão verdes essas uvas.**

Verdes não servem para nada!

Moral: Como não cabem quatro mãos em duas luvas, há quem prefira desdenhar a lamentar

Fonte: Aprende Português, 2019.

Ao iniciarmos a leitura da narrativa encontramos primeiramente adjetivos ou expressões que, mesmo sendo de outra classe gramatical, atribuem valorações apreciativas sobre a Raposa: **matreira, à toa** e **faminta**. Esse

conjunto de adjetivação tem papel importantíssimo na construção da narrativa do início ao fim - o professor apontaria a necessidade de referenciar a personagem com estes adjetivos para que os alunos compreendam as situações de uso desse marcador, nesse contexto de uso do gênero fábula, pois os adjetivos dão à narrativa as informações necessárias para o entendimento do conflito da protagonista, ou seja, as mudanças das características revelam os fatos ocorridos, enquanto descreve o estado emocional da personagem.

Considerando o ensino da gramática contextualizada, o educador também destacaria que os adjetivos presentes na narração são marcas linguísticas e enunciativas para a construção da fábula, fazendo com que educando refletisse e apreendesse sobre o processo de constituição do enunciado. Desta forma, o aluno aprenderia sobre como produzir enunciados (textos), enquanto se adaptaria às "normas" da gramática de sua língua, como aponta Maria Neves (2017), sem se ater à preocupação normativa e prescritiva da gramática tradicional.

Como pode ser visto, no começo da fábula a Raposa é descrita como **matreira**, ou seja, esperta; portanto, aqui já podemos inferir que este adjetivo é empregado propositalmente, pois no senso comum este animal é a representação de astúcia e esperteza, qualidades estas que estabelecem um valor simbólico com a realidade humana, tornando-se necessário trazer ao contexto, para que o aluno perceba esta simbologia, presente na fábula por meio desse adjetivo, e ele entenderá que desta maneira a personagem tentará usar todas as suas habilidades ou não para obter o que se pretende.

Subsequente a isto, a palavra **à toa** - compreendemos que **à toa** aqui é uma locução adverbial, contudo a sua valoração qualitativa nos faz inferir sua condição - e **faminta** demonstram o estado em que se encontra a Raposa: desocupada e com muita fome, por este motivo andava atrás de comida, e assim encontrou no seu percurso as uvas no **alto** da parreira. O adjetivo **alto** está substantivado, porém ainda continua com sua caracterização de apresentar dificuldade, ou seja, esta substantivação só lhe atribuiu mais valor.

Este conjunto de adjetivos já nos conduz ao ápice da história, é neste momento que a personagem começa a cobiçar e qualificar as uvas, como **sumarentas, maduras e vermelhas** características que ressaltam os aspectos físicos das uvas. Deste modo, essa adjetivação feita pela Raposa só intensifica ainda mais a valoração apreciativa em relação às frutas, isto é, os adjetivos não somente caracterizam as uvas, contudo, expressam a vontade da personagem de comê-las. Vale ressaltar para os educandos, durante o ensino de Língua Portuguesa, que as qualificações dadas pelos adjetivos, ou expressões com valor de adjetivos, não só indicam características físicas, mas também indicam toda uma cadeia de sentidos relativos às ações da raposa e aos seus desejos e frustrações.

Dando continuidade, a protagonista ao ver que não conseguiria alcançar as uvas, mais uma vez qualifica os frutos como **verdes**, termo este empregado de forma depreciativa, isto é, a dificuldade da personagem da narrativa em apanhar as uvas, faz com que as considere ruins e impróprias para seu consumo, assim, a fábula encerra seu enredo indicando mediante o adjetivo **verdes**: o descontentamento da Raposa, a qual é induzida a desconstruir as qualificações dadas por ela aos frutos para

justificar a sua frustração de não conseguir o que tanto desejava: as uvas.

Portanto, os adjetivos nesta fábula dão múltiplas possibilidades de interpretação e (des) construção de sentido, proporcionando ao aluno a capacidade de produzir textos contextualizados com sua realidade, deste gênero conjuntamente com a marca linguística, neste caso o adjetivo, que engloba todo contexto social, de valores, de intenção, o autor, o destinatário, dentre outros aspectos extralinguísticos.

Na sequência, analisaremos a fábula: *A cigarra e a Formiga*, outra adaptação feita por La Fontaine. Nessa análise também abordaremos o uso dos adjetivos com ênfase na entonação, ou seja, como os leitores fazem as alterações na forma da pronúncia dos adjetivos para expressar outro sentido.

## Figura 2 – Fábula: A cigarra e a formiga (adaptada) de Jean de La Fontaine

Tendo a cigarra entusiasmada em cantigas, **folgado** todo o verão. Achou-se em penúria **extrema** na **adversa** estação. Não lhe restando migalha que trincasse, **a tagarela** foi valer-se da formiga **sábia**, que morava perto dela. Rogou-lhe que lhe emprestasse, alguns grãos com que manter-se até voltar ao estio.

- Amiga, diz a cigarra. Prometo, com à fé de animal, pagar-vos antes de agosto os juros e o principal.

- No verão em que lidavas? Pergunta a formiga para a cigarra **pedinte**.

- As formigas nunca emprestam,

Nunca dão, por isso juntam no tempo **seco**. Responde a outra:

- Eu cantava noite e dia, a toda a hora.

- **Bravo!** Cantavas? Pois dança agora! – respondeu a formiga **esperta**.

Moral: Os que não pensam no dia de amanhã, pagam sempre um alto preço por sua imprevidência.

Fonte: Revista Verso Prosa e Arte, 2019, readaptação nossa.<sup>30</sup>

Analisaremos o primeiro parágrafo, que traz diversos adjetivos que qualificam a Cigarra, a estação, a Formiga e os grãos. Percebe-se que a palavra **folgada** tem valor de adjetivo, caracteriza a Cigarra que estava descansada e despreocupada em relação à estação chuvosa. Nesse contexto, a palavra expressa uma valoração negativa sobre a personagem. Ao perguntarmos o que seria uma pessoa “folgada”, muitos alunos diriam que seria um indivíduo que não faz nada, um desocupado, entretanto, o adjetivo **folgado** significa um “indivíduo que

---

<sup>30</sup> Para fins didáticos e para fácil compreensão readaptamos a linguagem da fábula para tornar-se mais acessível aos educandos e acrescentamos novos adjetivos (adversa, sábia, seco, esperta) para melhor aprofundamento em torno do assunto. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/11702-2/>. Acesso em: 29 maio 2019.

terminou suas tarefas e que está de folga”<sup>31</sup>. Assim, a entonação, dependendo do contexto, dará a palavra um novo sentido, uma nova valoração à circunstância na qual está sendo usada.

Os adjetivos: **extrema** e **adversa** que caracterizam a estação, dão a ela uma qualificação de situação complicada e que não será resolvida. O termo **extrema**<sup>32</sup> pode ser tanto substantivo como também a forma feminina do adjetivo extremo, sinônimo de remota, intensa, grave e radical, nos remetendo ao verbo extremar (no sentido de “chegar ao extremo”). Deste modo, esses adjetivos passam a qualificar o inverno como rigoroso e que causará a Cigarra grandes infortúnios. Todo esse conjunto de adjetivos, como na primeira fábula, nos conduz ao conflito da personagem e ao ápice da história, tornando-se necessário para a construção enunciativa da fábula, já que é típico da caracterização humana personificada nos animais e na natureza.

Temos um caso especial no adjetivo **tagarela**, o qual foi substantivado (processo denominado de derivação imprópria e nele consiste a formação de novas palavras. Porque a sequência de fonemas, apesar de não ser alterada, integra-se a outro significado) – para uma proposta mais didática no ensino contextualizado, o professor apontaria a distinção para os alunos do termo em seu uso denotativo (dicionarizado) para o sentido em que a palavra se encontra no texto, isto é, que adjetivos que indicam qualidades exageradas (como tagarela) são usados como intensificadores para efeito positivo ou

---

<sup>31</sup> Fonte: Dicionário online de Português: <https://www.dicio.com.br/folgado/> Acesso em: 25 de jun. de 2019.

<sup>32</sup> Fonte: Dicionário online de Português: <https://duvidas.dicio.com.br/extrema-ou-extrema/> Acesso em: 25 de jun. de 2019.

negativo do ser - assim, o adjetivo, apesar de ter sido substantivado, não perdeu o seu sentido nem sua caracterização, ou seja, uma pessoa a qual fala demasiadamente sem parar.

Contudo, essa substantivação só conferiu mais valor ao adjetivo, impondo ao leitor a interpretação de que a Cigarra passou o inverno inteiro cantando sem preocupação, sem que precisasse retomar ao nome “Cigarra” ou fazer uso de pronome, porém, fora alternativa para evitar repetições e construir sentido (valor) na narração em relação a personagem, seja positivamente ou negativamente, neste caso a última opção.

Os adjetivos: **sábia** e **pedinte**, também indicam valorações apreciativas, fazendo uma oposição entre as personagens, isto é, a formiga é símbolo de sabedoria, pois trabalha todo o verão provendo seu sustento para o inverno, enquanto a cigarra pelo conhecimento de mundo é tida como desocupada, servindo para ilustrar aos discentes que este jogo de oposição acarretasse por meio destes dois adjetivos, ou seja, uma valoração positiva (sábia) em relação uma negativa (pedinte).

É necessário perceber que as palavras podem ter diferentes sentidos a depender do contexto no qual são utilizadas, como no caso da palavra **bravo**, que pode referir-se a uma pessoa valente e sem medo, mas no texto é uma interjeição, o que leva a palavra ter outro sentido dentro do contexto, algo como “muito bem” ou “excelente”, numa entonação de ironia e crítica por parte da personagem Formiga, ou seja, a valoração que **bravo** recebe é de algo depreciativo e negativo. Para que o aluno aprenda sobre esse recurso que a entonação, sugerimos que o professor estabeleça uma ponderação entre o aspecto gramatical e a funcionalidade de uso, tanto da fala

como da escrita, pois uma mesma palavra pode apontar para infinitos sentidos, a depender do contexto de uso.

É importante considerar que as explicações sobre o uso dos adjetivos são apenas exemplos que podem ser adotados para o ensino-aprendizagem de uma gramática contextualizada, tendo que levar em consideração as dificuldades em que os alunos se encontram em relação ao conhecimento da língua em seu uso. Enfim, o gênero textual fábula pode ser abordado de diversas maneiras para trabalhar a língua em uso, a gramática contribuindo para construção dos sentidos do texto, mas que estas formas não sejam fragmentadas e isoladas do texto.

A gramática contextualizada pode ser ensinada por meio de diferentes metodologias. A partir da fábula, por exemplo, podem ser feitas reescritas, leitura teatral, uma mesa temática para debate de temas por meio da moral na qual a narração traz em seu desfecho. Há infinitas estratégias para o trabalho do gênero textual fábula, ou melhor, do texto em si em sala de aula, como afirma Marisa Lajolo: "Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer das nossas aulas." (LAJOLO, 1982, p. 15).

## Considerações finais

A partir do desenvolvimento deste trabalho, pode-se considerar que é possível ter uma postura de consentimento, no que diz respeito ao ensino da gramática contextualizada, principalmente no que se refere às abordagens e estudos gramaticais voltados para a perspectiva do ensino de linguagem enquanto interação.

Diante das análises feitas das fábulas, trabalhou-se a classe gramatical do adjetivo na concepção da gramática contextualizada. Deste modo, foi descrito como podemos trabalhar os aspectos valorativos e apreciativos atribuídos não só aos personagens, mas às ações e comportamentos que estes manifestam.

Assim, ressaltamos que é de extrema importância trabalhar a análise dos recursos linguísticos, tendo em vista o contexto geral de um texto, para melhor compreensão por parte dos alunos dos sentidos que podem assumir os recursos gramaticais, ampliando sua visão de mundo. Assim destacamos a importância de ensinar os recursos gramaticais de forma contextualizada, como nos propomos com os adjetivos, devido a suas diversas possibilidades de sentidos.

## Referências

A RAPOSA e as uvas de Jean de La Fontaine. Aprende Português, [S.l.]. jul. 2013. Disponível em: <https://segundociclo.webnode.pt/news/a-raposa-e-as-uvas-jean-de-la-fontaine/>. Acesso em: 29 maio 2019.

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CEREJA, William Roberto; MAGALHAES, Thereza Cochar. Gramática: texto e reflexão e uso. 2. ed. São Paulo: Atual, 2004.

COELHO, Nelly Novais. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

GERALDI, J. W. Prática e produção de textos na escola. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 7, 1986. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639022>. Acesso em: 29 maio 2019.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). O texto na sala de aula. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LAJOLO, Marisa. Usos e abusos da literatura na escola. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linguística de Texto: o que é e como se faz?. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. (Org.) Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

NEVES, Maria Helena de Moura. Que gramática estudar na escola? 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção leituras no Brasil).

ZILBERMAN, R. (Org.). Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

# A CONTRIBUIÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO GÊNERO DEBATE

Elienai Carvalho Costa, UFMA

Nazareno da Silva Santos, UFMA

Gabriel dos Santos Carneiro, UFMA

 trabalho com a oralidade é fundamental para que se desenvolva habilidades que permitam o aluno usar a linguagem oral com competência em situações mais ou menos formais. Antunes (2003, p. 24) ressalta que há certa omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar: “Essa omissão pode ter como explicação a crença ingênua de que os usos orais da língua estão tão ligados à vida de todos nós que nem precisam ser matéria de sala de aula”. Conforme Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004), uma boa estratégia para o ensino dos gêneros orais são as sequências didáticas.

O uso da sequência didática para trabalhar em sala de aula o gênero debate é um tema importante a se discutir. Na construção do material didático é necessário um conhecimento sobre o gênero, no tocante ao seu funcionamento social. Trabalhando o gênero debate na sequência didática a argumentação e oralidade serão instrumentos essenciais na construção do conhecimento do aluno acerca de como argumentar frente a assuntos

polêmicos. A escola precisa pensar o uso oral em uma perspectiva além das necessidades de comunicação do dia a dia, no domínio de estratégias que permitam o falante fazer uso do registro oral em diferentes situações de comunicação de forma eficiente. Nesse sentido, o gênero debate em sala de aula, pode oportunizar situações de desenvolvimento de habilidades argumentativas na oralidade.

Pensando no debate, é necessário organizar o material didático de forma a relacionar as atividades com o gênero, que direcione a construção de estratégias metodológicas para que os alunos percebam a relação do debate com outros textos que dialogam com a mesma temática, o que já foi dito sobre o assunto debatido, possibilitando o desenvolvimento de mecanismos que ajudem os alunos a assumir um ponto de vista, argumentar, contra-argumentar, ouvir o outro, criticar de forma ética, dentre outras habilidades.

A partir da divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs (1998) houve uma preocupação em se trabalhar a oralidade na escola. A partir disso, foram criadas estratégias mais sistematizadas para esse fim. Existem muitas dificuldades para o ensino da linguagem oral e escrita na sala de aula, dentre elas, adequar a fala às diferentes situações comunicativas, que podem ser mais ou menos formais, mesmo quando se trata de oralidade. Antunes (2003) ao defender o ensino da oralidade em sala de aula diz ser um equívoco a ideia de homogeneidade na fala, ou seja, assim como na escrita, a fala pode ser mais ou menos formal a depender da situação de comunicação.

Para auxiliar o aluno a ter uma argumentação mais consistente, é preciso ensinar estratégias de uso oral da linguagem, como por exemplo, saber ouvir e respeitar a

vez do outro falar, isto é, saber defender um ponto de vista sem faltar com respeito a ideia do outro. É preciso conhecer bem sobre o assunto, ter argumentos para defender um ponto de vista, saber que a oralidade, assim como a escrita, precisa adequar-se às diferentes situações comunicativas, atender a determinadas regras construídas socialmente, como é o caso da troca de turnos de fala. Diante disso, percebe-se que há muito o que se ensinar sobre oralidade.

A busca por um ensino dinâmico que inclua o gênero debate traz à tona uma preocupação que vem sendo discutida nos últimos anos. O gênero oral é pouco trabalhado em sala de aula, por isso a análise que buscamos neste trabalho será também uma discussão acerca de como a oralidade pode ser trabalhada em sala de aula com base no gênero debate. Para tanto, propomos estratégias de ensino que tenham como foco um gênero de registro oral - o debate -, que requer toda uma preparação sistematizada sobre as estratégias de leitura.

## Gêneros textuais: breves considerações

Conforme Marcuschi (2010) tornou-se comum o conceito sobre gêneros textuais enquanto fenômenos históricos que se relacionam com a cultura, com o social, contribuindo para a estabilização das atividades comunicativas. Ainda segundo esse autor, os gêneros textuais passam a existir a partir das necessidades influenciadas pelas inovações das atividades socioculturais. Porém, embora apresente um alto poder

preditivo e interpretativo das ações humanas de maneira discursiva, os gêneros são caracterizados por eventos textuais altamente dinâmicos e flexíveis. Eles nascem a partir das necessidades e atividades socioculturais, relacionando-se com as inovações tecnológicas, relação essa que promove uma adaptação às novas realidades e de atividades comunicativas.

Considera-se gêneros textuais meios usados para a realização da comunicação verbal e tem como função tornar viável a participação do ser humano na construção de informações constitutivas de um texto. Segundo Dias (2012):

*Entende-se por Gêneros Textuais entidades de natureza sociocultural que materializam a língua em situações comunicativas diversas. É um campo de estudo que tem recebido uma maior atenção nos últimos anos, devido à percepção de sua relevância para o ensino de língua portuguesa e funcionalidade na vida cotidiana, nas incontáveis áreas que esta abrange. (DIAS, 2012, p. 1)*

Para Bakhtin (2003[1979]), produzir linguagem é o mesmo que produzir discursos sociais. Institui-se nesta abordagem, a linguagem em sua essência e natureza dialógica e sócio histórica, ressaltando-se a diversidade e riqueza da produção da linguagem, perpassada por fatores linguísticos e não linguísticos. Nesse sentido, a produção dos gêneros discursivos está diretamente relacionada ao meio social, às condições de produção, aos interlocutores sociais e às esferas de circulação social dos discursos, sejam orais ou escritos.

Sendo assim, os gêneros textuais são influenciados diretamente por aspectos externos à linguagem (extralinguístico), tanto na sua criação, como nas características e na sua prática social. Como o gênero textual está atrelado ao contexto histórico, podem surgir novos gêneros como também entrar em desuso, devido ao processo da evolução.

No decorrer da história humana, a oralidade sempre esteve presente como uma marca essencial de comunicação entre os povos. Diante disso, Marcuschi (1997, p. 120) assevera que “[...] todos os povos têm, ou tiveram uma tradição oral [...]”. A partir do exposto pelo autor, ao longo do tempo a fala esteve sempre a frente como o principal meio de interação entre as sociedades, com base nessas concepções podemos dar a devida importância à oralidade, mas sem desmerecer outros meios de interação, como a escrita, símbolos, imagens etc.

A oralidade como marca de interação é historicamente intrínseca ao ser humano, pois a ela se concede a ideia de que o homem é um ser que fala, segundo Marcuschi (1997, p. 120). O autor acrescenta que: “[...] a fala é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia [...]”. Partindo deste pressuposto entende-se que estamos sujeitos a desenvolvê-la com o tempo, nos meios mais simples de convívio social. Entre outros pontos da criação das marcas orais, o contexto em que o sujeito estará inserido influenciará diretamente nessa formação.

Existe uma complexidade imanente no que se refere à língua falada, neste caso trata-se de uma dualidade da língua como afirmam Dolz e Schneuwly, que nos remete a um enredamento no que se refere aos modos de uso da fala. Segundo os autores:

*A fala só pode ser concebida de duas formas, [...] seja como tendente necessariamente à forma ideal, representada precisamente pela escrita, fundindo o oral e escrita numa unidade mítica de uma língua ideal; seja como fundamentalmente diferente da escrita em sua forma e em sua função, já que ela é o lugar da expressão espontânea cotidiana [...] (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p.133)*

A presença da oralidade no meio social é um fator indispensável, por meio deste mecanismo de comunicação são feitas as relações que movem o social como um todo, de forma dinâmica e com possibilidades iminentes de acréscimos linguísticos e mudanças. Marcuschi (1997) salienta que essa dinâmica da oralidade que nós, enquanto seres sociais estamos fadados a usufruir, está predominantemente ligada à sua distribuição na vida diária, e desta forma nos tornamos reféns dela. Todas as pessoas do meio social, independentemente do nível de escolaridade ou social, dependem dos mecanismos orais para sua interação com os sujeitos em seu contexto.

O gênero debate é um importante aliado para o desenvolvimento de habilidades de expressão oral, pois de acordo com Aquino (2015, p. 231), ele “Permite associar a reflexão sobre a língua falada ao desenvolvimento de habilidades que se voltem à interação, à negociação e à argumentação no que concerne a seus usos estratégicos”. A partir do exposto pelo autor, o debate é um meio pelo qual se pode produzir conhecimento, logo não deve ser ignorado nas instâncias que concernem o processo de ensino-aprendizagem. A ação do debate é um meio pelo qual o aluno poderá ser levado a desenvolver ou aperfeiçoar a habilidade argumentativa.

Habilidades tais como, saber planejar o que será falado, argumentar de forma eficaz, ter domínio dentro da discussão, saber defender seus pontos de vista, replicar argumentos divergentes dos seus de forma contundente e respeitosa, são pontos em destaque dentro do ensino da argumentação. O poder da negociação que a argumentação também exige do indivíduo está fortemente ligado no que concerne a interação entre falantes no processo discursivo. Então passar isso para o aluno o fará saber organizar suas ideias de forma coerente bem como externá-las no momento em que estiver dentro de um debate formal. (CARVALHO<sup>33</sup> apud AQUINO 2015, p. 234).

Nos últimos anos a atenção para este assunto tem sido debatida com mais veemência, visto que a importância de saber lidar com indivíduos em ambientes que requerem argumentação, posicionamento ideológico entre outros, são cada vez mais frequentes na realidade do educando. Saber instrumentá-lo para este mundo social conflitante é um dos papéis que o ensino da oralidade em diferentes situações comunicativas pode proporcionar ao falante. Apesar da iniciativa existente para inclusão do trabalho da oralidade em sala de aula, as dificuldades para essa inserção se tornam uma barreira que precisa ser quebrada. A partir dessas considerações, Bunzen e Mendonça (2006, p. 182):

---

<sup>33</sup> Sílvia Mamede de Carvalho, pós-graduanda (FFLCH-USP). Material dos apostilados da SEE (Secretaria Estadual de Educação).

*Contudo, embora tenha aumentado a preocupação com o tratamento da oralidade em sala de aula, ainda é grande a dificuldade de didatização do conhecimento nesse campo. Por exemplo, os autores de manuais didáticos, em sua maioria, ainda não sabem onde e como situar o ensino da fala.*

Neste panorama, a questão a ser discutida está na metodologia a ser desenvolvida para ensino da oralidade, já que o que se tem até então é uma forma artificial do desenvolvimento da argumentação. Muitas vezes, a oralidade ainda é explorada como se fosse menos importante do que a escrita, e por isso, ensinada de forma menos planejada. Conforme defende Antunes (2003), as atividades sobre o ensino de oralidade devem acontecer de forma organizada, sistematizada, por isso, consideramos as sequências didáticas um recurso muito produtivo para esse fim.

Desenvolver estratégias para o ensino adequado da oralidade se torna um desafio cada vez mais complexo, pois diante dessa novidade o processo de ensino-aprendizagem estará dependente do professor, que por sua vez deverá assumir o papel de guia do aluno, asseverando para estes, os meios nos quais esse gênero é produzido e usado. Por ser um gênero que está ainda em forma embrionária no ambiente escolar, o ensino do debate é um desafio no ensino de língua materna.

## Sequência didática

Segundo Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004) são necessárias informações significativas sobre o gênero a ser trabalhado para a produção do material didático, com as informações será possível organizá-lo em uma estrutura sistemática e lógica. Todas as informações são essenciais para produção da sequência didática, definida como um: “conjunto de atividades escolares organizada, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

As análises dos autores citados colocam como prioridade principal da sequência didática proporcionar mecanismos que ajudem o aluno na aprendizagem de práticas de linguagem acerca de um gênero discursivo. O modo como as atividades são organizadas podem minimizar as dificuldades dos alunos em escrever ou falar em determinadas situações que exijam certas habilidades de argumentação.

O esquema da sequência didática dada por Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004) consiste na estrutura formada por apresentação da situação, produção inicial, Módulo 1, Módulo 2, Módulo 3 e Produção Final. Dentre as etapas começa-se o com a apresentação da situação que de forma clara, fornece as informações para a primeira produção. Com a primeira produção o professor terá noção das necessidades dos alunos, assim poderão ser ajustadas as atividades durante a execução dos módulos. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98) esclarecem que a sequência didática: “[...] define o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que devem desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão”.

Os instrumentos para a aplicação das atividades estão relacionados diretamente aos módulos, momentos nos quais é possível trabalhar as dificuldades diagnosticadas na produção inicial. Na sequência didática se constrói as possibilidades de como pode ser o melhor alcance na aprendizagem do aluno nas dimensões comunicativas, podendo assim envolver um conjunto de problemas que são percebidos através das produções dos alunos, usadas como material de análises para direcionamentos dos módulos e instrumentos de aplicações usados na sequência.

O esquema da sequência didática dada por Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004) mostra que as tarefas serão executadas a partir das dificuldades e das capacidades percebidas, com objetivo no desenvolvimento da linguagem, portanto todo material está direcionado ao aperfeiçoamento do aluno auxiliando na dominação da linguagem ao gênero.

Lopes Rossi (2012) destacam na construção de um modelo didático para estudo de um gênero, a necessidade do conhecimento de uma quantidade de exemplares de textos pertencentes a um dado gênero. Isso permite ao aluno perceber as características do gênero em termos composicionais, temáticos e estilísticos. A autora propõe etapas para o ensino do gênero. Na primeira etapa, ela sugere o contato do aluno com diferentes textos pertencentes ao mesmo gênero. Esse momento é acompanhado de discussões orais sobre os textos lidos. Depois a produção textual, que deve ser feita tendo em vista o gênero já estudado. Depois da produção, o texto deve ser avaliado individualmente ou coletivamente, e por fim, a circulação do texto, ou seja, a divulgação em meios o mais próximos possíveis do real.

Em qualquer sequência didática, é necessário partir dos conhecimentos prévios dos alunos, como verificamos nas discussões teóricas realizadas até aqui, no início das atividades a oralidade e a escrita são de grande importância para uma avaliação diagnóstica. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, é preciso conhecer antes do planejamento, os conhecimentos prévios dos alunos, para que só assim possam executar as atividades relacionadas à sequência didática. Desse modo, será possível colocar em prática uma metodologia produtiva.

*O planejamento dos módulos didáticos parte do diagnóstico das capacidades iniciais dos alunos, permitindo identificar quais instrumentos de ensino podem promover a aprendizagem e a superação dos problemas apresentados. (BRASIL, 1998, p. 88).*

A sequência didática enquanto organização de atividades relacionadas a um gênero a ser estudado, pode ordenar, sequenciar, selecionar previamente, inferir certos resultados, fazer adequações, suprimindo as necessidades dos alunos e promovendo um aprendizado progressivo, processual, a partir de atividades engajadas para alcançar determinados objetivos previamente traçados para o desenvolvimento de habilidades de leitura de produção textual. Assim, entendemos que o ensino do gênero debate utilizando como metodologia a sequência didática será produtivos para ampliação da capacidade argumentativa dos alunos na oralidade.

## Proposta de uma sequência didática do gênero debate

Nessa proposta pretendemos mostrar o quanto a oralidade é importante no ensino de língua Portuguesa. Para isso utilizamos o gênero debate, a partir do qual trabalharemos os eixos: leitura, oralidade, produção textual e análise linguística.

Tendo em vista que para debater é necessário conhecer o tema, selecionamos o aborto como tema a ser estudado e discutido, a partir de diferentes textos que tratam do assunto. Entendemos que o aborto é um tema delicado e difícil de ser discutido no meio social, mais difícil ainda ser discutido nos espaços escolares ou socioeducativos. São inúmeras questões que entrelaçam esse tema como questões religiosas e filosóficas. Deste modo, as discussões serão consideradas a partir da faixa etária dos alunos do segundo ano do ensino médio, pois na adolescência é crescente a capacidade em considerar os fatos da realidade e conceituá-los, bem como perceber as informações disponíveis e emitir suas opiniões.

Seguindo orientações de Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004), o ensino aprendizagem do gênero debate acontecerá por meio de uma sequência de atividades interligadas, que favorecem uma sistematização e progressão das mesmas. Nesse sentido, a sequência didática terá como objetivo criar um espaço em que cada aluno possa dar uma opinião ou transmitir o que se pensa sobre o tema, proporcionando um espaço para a construção de argumentos contra e a favor.

A argumentação pode ser construída com uma afirmação acompanhada de justificativa, ou como uma

afirmação oposta, argumento e contra-argumento. Tais pontos são para o desenvolvimento da oralidade que tem seu papel importante na comunicação em diversos espaços que permeiam nosso dia a dia, aos contextos mais formais, como em sala de aula. As posições na argumentação serão sempre de respeito ao próximo, um sinal de respeito a si mesmo com relação à opinião dada.

Pensando na sequência didática de Lopes-Rossi (2012), em um primeiro momento colocaremos os alunos em contato com diferentes textos pertencentes ao gênero debate a partir de vídeos, e textos impressos. Isso possibilitará aos alunos a apropriação das características do gênero debate. Ao assistirem vídeos, dos quais tratam de aborto, os alunos irão perceber diferentes posicionamentos – contra ou favor. Perceberão também uso da argumentação para defesa de pontos de vista.

A importância do debate está em apresentar pontos de vista diferentes sobre um mesmo tema, que é o aborto. Os alunos observarão também através dos vídeos como expressar-se de maneira organizada, tendo os debatedores cada um seu tempo de fala, com argumentos claros e coerentes, construindo um procedimento comunicativo consistente. Como sugestão para os alunos, além dos textos a serem trabalhados em sala, devem ser disponibilizados diferentes links com vídeos sobre o assunto.

Na segunda etapa serão feitas as leituras de alguns textos, principalmente artigos de opinião que tratem da temática em estudo: Aborto, isso permitirá aos alunos conhecer mais sobre a temática, organizando ideias que são importantes na formulação de opiniões e argumentação. É necessário ter conhecimento sobre o tema para assim assumir seu posicionamento. Nessa fase,

o aluno será levado a compreender as características do gênero por meio das leituras de diferentes textos, identificando a recorrência de determinados conectores argumentativos, relações de diálogo com outros textos em relações de divergência ou de convergência.

Durante as leituras, poderão surgir questões tais como: Quais são os tipos de aborto? Quais são os riscos do aborto? Em que situações no Brasil o aborto é legalizado? O que acontece com a mulher após o aborto? De quem é a responsabilidade? Como diminuir o número de abortos? A partir dessas problematizações são iniciadas as discussões que estão ligadas a oralidade e poderão guiar os alunos a distintos pontos de vista, argumentos e contra argumentos. Nesse contexto, Marcushi (1997) destaca a importância da oralidade na comunicação de um povo e sua importância enquanto objeto de estudo.

O gênero debate, em sala de aula, constitui-se como espaço de discussão, argumentação e criticidade. Possibilita um diálogo oral sobre determinada temática, podendo acionar diferentes pontos de vista, argumentos e contra argumentos. Bunzen e Mendonça (2006) ressaltam que as práticas de trabalho com oralidade em sala de aula ainda são muito restritas.

Ao ser didatizado, esse gênero abre um espaço muito grande para explorar a oralidade, que é de grande importância para formação cidadã do aluno. Assim, essa segunda etapa da sequência didática aqui proposta tem como foco a leitura e discussão oral, a fim de possibilitar aos alunos o conhecimento sobre a temática, identificação de teses e pontos de vista, reconhecimento do estilo da linguagem, estrutura composicional, dentre outros aspectos do gênero

Na terceira etapa, que será a etapa de produção, já assistido aos vídeos do gênero debate, e lido vários textos sobre a temática em estudo, já explorado a oralidade, por meio de questionamentos e discussões, é hora de organizar o debate entre os alunos. Assim, dividiremos a turma em dois grupos conforme sejam contra ou a favor do aborto. Pediremos que primeiro façam um esquema escrito apresentando ponto de vista e argumentos, pediremos também que pensem em possíveis argumentos do grupo contrário, e com isso também já possam elaborar contra argumentos. “[...]somente quando escrevemos com uma intenção, e tendo em mente um interlocutor que nos permite prever suas possíveis réplicas, somos capazes de adequar nosso discurso” (SANTOS, 2012, p, 253). Cada grupo terá mais um tempo para reforçar as leituras sobre o tema. Embora o debate seja um gênero oral, precisa de toda uma preparação para a sua produção. Como defende Lopes-Rossi (2012), a produção textual oral ou escrita deve seguir uma série de etapas que prepara o aluno a ter o que dizer, ou seja, é preciso discutir a temática, ampliar conhecimentos, organizar a fala acerca do que está sendo debatido. Isso se alinha ao que Marcuschi (1997) defende quando diz que assim como a escrita, a oralidade também precisa ser planejada.

Como explicita Marcuschi (1997), a oralidade, assim como a escrita possui níveis de maior ou menor informalidade, estilos que precisam se adequar ao interlocutor, ao propósito comunicativo, ou seja, características próprias que se aproximam ou se distanciam da escrita a depender das situações de comunicação. Portanto, assim como os gêneros escritos, os orais também devem ser objetos de ensino na escola.

Seguindo as atividades, teremos o momento do debate na sala de aula após os alunos terem se apropriado da temática. Eles se organizaram em sala, formando dois grupos, visando à interação, o compartilhamento de informações, bem com as divisões de tarefas. Para mediar cada grupo, serão escolhidos dois alunos que terão a função de intermediar entre os dois grupos, tendo o papel de intervir, organizar a comunicação entre as duas partes debatedoras. Sendo o mediador relativamente imparcial, uma vez que segundo Bakhtin (2003[1979]) não pode haver neutralidade na linguagem, por mais que se tente ser imparcial, pois todos nós temos nossos pontos de vista, nossas posições ideológicas. Contudo, o mediador é orientado a não expressar seu ponto de vista, nem argumentar contra ou a favor a temática em discussão. Sua função é de organizar o debate. Em seguida os respectivos grupos a favor e contra terão a oportunidade de expor oralmente suas opiniões deste modo a interação será de uma forma organizada, pois todas as partes terão sequências lógicas nas quais durante suas falas não haverá interrupções.

Dessa maneira, a troca de opiniões contribui para o desenvolvimento na capacidade comunicativa e na ampliação do conhecimento dos alunos. Avaliação do debate estará além do simples domínio das técnicas orais, mas na capacidade em compreender as ideias expostas além do respeito recíproco acerca das opiniões distintas, dos pontos de vista levantados durante as discussões. Entendemos que o debate seja um momento privilegiado para o fortalecimento de conhecimentos e para a construção de valores como o respeito ao outro. Ainda destacamos a importância do debate para aprimoramento do senso crítico do aluno, que tem a possibilidade de

aprender a ouvir o outro em busca de organizar e defender seu próprio ponto de vista.

## Considerações finais

O ensino do gênero debate proporciona o desenvolvimento da oralidade por meio de uma série de mecanismos, não colocando a ideia de debate como forma superficial de discussão, mas sim, levantando aspectos que façam sentido no objeto de análise. Como elemento fundamental para a organização do debate é usado a sequência didática, contribuindo para construção de uma sequência de atividades definidas e organizadas em função de determinados objetivos. As práticas da sequência didática estão diretamente ligadas ao material que se consolida sobre determinado gênero, relacionando-se com diversas características, tanto aspectos da língua quanto características ligadas ao próprio gênero e ao contexto social.

A proposta didática colocou alguns pontos a serem observados no encaminhamento de atividades relativas ao gênero debate em sala de aula, contemplando atividades de leitura, oralidade, análise linguística e produção textual. Além das sugestões dadas, muitas outras atividades podem ser acrescentadas, desde que tenham como eixo central o gênero debate. Queremos ainda ressaltar, que conforme o que pesquisamos, é possível dizer que não há um modelo ideal de sequência didática a ser seguida.

Entendemos que as sequências didáticas propostas por diferentes autores, são importantes como ponto de partida para organização e planejamento das atividades a

serem desenvolvidas em sala de aula. Contudo, a depender do gênero textual a ser ensinado, por exemplo, podemos escolher um ou outro modelo de sequência didática em detrimento de outro, ou ainda mesclar modelos diferentes, a fim de tornar esse planejamento e organização das atividades mais produtivo para alcançar os objetivos pretendidos. Para o trabalho com o texto literário, por exemplo, seria interessante recorrer a Cosson (2016), que propõe um modelo de sequência didática mais voltado para o texto literário.

## Referências

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Gêneros orais, argumentação e ensino de língua portuguesa. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 227-248, 2015.

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 4 abr. 2019

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

DIAS, L. R. Gêneros textuais para a produção de textos escritos no livro didático. Uberlândia: EDUFU, 2012. v. 2.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. A Produção Escrita de Gêneros Discursivos em Sala de Aula: aspectos teóricos e sequência didática. Signum: estudos da linguagem, Londrina, n. 15/3 (esp.), p. 223-245, dez. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2012v15n3p223>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/13039>. Acesso em: 24 jun. 2019.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Gêneros textuais: constituição e práticas sociodiscursivas. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Escrita. Signótica, Goiás, v. 9, n. 1, p. 119-146, 1997. DOI <https://doi.org/10.5216/sig.v9i1.7396>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/7396>. Acesso em: 14 maio 2019.

SANTOS. Eliane Pereira. Gêneros discursivos: uma abordagem dialógica da linguagem. Revista FSA - Teresina - n° 9, 2012, p.243-259.

# GRAMÁTICA CONTEXTUALIZADA: o uso de recursos linguísticos na construção do texto

Ubiratan dos Santos Gomes Pereira Junior, UFMA

Marcos Antonio Souza Brandão, UFMA

 ensino de gramática, em alguns casos, ainda é pautado numa perspectiva normativa, focando-se principalmente, em questões classificatórias, nas quais, busca-se apenas denotar a que classe cada elemento pertence, não revelando a função deste para o processo de construção do sentido, que só pode ser observado dentro de uma dimensão textual.

Pensando nisto, este trabalho visa discutir questões ligadas ao ensino de uma gramática contextualizada, na qual a dimensão textual, os recursos linguísticos que se articulam para a produção do sentido, são analisados, não se prendendo somente a classificar, mas sim, a discorrer sobre a função de cada recurso linguístico dentro de um determinado contexto. Para isto, se fará inicialmente uma discussão acerca de como ocorria o ensino da língua materna no Brasil, chamando atenção para a necessidade de se ter um ensino gramatical mais contextualizado.

Para exemplificar as discussões sobre a gramática contextualizada, utilizou-se o gênero tirinha, visando analisar como os recursos linguísticos influenciam na construção dos sentidos, mostrando não só a sua

classificação, mas sua função dentro do texto. Assim, analisaremos o uso de alguns recursos linguísticos, tais como: pronomes, verbos e adjetivos em tirinhas retiradas da internet. A escolha por essas classes gramaticais foi motivada pela sua importância e recorrência para construção textual.

Justificamos também que a escolha pelo gênero textual tirinha aconteceu em função da recorrência desse tipo de texto em livros didáticos, em aulas de língua portuguesa no ensino de língua materna. O gênero tirinha é constituído de textos ricos em linguagem multissemiótica, cujos recursos visuais contribuem muito para a construção dos sentidos do que está dito verbalmente.

O ensino de língua materna depende muito da concepção de língua/linguagem adotada em determinada época, ou por certos professores. Assim, a forma como a gramática é ensinada, ou seja, as metodologias empregadas serão mais ou menos estruturalistas, dependendo da concepção de língua empregada.

## Sobre o ensino de língua materna no Brasil

Conforme Doretto e Beloti (2011), o ensino de língua materna no Brasil passou por uma série de transformações desde a chegada dos jesuítas no Brasil colônia até a década de 80 em diante. Essas transformações foram marcadas por mudanças de concepções de língua/linguagem, aspectos ideológicos, mudanças sociais, ou seja, as metodologias usadas para o ensino de língua materna são organizadas a partir de determinadas visões

de mundo sobre a língua. As autoras destacam que nesse percurso de ensino desde o Brasil colônia até a década de 80, a escola adotou no ensino de língua materna uma concepção de língua enquanto expressão do pensamento, depois de língua como instrumento de comunicação e língua como interação.

Ainda conforme as autoras, na primeira concepção o foco era dado no subjetivismo idealista, na consciência individual do sujeito falante, já a segunda concepção é voltada para o objetivismo abstrato, para a língua enquanto código. Na última concepção temos a ênfase na interação entre texto, autor e leitor. Aqui temos ressaltado a importância do meio social, do contexto, o sentido passou a ser visto como resultado desses três elementos dentro de um contexto social e não mais centrado no eu individual ou no sistema abstrato da língua.

Antes da concepção interacional, o ensino consistia em uma base formal, centrando-se apenas em conceitos e classificações, pautando-se na perspectiva da gramática normativa. Segundo Bernardo e Naujorks (2013):

*O ensino da Língua Portuguesa esteve alicerçado no ensino da gramática prescritiva, detendo-se, principalmente, em conceitos e classificações, porém esse ensino nunca levou o aluno a um aprendizado real em que ele pudesse fazer uso desse ensinamento para que desenvolvesse sua competência comunicativa (BERNARDO; NAUJORKS, 2013, p. 01)*

O ensino gramatical normativo utiliza para fim de análises, frases soltas, fora de um contexto semântico, buscando nestas apenas o teor classificatório. Este fato não contribui de maneira muito eficiente para o aprendizado, pois ocorre fora de uma dimensão textual. Desse modo, o

aprendizado real a que Bernardo e Naujorks (2013) se refere ocorrerá somente a partir de um ensino contextualizado.

Como diz Dionisio et.al (2010, p. 181) “a língua só é compreendida se tivermos acesso aos seus elementos constitutivos: participantes, lugar, tempo, propósito comunicativo (conversar, explicar, criticar, etc.)”. Constata-se que o texto é um instrumento que fornece os quesitos necessários para o ensino-aprendizagem concernentes à leitura, interpretação e a escrita, estabelecendo que o aluno não é meramente um decifrador de frases sem sentido contextual, mas um indivíduo que necessita do desenvolvimento de sua capacidade crítica, visando dessa forma a construção de um leitor capaz de compreender o que está além da materialidade linguística, evitando a ênfase em conceitos e classificações, que não é o suficiente para o aluno desenvolver sua competência comunicativa.

## O ensino da norma padrão/culta ou gramática contextualizada?

Conforme Bagno (2005), a norma padrão é mais uma possibilidade de uso da língua, e não uma modalidade que se deva classificar como correta para todas as situações. Há diferentes possibilidades de uso da língua, portanto, a gramática normativa não deve ser imposta como modelo a ser seguido, mas ensinada como uma variante necessária, capaz de favorecer aos alunos melhor desempenho em situações mais formais do uso da língua.

Possenti (1996) considera a restrição do ensino de língua materna a uma gramática normativa como sendo uma agressão de caráter cultural ocasionando uma supressão sobre as culturas populares que pertencem aos grupos menos favorecidos. Contudo, ele reconhece a importância da gramática padrão na escola. Segundo o autor, os alunos oriundos de ambientes menos letrados são capazes de aprender a norma culta, potencializando seu desempenho linguístico.

*A tese de que não se deve ensinar ou exigir o domínio do dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam dialetos não padrões baseia-se em parte no preconceito segundo o qual seria difícil aprender o padrão. Isto é falso, tanto do ponto de vista da capacidade dos falantes quanto do grau de complexidade de um dialeto padrão. (POSSENTI, 1996, p. 13)*

Para Bagno (2005), as pesquisas científicas realizadas no Brasil nos últimos trinta anos têm evidenciado as seguintes concepções: persiste uma diferença bem ampla entre o que os indivíduos chamam de norma culta, refletidas na longa tradição gramatical normativo-prescritiva, ou mesmo que os pesquisadores denominam como norma culta, sendo considerado um termo técnico para nomear formas linguísticas que existem no globo social. A norma culta surge como um modelo a ser seguido, representando antes de mais nada, a forma correta de se expressar, prescrevendo normas, regras e regendo uma formalidade para o seu uso. Mas será que isto se trata realmente de um fator essencialmente linguístico?

O uso que uma determinada sociedade faz da língua, representa uma escolha, que baseada em um contexto sócio-histórico, elege a norma de maior prestígio, resultando então, em um fator que não se limita meramente ao campo linguístico. Antunes (2014) discorre sobre essa questão, argumentando que:

*A norma culta é apenas uma das variedades, que, por motivos sócio históricos, constitui a norma mais socialmente prestigiada, o que nos leva a reafirmar que os valores atribuídos a essa norma não decorrem de propriedades intrínsecas ao linguístico. Decorrem, reiteramos, de circunstâncias históricas e socioculturais vividas pelo falante.*  
(ANTUNES, 2014, p. 69)

Pensando nisto, uma questão vem à tona: pelo fato de a norma culta tratar-se de um modelo prescrito de acordo com fatores histórico-culturais, como isso por si só pode definir o que é falar; escrever certo ou errado, se só se trata de escolhas gramaticais feitas por uma determinada sociedade, em um determinado tempo? A resposta para isso está justamente no processo de “valoração” que Neves (2003, p. 61 apud ANTUNES, 2014, p. 70) trabalha. Processo este sobre o qual o indivíduo é arduamente cobrado pela sua excelência linguística pelo uso que ele faz da sua própria língua, tornando necessário que este monitore a si mesmo quanto ao seu processo comunicativo, para que com isso no futuro, possa ascender social e profissionalmente. Portanto, o escrever e o falar segundo os preceitos que a sociedade estabelece, finca-se como algo necessário.

O ensino de gramática deve ser algo contextualizado, que diz respeito a um ensino que utiliza como material didático o texto e não frases soltas, com o mero objetivo de que eles apenas classifiquem seus elementos, deixando de lado uma análise mais profunda. Um ensino contextualizado, segundo Antunes (2014) deve ser um estudo gramatical sociointerativo, discursivo e usual, no que se refere à língua, prezando por uma análise, na qual a intencionalidade e a motivação que leva alguém a escrever algo, seja revelada. Nessa análise, deve-se abordar como os diversos elementos linguísticos contribuem para o processo de constituição do sentido do enunciado.

Na perspectiva da gramática contextualizada um simples elemento de ligação, passa a ser visto como um elemento que contribui também para o sentido, podendo apresentar-se como um marcador argumentativo, contribuindo para a coesão, marcar relações de contradição, adição, concordância, etc. Desse modo, o estudo gramatical, torna-se um estudo analítico, que visa relatar não somente a nomenclatura de um elemento gramatical, mas sim, a função que um elemento linguístico está a desempenhar em determinado contexto.

## A gramática contextualizada na construção dos sentidos do texto

Conforme Antunes (2014), os recursos linguísticos devem ser usados conforme as intenções, determinados efeitos de sentidos que se espera alcançar, seja na escrita ou na oralidade, entendo que esse uso depende de vários

fatores, dentre eles: o destinatário, a intenção, a situação de maior ou menor informalidade. Portanto, é necessário colocar o aluno para falar e escrever em diferentes situações comunicativas. A BNCC, delega ao ensino de língua portuguesa a tarefa de:

*[...] proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2019, p. 67)*

Desse modo, não se espera dos estudantes apenas que saibam identificar qual é o sujeito na frase, por exemplo, mas sim, que se tornem a partir das experiências desenvolvidas na escola, sujeitos críticos. É preciso que além de conseguirem classificar, percebam o uso dos recursos linguísticos em função dos interlocutores, da intenção do sujeito falante, ou seja, da situação de comunicação.

Pensando nisso, a BNCC elege para o ensino de língua portuguesa um conjunto contendo dez competências específicas, para efetuar com excelência o processo ensino-aprendizagem de língua portuguesa. Entre elas uma chama a atenção para o ensino de uma maneira contextualizada, ao dizer que o aluno deve “Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias” (BRASIL, 2019, p. 87), tem-se aí contemplado em documento a nível nacional, a priori de que o texto constitui o lugar no qual os sentidos ocorrem, não sendo possível o contemplar desta grandeza somente na frase. Sem a amplitude trazida pelo texto, não se pode perceber o sentido completo, a

intencionalidade da escrita, a motivação presente, que levou alguém a escrever algo.

O ensino de gramática em muito dos casos, deixa de fora esses fatos, por ser visto como algo estático, geralmente atribuído a sistemas classificatórios, nos quais se tem um nível mínimo de leitura e produção textual, deixando de fora a grandeza experiencial existente em tais práticas que se refere a uma ampliação de ideias, pois com a leitura, o universo criativo é estimulado, o vocabulário é aumentado e a capacidade crítica ampliada.

Deve-se prezar por uma gramática contextualizada, que fica “a serviço dos sentidos e das interações que se queira manifestar num evento verbal, com vistas a uma interação qualquer” (ANTUNES, 2014, p. 47). A gramática contextualizada refere-se a um ensino gramatical que não se limita ao campo das classificações, mas preza pelo campo dos sentidos, utilizando o texto como objeto de estudo para analisar como o sujeito falante faz certas escolhas gramaticais para expressar suas intenções, seu grau de proximidade com o interlocutor, expressar sentidos conforme um dado contexto, ou seja, situação comunicativa, buscando com isso auxiliar no processo interpretativo de um texto e não meramente na classificação de seus elementos constituintes.

## Gramática contextualizada no gênero tirinha

Pensando em exemplificar as discussões levantadas a respeito da gramática contextualizada, e como o ensino amplia a construção dos sentidos em uma dimensão social, e não restrita aos recursos linguísticos, realizamos uma

análise gramatical, mostrando dentro do gênero textual tirinha, como alguns elementos linguísticos se articulam para produção de sentidos no interior do texto.

A tirinha, na visão de Ramos (2009), enquadra-se dentro do gênero quadrinhos, que abriga outros gêneros como as charges e os cartuns, mas apresenta como característica principal o humor, bem como a disposição do conteúdo em poucos quadros.

Na perspectiva da gramática contextualizada, as tirinhas seguintes poderiam ser analisadas da seguinte forma:

### Imagem 1 - Tirinha Calvin (1)



Fonte: <http://apatossauros.files.wordpress.com/2007/10/calvinharodotira354.g>

A tirinha<sup>34</sup> acima pertence à série de tiras criadas pelo autor norte-americano Bill Watterson, denominada Calvin & Hobbes. Nesta, tem-se a figura de Calvin, um garoto cheio de personalidade, que tem como fiel companheiro Hobbes, um tigre de pelúcia que para Calvin, está tão vivo como um amigo de verdade, real. A discussão da tirinha gira em torno da ida da mãe de Calvin ao médico.

<sup>34</sup> Informações retiradas da plataforma Google imagens. Site: <http://apatossauros.files.wordpress.com/2007/10/calvinharodotira354>. Acesso em: 24 maio 2019.

No segundo quadrinho, tem-se a palavra **EU** que se trata de um pronome pessoal do caso reto. Saber desse fato, não revela a função desempenhada pelo pronome, mas ao analisá-lo de acordo com o contexto existente, percebe-se que **EU** possui a função de indicar uma pessoa presente no discurso, sendo esta, Hobbes o tigre de pelúcia, amigo de Calvin. No quadrinho seguinte, quando o personagem Hobbes enuncia o pronome **VOCÊ**, este cumpre função referencial de marcar novamente uma pessoa do discurso, sendo esta, o menino Calvin.

Desse modo, verifica-se uma das funções que o pronome possa vir a desempenhar. Sobre isto, Antunes (2014, p. 137) argumenta que "os pronomes, como outros sintagmas nominais, têm uma função eminentemente referencial, no sentido de que servem à necessidade do falante de indicar a que pessoas ou a que coisas está se referindo em seus textos". Portanto, apenas classificar esses recursos linguísticos não contribui para o desenvolvimento de habilidades linguísticas que favoreçam uma escrita ou leitura de qualidade.

No primeiro balão discursivo do terceiro quadrinho tem-se o pronome pessoal reto **ELA**. Este por sua vez, desempenha outra função, a de retomar alguém que já foi mencionado anteriormente, no caso a mãe do menino Calvin, presente nas falas do primeiro quadrinho. Sobre isto, Antunes (2014) revela que os pronomes desempenham uma função anafórica, ou seja, de retomada de referências anteriores. Com isso, percebe-se a função coesiva do pronome, contribuindo para a construção de um texto mais fluido, ao evitar a repetição brusca de um mesmo termo.

Em função do contexto, percebe-se um teor de desapontamento na fala do tigre ao se referir à mãe de

Calvin. Isto ocorre devido à possibilidade da mãe de Calvin ter ido ao médico por estar grávida, o que não é motivo de alegria para ele, podendo-se perceber tanto na fala dele quanto na expressão visual.

No último quadrinho, na fala de Calvin, temos outro tipo de pronome, o **MIM** que é classificado como pessoal do caso oblíquo. Este, cumpre função semelhante ao pronome **VOCÊ**, do primeiro quadrinho, marcando a pessoa do discurso, no caso o próprio Calvin. Além disso, no pronome **MIM**, percebe-se a partir da entonação emitida por Calvin, uma auto valorização de si mesmo, colocando-se como superior e questionando por isso, o fato de sua mãe querer ter outro filho.

Estes aspectos devem ser trabalhados no âmbito da sala de aula. Ao se utilizar uma tirinha como essa para trabalhar os pronomes, deve-se estimular o senso crítico dos alunos, pedindo que estes além de definirem qual tipo de pronome é trabalhado, observem a função que este desempenha para contribuir para o sentido do texto. Saindo de uma atividade de *classifique os pronomes presentes na tirinha a seguir para observe e descreva a função semântica exposta pelos pronomes.*

## Imagem 2 - Tirinha Calvin (2)



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/ imagem/0000000065/0000021680.jpg>

Nesta segunda tirinha, tem-se um diálogo realizado entre Calvin e seu pai. Eles discutem acerca da possibilidade de Calvin conseguir mais tempo para assistir televisão. Durante a argumentação, Calvin traz a voz da mãe, introduzindo essa fala por meio do discurso indireto introduzido pelo tempo verbal **DIZ**, buscando com isso, um meio de convencer seu pai, através da figura da mãe. Até aqui ele usa uma linguagem relativamente informal, bem característica de uma conversa em família, mas já no último quadro, irritado com a negação do pai, a criança passa a usar uma linguagem mais formal, reveladora de certo distanciamento entre os envolvidos na interação. Sobre isto, afirma Possenti (1996) em suas teses, que a linguagem é aplicada de forma culta ou informal de acordo com o contexto ou ambiente comunicativo.

Outro aspecto importante, é que o pai usa a palavra **ERRADO** para negar o pedido do filho, rompendo com todos os argumentos construídos por Calvin. Isso se dá porque ao falar que cada família vê em média 7 horas e meia de tv por dia e fazer cálculos para convencer seu pai, que do modo como ele pensou eles estariam dentro dessa média, Calvin deixa de incluir neste cálculo o tempo que seu pai passa assistindo televisão. Desse modo, de maneira implícita, o termo **ERRADO** suscita esse fato. O termo errado não apenas caracteriza, mas também retoma, contradiz um discurso já dito.

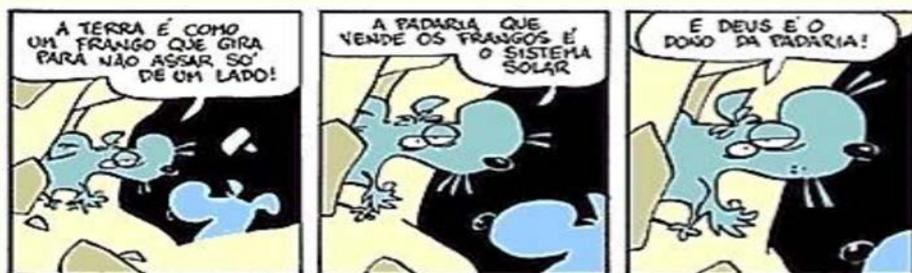
As conjunções são bastante utilizadas nessa tirinha, no que se refere à produção de sentidos. No terceiro quadrinho, tem-se a conjunção **POR ISSO**, que liga a oração anterior à oração seguinte, exprimindo uma ideia de consequência do que foi dito anteriormente. Desse modo, este elemento faz com que a ideia trabalhada na

oração anterior, não fique sem uma resposta, contribuindo para a coesão do texto.

A conjunção **SE**, presente logo em seguida, possui um caráter condicional, representando uma condição para que algo ocorra. Na tirinha em questão, ela representa a condição de que se Calvin voltasse para casa às três horas, ele poderia assistir televisão até às dez horas. Com isso, percebe-se que os sentidos vão sendo construídos e atualizados a partir do valor semântico que exerce cada conjunção, e não a partir de recursos linguísticos com sentidos fixos, dicionarizados.

O estudo dos conectores por fragmentos, ou seja, frases soltas, segundo Antunes (2014), oculta as sinalizações das relações que determinada parte do texto mantém com a outra. Sendo assim, o estudo normativo, pautado numa perspectiva classificatória, que busca apenas a definição, não revela as relações semânticas efetuadas pelo uso dos conectivos. Estes, por sua vez, podem possuir mais de um sentido e estabelecer mais de uma relação, em função de determinado contexto.

Imagem 3 - Tirinha Niquel Náusea



Fonte: <http://www2.uol.com.br/niquel/>

Nessa tirinha de Fernando Gonsales, temos Níquel Náusea, um rato que mora em um esgoto, conversando com o seu reflexo na água suja do local. Neste diálogo ele busca fazer uma comparação entre a terra e um frango de padaria, argumentando que esta, assim como um frango de padaria, gira constantemente para não assar só de um lado, exemplificando a partir do ambiente da padaria, o movimento de rotação feito pela terra, que ao girar leva o sol a todos os seus pontos. Observa-se, também, a comparação entre o dono da padaria e Deus, sendo eles, nos dois casos, os responsáveis por darem o movimento de rotação aos elementos.

O conectivo **COMO**, nesta tirinha, é o responsável pela função de ligar as orações estabelecendo um sentido comparativo entre elas, marcando a comparação feita entre a terra e um frango de padaria. Entretanto, nem sempre o **COMO** possuirá esse caráter comparativo, como fica perceptível na próxima tirinha.

#### Imagem 4 - Tirinha prisão



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/380413499766991595/>

Essa tirinha<sup>35</sup> faz parte de uma coletânea de tiras feita pelo site Depósito do Wes. Observa-se a partir da leitura da tirinha em questão, a condição de insegurança em que o personagem se encontra, sentindo-se como se estivesse em uma prisão. Este fato é ilustrado ao longo de toda a tirinha, que coloca o homem na realidade de uma cadeia. Porém, percebe-se a partir da mudança de cor do segundo quadrinho, que isso se trata de uma dimensão psicológica, que não acontece no mundo real, mas somente na mente dele. Esse balão amarelo representa a consciência da personagem, que suscita o fato de que este tinha as condições necessárias, a chave, para sair dessa situação. Entretanto, no terceiro quadrinho observa-se que o personagem não tem o desejo de mudar a sua condição, lançando fora a chave, que podia isto fazer.

Na forma verbal **"ESTOU"** tem-se implícito o pronome pessoal do caso reto **"EU"** indicando a primeira pessoa. A conjunção **COMO**, diferentemente da existente na tirinha anterior, não expressa um sentido comparativo, mas sim conformativo, expressando uma conformidade com o pensamento presente no primeiro quadrinho, quando o personagem expressa o fato de ele estar preso dentro de suas inseguranças. Além disso, a conjunção **COMO** cumpre a função de retomar o pensamento presente no quadrinho 1, contribuindo, deste modo, para a compreensão do sentido disposto.

Observa-se, então, que o sentido de um conectivo não poderá ser contido no mero âmbito da frase, pois é em função do contexto, que sua função semântica é revelada. Desse modo, o estudo dos recursos linguísticos

---

<sup>35</sup> Informações obtidas por meio da plataforma Google imagens Site: <https://br.pinterest.com/pin/380413499766991595/> Acesso em: 25 maio 2019.

deve ser feito numa dimensão contextualizada, ou seja, utilizando para fins de análises, o texto.

## Considerações finais

Ao longo de nossas discussões a respeito de um ensino gramatical diferente, que utiliza o texto como objeto de ensino, e não se limita a uma mera classificação de determinado elemento, propôs-se através de teóricos, como Antunes (2014), Possenti (1996), e entre outros chamar a atenção para um estudo gramatical que preza pelos sentidos que os recursos linguísticos agregam a determinado texto. Ensinar gramática não deve girar em torno de um sistema de definições. Mas vale saber a função que determinado elemento está desempenhando, do que como este é classificado. A classificação pode ser feita, mas não deve se restringir a isso, uma vez que não auxilia no processo de interpretação textual. Na hora de interpretar é o contexto que trará o sentido que cada elemento possui. Desse modo, se prender a regras gramaticais descontextualizadas não contribui para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, de fala, leitura e escrita.

Portanto, ao se pensar em gramática, a dimensão textual não pode ser desconsiderada, pois é a partir desta que de fato se revelam, por exemplo: as ligações de uma parte do texto com outra pelo uso dos conectivos, a retomada de algo que já foi dito com a utilização dos pronomes. Assim, é a partir do texto, que se percebe as funções semânticas dos recursos linguísticos.

## Referências

ANTUNES, Irandé. Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BERNARDO, Bruna Amaral; NAUJORKS, Jane da Costa. Texto: objeto de ensino para o aprendizado de língua portuguesa. Trabalho de conclusão de curso. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCCAPRESENTACAO.pdf> Acesso em: 01 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras do Brasil). Disponível em: [https://zellacoracao.files.wordpress.com/2009/03/porque-nao-ensinar\\_gramatica\\_escola.pdf](https://zellacoracao.files.wordpress.com/2009/03/porque-nao-ensinar_gramatica_escola.pdf). Acesso em: 29 abr. 2019.

RAMOS, P. A leitura das histórias em quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2009.

# SEQUÊNCIA DIDÁTICA: o poder persuasivo do texto publicitário

Ana Maria Alves da Silva, UFMA

Karina da Costa Araújo, UFMA

Naiara Amorim Pereira, UFMA

 trabalho com sequência didática tem se mostrado eficiente no ensino aprendizagem de gêneros textuais escritos ou orais, pois possibilitam ao professor um novo método de planejar o ensino, proporcionando novas experiências. Com a sequência didática todo o processo de ensino é organizado em etapas elaboradas para garantir um melhor desenvolvimento do ensino, muito bem interligadas, essas etapas garantem também uma maior organização do professor com relação ao conteúdo.

A sequência didática permite que o professor se organize de forma antecipada e leve para a sala de aula atividades organizadas de formas sistemáticas, visando o desenvolvimento das habilidades de cada aluno. Trabalhar com a sequência didática pode ser um dos caminhos mais eficazes para o desenvolvimento do conhecimento, sendo assim uma ferramenta importante no processo educativo.

No presente artigo, faremos a análise de alguns anúncios publicitários como forma de apontar para metodologias de ensino desse gênero em atividades de leitura crítica na Educação Básica - ensino médio -. Foram analisados dois textos: o primeiro sobre a cerveja

Antártica, e o segundo da lanchonete Burger king. Depois seguimos com uma proposta de ensino do gênero anúncio publicitário por meio de uma sequência didática.

Para elaboração da proposta de sequência didática, utilizamos, principalmente, o modelo de sequência de Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004), que propõem um modelo dividido em blocos capazes de possibilitar constantes avaliações do processo de ensino aprendizagem, proporcionando levar em consideração os conhecimentos prévios, e aqueles conhecimentos alcançados ao longo das atividades como ponto de partida para organização das atividades.

## Sequência didática como metodologia de ensino

O ensino planejado em sequência didática pode favorecer ao aluno positivamente, como dizem Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.53): “procuram favorecer a mudança e a produção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação”. Ou seja, o ensino dos gêneros por meio da sequência didática permite que o aluno tenha um maior domínio sobre suas características não apenas composicionais, mas também funcionais já que eles são trabalhados a partir de um contexto comunicativo e social, agregando diferentes atividades para alcançar determinados objetivos traçados previamente.

A sequência didática torna-se um método de eficiência na elaboração no planejamento do ensino, possibilitando ao professor trabalhar com os gêneros

textuais de maneira eficaz, como afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97): “uma sequência didática é o conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral e escrito Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98) ressaltam que “os módulos, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhes os instrumentos necessários para esse domínio, pois os problemas colocados pelos gêneros são trabalhados de maneira sistemática e profunda”. Pois é através dos módulos que a sequência didática é desenvolvida detalhadamente, fazendo com que o aluno se aproprie do conhecimento com mais facilidade.

Ainda de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) uma sequência didática se inicia como uma apresentação da situação na qual o aluno é levado a trabalhar dentro da situação proposta pelo professor, ocorrendo assim sua primeira produção. Deste modo o professor terá uma visão das dificuldades e capacidade de seus alunos com relação ao gênero apresentado dentro da situação inicial, o que auxilia a perceber como o aluno também é levado a desenvolver o conhecimento com relação ao gênero discutido.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98) ressaltam que a sequência didática é trabalhada por meio de módulos, segundo os autores “os módulos, são constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhes os instrumentos necessários para esse domínio, pois os problemas colocados pelos gêneros são trabalhados de maneira sistemática e profunda”. Pois é através dos módulos que a sequência didática é desenvolvida detalhadamente, fazendo com que o aluno se aproprie do conhecimento com mais facilidade.

Ainda segundo os autores, a sequência didática é finalizada com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos. Sendo assim, é na produção final que o aluno colocará em prática tudo o que aprendeu nos módulos.

Lopes-Rossi (2011), ao discutir a sequência didática, também a organiza em módulos. No primeiro módulo temos a leitura do gênero que será produzido, permitindo o conhecimento de suas propriedades discursivas, no segundo módulo temos o processo de produção escrita, ou seja, os alunos são organizados em grupos e serão conduzidos a sua primeira produção, apresentando no final para o professor e toda a classe. Serão necessárias algumas vezes atividades extras para o aluno se apropriar das informações, neste segundo módulo os textos produzidos passarão pelo processo de revisão e correção, para então chegar ao terceiro módulo, que será a divulgação ao público.

Segundo Lopes-Rossi (2011) o primeiro módulo vai ser para a leitura, conduzindo o aluno na discussão sobre o gênero, procurando entender suas condições tanto de circulação como produção, levantando também questionamentos acerca do mesmo. Tudo isso irá contribuir para o desenvolvimento de habilidades da leitura e prepará-lo para a produção da escrita.

Conforme Lopes-Rossi (2011), a produção favorece a relação entre os alunos, pois vai haver a troca de informações e o trabalho em conjunto. Chegando ao ponto de pedir aos envolvidos uma primeira exposição, durante a qual serão avaliados e conduzidos à revisão/correção. É nesse módulo que, após as leituras acerca do gênero a ser trabalhado, o aluno inicia a produção, e com

base no que o mesmo produz o professor faz uma primeira correção para assim observar pontos que o aluno precisa melhorar e obter uma versão final.

Ainda para Lopes (2011), o terceiro módulo vai ser de divulgação, levar a público suas criações tanto por meio de seminários como por exposição em sala, o aluno fará sua exposição de acordo com a circulação do gênero, no caso do anúncio publicitário, ele vai distribuir o anúncio ao seu público através de cartazes, ou pelas redes sociais, entre outros. Esse momento contribuirá para o desenvolvimento do aluno sobre o conhecimento de mundo.

## Concepções teóricas sobre gêneros textuais

Os gêneros textuais se dão de acordo com a situação do falante, ou seja, para quem ele quer direcionar sua fala, o objetivo e o momento da comunicação, por isso são ilimitados. Marcuschi (2002) concebe os gêneros textuais como elementos ilimitados, uma vez que existem incontáveis situações comunicativas que se realizam por meio dos gêneros, onde cada situação comunicativa é que determina qual gênero será utilizado. Conforme Bakhtin (2003), momento histórico determina a situação comunicativa, sendo os gêneros fenômenos sócio-históricos, ligados ao funcionamento da língua. Os gêneros são caracterizados pelas ações sociais que realizam em determinado contexto, em determinada época, sendo decorrentes das estruturas sociais. Desta forma, tanto sua produção quanto seu uso devem estar

ligados às situações sócio-comunicativas em que cada sujeito se encontra inserido.

Tanto os gêneros escritos quanto os orais se concretizam de acordo com a situação nas quais são materializados, assim Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97) ressaltam “quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação. Não escrevemos da mesma maneira quando redigimos uma carta de solicitação ou conto; não falamos da mesma maneira quando fazemos uma exposição diante de uma classe ou quando conversamos à mesa com amigos”. Assim, existe certa distinção entre os gêneros escritos e orais, ou seja, há uma variação entre a escrita e a fala.

Com alguns avanços da tecnologia novos gêneros vão surgindo, se adaptando aos meios comunicativos que cada indivíduo utiliza, nesta perspectiva, Marcuschi (2002, p. 09) ressalta que os gêneros “são eventos textuais bastantes maleáveis, dinâmicos e plásticos, e decorrem das necessidades e atividades socioculturais e das inovações tecnológicas”. Por serem eventos textuais flexíveis apresentam formas diferentes em determinados contextos sociocomunicativos, uma vez que as situações variam, dando assim possibilidades de evolução dos gêneros textuais de acordo com os avanços da sociedade. Hoje em dia já temos a existência dos gêneros digitais que surgiram provenientes dos gêneros textuais, por exemplo, o e-mail que é originário da carta.

Além dos gêneros textuais, existem também os tipos textuais, ambos apresentam diferenças, com relação a isso Marcuschi (2002, p.10) apresenta a distinção entre esses dois elementos. Sobre essa distinção o autor pontua:

*Os gêneros são “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilos e composição características” [...] já os tipos textuais constituem uma espécie teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) (MARCUSCHI, 2002, p. 10).*

Os tipos textuais ou tipologias têm relação com a estrutura do texto, dentro desta estrutura existem quatro tipos que se destacam: a narrativa, descrição, dissertação, injunção, cada uma com características diferentes. A narrativa tem a ver com contar história, com uma estrutura que envolve personagens, suas características, o espaço, tempo, o narrador ou foco narrativo (primeira ou terceira pessoa), enredo. Temos a descrição, que detalha situações, lugares, coisas ou pessoas, ela sempre está acompanhando outro tipo textual. Temos ainda a dissertação, que pode ser expositiva ou argumentativa; e ainda a injunção, que expressa ordem, exemplo, uma receita de bolo. Esse tipo textual tem como característica os verbos no imperativo.

Neste trabalho com os gêneros textuais se faz necessário ressaltar também a importância do texto multissemiótico, pois o mesmo trata-se de um gênero indispensável para colaborar no desenvolvimento da compreensão de leitura, sendo assim, Mauricéia (2012, p. 02) ressalta:

*Em uma sociedade do conhecimento, em que há uma multiplicidade de informações disponíveis aos leitores, os textos multissemióticos permitem representar imagetivamente uma informação, de modo que esse leitor tenha, além do texto verbal, recursos visuais que o auxiliarão na leitura e compreensão do conteúdo em questão. Assim, as imagens, as cores, os tipos de letras também são portadores de sentido e precisam ser lidos e interpretados; trazem informações que precisam ser inferidas. (MAURICÉIA, 2012, p. 02).*

Portanto, os textos multissemióticos podem ser muito ricos enquanto possibilidade de leitura crítica, de criação de estratégias que permitam comparar, relacionar, diferentes signos para construção de sentidos em um mesmo texto. O desenvolvimento de habilidades para a leitura desse tipo de texto tornará o aluno mais eficiente nas diversas situações de contato e leitura de textos não verbais.

## A linguagem da esfera publicitária

As imagens veiculadas nos anúncios publicitários chamam atenção pelo poder persuasivo, pela criatividade no uso da linguagem verbal e não verbal. Sobre o anúncio publicitário, Carvalho (2000, p. 16) afirma que “utiliza formas com elementos justapostos (mensagens escritas, fato do produto, slogan ou marca) para que possibilite a fácil compreensão da massa do consumidor”. A linguagem publicitária se apropria de elementos atraentes, criativos e multissemióticos, criando assim um jogo de palavras e

imagens que atraem o seu público alvo, despertando interesse.

Percebemos que a linguagem do anúncio publicitário tenta convencer o destinatário (cliente) a adquirir o produto, como Carvalho (2000, p. 17), ressalta:

*O discurso publicitário é uma ferramenta de controle social e, para bem realizar essa função, simula o igualitarismo, remove, da estrutura de superfície substituindo-os pela linguagem da sedução. Como a publicidade não tem autoridade para ordenar, o emissor utiliza e seduz o receptor, não deixa transparecer suas verdadeiras intenções e sentimentos.*

*(CARVALHO, 2000, p. 17)*

O anúncio publicitário através da sua linguagem persuasiva convence de forma atrativa, sem conflito, sem ordem, faz transparecer a igualdade, fazendo com que o produto anunciado alcance toda a massa consumidora. Carvalho (2000, p. 12) argumenta a favor de que “a publicidade adota uma lógica e uma linguagem própria nas quais a sedução e persuasão substituem a objetividade informativa”. A publicidade visa convencer o público leitor por meio de uma linguagem sedutora e implícita, que leva o destinatário a sentir desejo de consumir o que é anunciado, por isso a informação não é o seu ponto principal.

## Proposta de sequência didática sobre o gênero anúncio publicitário

No recorte feito para a presente pesquisa, em um primeiro momento apresentaremos vários textos pertencentes ao gênero anúncio publicitários. Os textos foram selecionados tendo em vista a idade dos alunos (alunos de ensino médio); o fato de ser o gênero anúncio sobre cerveja, um texto que traz muito conteúdo implícito, e uma valorização do jogo de imagens. Mostraremos a função do gênero, oferecendo aos alunos a possibilidade de lerem e ouvirem vários anúncios na televisão, *internet*, em revistas e jornais impressos. Esse gênero trabalha como a arte de tornar público, divulgar um fato ou ideia com interesses comerciais, despertando o desejo de compra, levando a ação.

Evidenciaremos que o anúncio envolve um conjunto de técnicas de ação coletiva com o propósito de tornar conhecido um produto, um serviço, uma marca, provendo assim, uma atividade comercial. A principal característica do anúncio publicitário é convencer o consumidor, para isso ele utiliza ferramentas como imagens, linguagens, elementos verbais e não verbais (cores e estilo), criatividade, textos curtos, persuasão, verbos no imperativo. Assim, chega-se à massa consumidora através da televisão, *internet*, panfletos, cartazes que se apresentam sempre de maneira atrativa, utilizando uma função conotativa por ter o intuito de convencer. Dentre os anúncios a serem lidos, destacamos o seguinte:

Figura 1 - Anúncio A



Fonte: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN\\_2009/PDF/Ana%20Paula%20Ferreira%20da%20Silva.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Ana%20Paula%20Ferreira%20da%20Silva.pdf)

A sigla (BOA)<sup>36</sup> significa Bebedores Oficiais de Antarctica. Remete ao adjetivo 'boa', que está relacionado a valores ideológicos positivos, não sendo uma simples escolha aleatória. No dicionário a palavra boa significa expressão designativa de aprovação, admiração ou ironia. A sigla relacionada com o adjetivo que qualifica o produto, como também a mulher exposta na imagem, leva a uma compreensão da figura feminina enquanto objeto de desejo sexual. O anúncio relaciona o produto vendido e a imagem da figura feminina ao público masculino.

Quando associamos o enunciado: "Junte-se a BOA" com a figura da mulher e a cerveja, temos uma ambiguidade, nos dá a sugestão de juntar-se a qual "boa"?, a mulher, ou ao clube de Bebedores Oficiais de

---

<sup>36</sup> <https://googleweblight.com/i?u=https://dicionario.priberam.org/boa&hl=pt-BR>

Antártica? Observamos aqui a importância dos multiletramentos, discutidos por Rojo, Barbosa (2015), para o sucesso de uma interpretação crítica por conta do aluno, pois como podemos constatar no anúncio acima, os aspectos multissemióticos, aliando comunicação verbal e não-verbal, são fundamentais para a construção dos sentidos. Santos e Costa (2020) ao falarem da relação do verbal com o extra verbal, esclarecem:

*É preciso um olhar que reconheça a natureza social da linguagem para organização de metodologias de ensino que vá além da forma da língua e da forma do gênero discursivo. Na estilística do gênero, os recursos gramaticais são selecionados a partir do contexto extraverbal, ou seja, as formas gramaticais também são formas de estilo. (SANTOS: COSTA, 2020, p.317)*

A mulher e a cerveja confundem-se, parecendo ser um só produto de consumo, ou seja, a imagem da mulher está associada à cerveja. Assim, a figura da mulher encontra-se muito presente em anúncios de empresas de cervejas para que o leitor venha a ter o desejo de consumo. Com isso, os principais elementos de poder de persuasão presentes no anúncio estão representados tanto na figura da mulher, como na sigla BOA.

Figura 2 - Anúncio B



Fonte: <http://expressoanalise critica.blogspot.com/2014/11/analise-de-anuncio-publicitario-burger.html>

Donis (2007) defende que as cores têm inúmeros significados associativos e simbólicos empregados de informação com um valor informativo específico, que se dá através dos significados a ela vinculados. Como percebemos nos produtos alimentícios da figura 2, temos a presença da cor vermelha, induzindo o desejo do consumidor a adquirir o produto que está sendo anunciado. Na imagem, a Burger King se apresenta como a principal rede, criticando assim suas concorrentes. Na frase "Quem nasceu pra ser big nunca vai ser KING", a empresa se autovaloriza e critica os produtos das demais empresas. Aqui existe um confronto direto com o Mcdonalds que tem como carro chefe o hambúrguer Big Mac. Essa ideia está expressa tanto no dito verbal, quanto na imagem: ao dizer que nasceu para ser "big" nunca será "rei", o anunciante se coloca numa posição superior a sua concorrente.

O ethos, ou seja, a imagem da empresa cria um veículo de confiança entre marca e consumidor. Enquanto a imagem dos alimentos saltando para fora temos a aproximação do produto com o cliente. O principal elemento de persuasão do anúncio da Burger King é o jogo das palavras que tendem passar uma boa imagem para o consumidor, tentando colocar assim seus produtos como uma perfeição, pois estabelece também um veículo de aproximação tanto pela cor, como pela frase e o ethos da empresa entre consumidor e produto.

O trabalho com os anúncios publicitários possibilita aos alunos uma autonomia no processo de leitura e produção textual, uma vez que desenvolve a capacidade crítica e reflexiva, capacitando-os a enxergar por trás dos elementos verbais e não verbais. Sendo assim, ao se trabalhar com as análises dos anúncios publicitários, incorporaram-se as práticas de linguagens tanto orais como escritas. Abaixo, propomos uma sequência didática sobre o gênero anúncio publicitário, em três módulos didáticos.

- Módulo didático: apropriação das características do gênero

No primeiro momento os alunos serão levados a conhecer as condições de produção e circulação do gênero discursivo. Deste modo, os mesmos entenderão sua organização textual. Lopes Rossi (2011, p. 74) ressalta que este momento é muito importante, uma vez que a partir dele os alunos levantarão vários questionamentos, tais como ressalta a autora: “quem escreveu esse gênero discursivo? Com que propósito? Onde? Quando? Como? Com base em que informação? Como o redator obtém

informações? Quem escreveu esse texto que estou lendo? Quem lê esse gênero? Por que o faz? Onde o encontra? [...]”. Deste modo, quando os alunos tiverem contato com o anúncio publicitário em sala de aula irão obter todas as informações que dizem respeito a esse gênero.

No segundo momento os alunos farão uma sequência de leitura de anúncios publicitários, o que levará os mesmos a conhecerem as relações dinâmicas da linguagem como o caráter histórico e social do gênero discursivo. As atividades de leitura são fundamentais para os alunos obterem informações que os levarão a estudar as características do gênero discutido em sala de aula, percebendo não apenas o texto verbal, mas todos os elementos não verbais presentes nos anúncios. No anúncio publicitário, por exemplo, os elementos não verbais têm o poder de convencer através da foto: as cores, o estilo, as letras e as imagens presentes. Neste primeiro módulo, as atividades de leitura segundo Lopes Rossi (2011, p. 75) são: “para o desenvolvimento de habilidades de leitura dos alunos e o preparar para a produção da escrita no sentido de dotá-lo dos conhecimentos, ainda que básicos, sobre o gênero”.

O terceiro momento será para desenvolver as habilidades de leitura, para prepará-los para a sua produção seguinte, que é a escrita. O aluno será induzido a desenvolver o que ele apropriou com a análise das imagens, serão conduzidos a produzir seus próprios anúncios.

- Módulo didático: produção da escrita

No primeiro momento os alunos serão organizados em pequenos grupos, com o objetivo de ocorrer a troca

de informações, o trabalho em conjunto e a interação. Para Lopes-Rossi (2011, p. 76) neste momento: “É necessário para manter a essência da proposta pedagógica, que a obtenção de informações necessárias ao texto por meio de diferentes anúncios, que serão interpretados, discutidos, analisados em seus aspectos temáticos, estilísticos e composicionais. Só depois de muitas atividades de leitura sobre anúncios é que os alunos terão condições de iniciarem uma atividade de produção textual.

No segundo momento temos a escrita, com as coletas de informações e troca de conhecimento dos alunos em meio ao grupo organizado no momento anterior, os alunos serão orientados a iniciarem a produção escrita de um anúncio, conforme as características dos textos lidos e analisados. Este momento tem como objetivo fazer com que os alunos produzam seus próprios anúncios publicitários, além de mostrar por onde esses anúncios vão circular, seja pelas redes sociais, televisão, ou através da exposição em alguma parede, por meio de folhetos ou cartazes. Lopes-Rossi (2011, p. 77) enfatiza que neste momento “o professor deve avaliar com a sala a viabilidade de certas produções, considerando as possibilidades de deslocamento dos alunos na cidade, as fontes de informação disponíveis, além do interesse do tema para o público-alvo”.

Com isso, o aluno juntamente com a ajuda do professor irá fazer algumas pesquisas importantes, buscando eliminar alguma possibilidade que não permita sua publicação. Neste momento o aluno decidirá qual será seu público, a proposta do anúncio, a imagem, a linguagem a ser trabalhada dentro do anúncio, qual método irão utilizar para chamar a atenção do consumidor

e assim darão início a suas produções. “[...]somente quando escrevemos com uma intenção, e tendo em mente um interlocutor que nos permite prever suas possíveis réplicas, somos capazes de adequar nosso discurso” (SANTOS, 2012, p, 253). No momento seguinte será a correção da primeira versão dos anúncios produzidos. É importante que essa correção seja coletiva, feita pelo professor, junto dos alunos, mas caso não seja possível ser feita em sala de aula com todos participando, faz-se necessário que o professor dê uma devolutiva das correções para os alunos.

O terceiro momento é destinado à revisão dos anúncios produzidos. Neste momento os alunos deverão fazer uma exposição para o professor e seus colegas, e posteriormente a isso corrigir os erros com auxílio do professor, buscando organizar o trabalho. Lopes-Rossi (2011, p. 77) ressalta que “não se pode esperar que a primeira versão do texto já esteja perfeita. A opinião dos colegas quanto ao conteúdo e organização geral do texto é desejável não apenas como contribuição à produção [...]”.

Então, é necessário que haja esse momento de correções, para que o anúncio esteja apto a ser divulgado ao público, com o auxílio dos alunos perante as correções é possível despertar neles uma visão crítica a respeito do gênero. Lopes Rossi (2011, p. 77) ainda ressalta que “essa etapa de correção dos textos pode permitir ao professor selecionar dificuldades gramaticais dos alunos”, sendo assim, esse momento de correções é muito importante, uma vez que por meio dele pode se perceber grandes dificuldades dos alunos e erros gramaticais, e com isso corrigi-los, para assim haver a produção final.

- Módulo didático: divulgação ao público

Neste último módulo, cada aluno irá expor seu anúncio em uma apresentação em forma de seminário, depois irá distribuir seu anúncio para seu público alvo, portanto, aquele que ele quer atingir com seu anúncio. Lopes-Rossi (2011, p. 78) vai enfatizar que ao final deste módulo didático “Sentimentos como emoção e orgulho encerram um processo que, certamente, contribuiu muito para o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos [...]”. Portanto, além de despertar um sentimento de orgulho e satisfação nos envolvidos em sua produção, todos terão obtido suas notas e a divulgação de seus trabalhos ao público, e terão ainda desenvolvido as habilidades necessárias para a produção deste gênero.

## Considerações finais

Percebemos ao longo da pesquisa a importância de um ensino voltado para formação de leitores críticos, capazes de lerem o que está além da materialidade linguística, além do que está linguisticamente dito. A análise feita dos anúncios revelou a importância da linguagem não verbal para a construção de sentidos no gênero anúncio publicitário.

Os textos analisados mostram a necessidade do desenvolvimento de estratégias adequadas para leitura de textos que envolvem imagens. Isso vai contra um ensino de língua materna restrito ao ensino descontextualizado, focado apenas nos recursos linguísticos. Destacamos a importância do uso das sequências didáticas para o ensino

da leitura e produção de textos na Educação Básica, como meio que possibilita a articulação dos quatro eixos do ensino de Língua materna: leitura, oralidade, análise linguística e produção textual.

Percebemos que por meio do ensino do gênero anúncio publicitário podemos contribuir para o desenvolvimento de habilidades linguísticas que permitem inferir sentidos, compreender o que não está dito explicitamente, mas que está dito na relação entre materialidade linguística e contexto extra-verbal. As pistas materializadas nos anúncios enquanto signo linguístico e linguagem não verbal são selecionadas de forma muito planejada para ativar conhecimentos de mundo, ou seja, conhecimentos compartilhados para atualização de sentidos com base no aspecto social. É característico do gênero anúncio publicitário ter um estilo de linguagem que brinca com as ideias implícitas deixando muitos dos sentidos a serem descobertos pelo leitor a partir da ativação de seus conhecimentos de mundo.

Outro aspecto importante a destacar é a riqueza da linguagem multissemiótica dos anúncios publicitários. Nesse gênero tudo tem voz, as cores, as imagens, o espaço onde tudo é colocado, as ausências, ou seja, se o aluno se preocupar em buscar os sentidos apenas na materialidade verbal, ou ainda no sentido literal das palavras, não terá tanto sucesso, pois muito do que contribui para a construção dos sentidos não está nos recursos linguísticos, mas sim em outras formas de linguagem, ou nos sentidos figurados daquilo que é dito.

## Referências

CARVALHO, Nelly de. Publicidade. A linguagem da sedução. São Paulo: Editora Ática, 2000.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GONÇALEZ, Márcia Cabaca. Publicidade e propaganda. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

KÖCHE, Vanilda Salton. Gêneros textuais: práticas de leitura escrita e análise linguística. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LOPES-ROSSI, M. A. G. (org.), Gêneros discursivos no ensino de literatura e produção de textos. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Bezerra, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. Gêneros textuais e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19- 36.

SANTOS, Eliane Pereira; COSTA, Maria Zuleide Silva. Sequência Didática do gênero anúncio publicitário: uma abordagem enunciativo-discursiva. Revista Linguagem em Foco Fortaleza, CE v. 12 n. 2, 2020, p. 314-322.

\_\_\_\_\_. Gêneros discursivos: uma abordagem dialógica da linguagem. Revista FSA - Teresina - nº 9, 2012, p. 243-259.

VIEIRA, Mauriceia Silva de Paula; FERREIRA, Helena Maria. A leitura de textos multissemióticos: novos desafios para velhos problemas. Anais do SIELP, Uberlândia, v. 2, n. 1, 2012. ISSN 2237-8758.

# BIOGRAFIA DOS AUTORES



ELAYNE CRISTINA DA SILVA: graduanda do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo. Atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto da Licenciatura

em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa (2018-2020). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Prática Docente de Línguas, Práticas de Linguagem e Memórias do Ensino de Espanhol no Maranhão (GEPFMEM), atuando, especialmente, na Linha de Pesquisa 1, intitulada "Práticas de Linguagem em Diferentes Contextos". Bolsista voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFMA) e bolsista do Programa Foco Acadêmico, vinculada ao plano de trabalho intitulado "O GÊNERO MEME: novas formas de leitura e produção textual na contemporaneidade".



**ALINE ROCHA DA SILVA:** graduanda do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa/ Campus São Bernardo, MA. Membro do Grupo Estudos e pesquisa Ensino e Formação de Professores/ Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu; Bolsista no Programa Institucional de Iniciação à Docência

- PIBID (2018- 2019) e bolsista no Programa Residência Pedagógica (2020-2021).



**ANA MARIA ALVES DA SILVA:** natural do estado do Maranhão, iniciou em 2017 graduação no Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão - Campus São Bernardo.



**CATARINA MARIA PEREIRA CARVALHO:** graduanda do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos-Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) campus de São Bernardo. Já participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Bolsista do programa Residência Pedagógica; e voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC); integrante do Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes (GEEPS).



ELIENAI CARVALHO COSTA OTÁVIO: graduando do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus São Bernardo. Atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID (2018 - 2020). Bolsista do Programa Residência

Pedagógica (2020 - 2021). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Prática Docente de línguas, Práticas de linguagem e Memória do Ensino de Espanhol no Maranhão (GEPFMEM) Linha III.



ISABELE DE SOUSA LIMA: Graduada do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) , campus São Bernardo. Participou como voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID (2018 -

2020). Integrante do Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes (GEEPS - UFMA), desenvolvendo pesquisas na

área da Análise do Discurso, linha dialógica e escrita acadêmica. Atuou como Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC / Fundação de Apoio à pesquisa no Maranhão - FAPEMA (2019 - 2021).



**KARINA DA COSTA ARAÚJO:** é graduanda do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão Campus São Bernardo. Atuou como bolsista no programa foco acadêmico no projeto intitulado “Dialogando na escola: em foco os temas que emergem da realidade”, em 2018.



**UBIRATAN DOS SANTOS GOMES PEREIRA JUNIOR:** graduando do curso de Linguagens e Códigos/ Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão, campus São Bernardo. Participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID (2018/2019).



**NAIARA AMORIM PEREIRA,** maranhense nascida em 2000, ingressou em 2017 no curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão, no Campus São Bernardo. Atuou como bolsista no programa Foco

Acadêmico entre os anos de 2018 e 2019, no projeto intitulado: Expressões Culturais das Regiões do Baixo Parnaíba, desenvolvendo atividades voltadas para educação básica.



NAZARENO DA SILVA SANTOS, piauiense nascido em 1999, é graduando do Curso em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus São Bernardo. Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID (2018 - 2020).

Bolsista do Programa Residência Pedagógica (2020 - 2021).



SANDYNARIA DOS SANTOS NEVES é graduanda do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus São Bernardo. Bolsista do Programa Residência Pedagógica (2020 - 2021).



MARCOS ANTONIO SOUZA BRANDÃO: graduando no curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo.



MICHELLE SILVA DE OLIVEIRA - Graduada em Língua Portuguesa pela UFMA/SB, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Ensino e Formação de Professores (GEPEFoP) Laboratório de pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu / LaPesB. Atuou como Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID - (2018-2019). Bolsista no Programa Residência Pedagógica.



JONNATHAN FERREIRA DE SOUSA: Graduando do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo. Atuou como bolsista no programa Foco Acadêmico entre os anos de (2019 - 2020), no Projeto Intitulado: Gênero Digital Notícia Online como Objeto de Ensino. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Prática Docente de Línguas, Práticas de Linguagem e Memórias do Ensino de Espanhol

no Maranhão (GEPFEMEM), atuando, especialmente, na linha de pesquisa 1, intitulada “Práticas de Linguagens em Diferentes Contextos”. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC - UFMA) Vinculado ao plano de trabalho intitulado “O GÊNERO NOTÍCIA ONLINE: Estratégias de Leituras no Ensino Médio.



**MATHEUS DE SOUSA CIQUEIRA:** graduando do curso de Linguagens e Códigos/ Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campos São Bernardo. Atualmente, graduando em Gestão Financeira pelo Centro Universitário de Maringá - RP.



**GABRIEL DOS SANTOS CARNEIRO:** graduando do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus São Bernardo.



**BEATRIZ COUTINHO DA SILVA:** graduanda do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo.



FRANCISCA DAS CHAGAS PEREIRA FELIX: graduanda do curso de Licenciatura em linguagens e Códigos- Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus São Bernardo. Atuou como bolsista no Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID) - 2018 / 2020.

Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Prática Docente de Línguas, Práticas de Linguagem e Memórias de Ensino de Espanhol no Maranhão (GEPFMEM), atuando na Linha de pesquisa 1, intitulada "Práticas de Linguagem em Diferentes Contextos". Bolsista no Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID (2018- 2019) e bolsista no Programa Residência Pedagógica (2020-2021).



JOÃO BATISTA DE ARAUJO CARVALHO é graduando do Curso de Licenciatura em Linguagem e Códigos - LP pela UFMA/SB. Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID (2018 -2019). Bolsista do Programa Residência Pedagógica (2020 - 2021).



HEFRAIM DA SILVA COSTA:  
Licenciando do Curso de  
Linguagens e Códigos da  
Universidade Federal do Maranhão  
(UFMA), membro do Grupo de  
Estudo, Escrita e Produção de  
Saberes (GEEPS-UFMA) e do Grupo  
de Pesquisa em Estudos do Texto e  
do Discurso (GETED), da  
Universidade Federal do Rio Grande

do Norte (UFRN), participou como bolsista voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com tema de pesquisa: Filiação teórica e produção científica: Análise dos Periódicos Maranhense, tendo a pesquisa concluída e finalizada . Atualmente pesquisa sobre o sentido de filiação na escrita acadêmica, em periódicos de letras Maranhenses online.



GABRIELE DA SILVA ALVES:  
Graduanda do Curso de  
Licenciatura em Linguagens e  
Códigos/ Língua Portuguesa pela  
Universidade Federal do Maranhão  
(UFMA), Campus São Bernardo.  
Participou como voluntária do  
Programa Institucional de Bolsas de  
Iniciação à Docência-PIBID

(2018-2020). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Ensino, Formação de Professores (GEPEFoP/Laboratório de Pesquisa Pierre Bourdieu - UFMA) ministrado pela prof. Dr<sup>o</sup> Rachel Tavares de Moraes. Bolsista do Programa Residência Pedagógica - RP/ Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (2020-2021).



GUILHERME SILVA BRAGA: graduando pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Campus São Bernardo, Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa. Bolsista do Programa Residência Pedagógica - RP/ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -

CAPES (2020-2021).



ANA BEATRIZ GOMES: Graduada do curso interdisciplinar de Licenciatura Plena em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus São Bernardo. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Ensino e Formação de Professores: Laboratório de Pesquisa Sociológica Pierre

Bourdieu. (GEPEFoP, LaPesB). Bolsista do Programa Residência Pedagógica - (2020-2021). Bolsista voluntária do PIBIC, do grupo de pesquisa "Cinema no Espaço Educacional: leitura audiovisual e produção de sentido".



PAMELA RAYSSA SILVA PINHO: graduanda do curso de Licenciatura em linguagens e Códigos- Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no campus São Bernardo. Atuou como bolsista no Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID) - 2018 / 2020. Integrante do

Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Prática Docente de Línguas, Práticas de Linguagem e Memórias de Ensino de Espanhol no Maranhão (GEPFMEM), atuando na Linha de pesquisa 1, intitulada "Práticas de Linguagem em Diferentes Contextos". Bolsista no Programa de Residência Pedagógica (UFMA).



RAPHAEL WILLYAMS SILVA DO NASCIMENTO: graduando do curso de Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus São Bernardo. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Ensino e Formação de Professores/ Laboratório de Pesquisas

Sociológicas Pierre Bourdieu. Bolsista no Programa de Residência Pedagógica (2020 - 2021).



ELIANE PEREIRA DOS SANTOS: professora adjunta do Curso Interdisciplinar de Linguagens e Códigos/ Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus São Bernardo. Possui mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Piauí e Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Líder 2 do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Prática Docente de Línguas, Práticas de Linguagem e Memórias de Ensino de Espanhol no Maranhão (GEPFMEM).



MARIA FRANCISCA DA SILVA: professora da Universidade Federal do Maranhão - UFMA com Mestrado (2012) e Doutorado (2017) no Curso Letras Neolatinas Espanhol da UFRJ, com foco nos Estudos Linguísticos em Língua Espanhola. Possui graduação em Letras/Espanhol pela Universidade Federal de Roraima - UFRR (2003), Pós-Graduada em Literatura - Língua Portuguesa e Gestão do Trabalho Pedagógico pela UNINTER (2005). Atuou como Analista Educacional da Secretaria de Educação Cultura e Desportos do Governo do Estado de Roraima e Prof.<sup>a</sup> do Ensino Fundamental e Médio nas disciplinas Espanhol, Língua Portuguesa e Iniciação Científica (até 2013). Ministrou disciplinas e elaborou materiais didáticos nos cursos de Letras e Literaturas Hispânicas do Instituto

Federal de Ciências e Tecnologia de Roraima - IFRR, nos programas de formação de professores PARFOR e EAD, em regime de seletivo. Coordena: o Curso de Linguagens e Códigos Língua Portuguesa- UFMA, no Centro de Ciências de São Bernardo-MA; Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Prática Docente de Línguas, Práticas de Linguagem e Memórias do Ensino de Espanhol no Maranhão juntamente com a profa. Dra. Eliane Pereira dos Santos, participa em parceria do Grupo GEEPS com a profa. Katia Cilene França. É presidente da Associação de Professores de Espanhol no Maranhão - APEEMA e participa da Comissão #FicaEspanholBrasil.



Paula Molinari é artista-pesquisa-educadora na UFMA - Universidade Federal do Maranhão, pós-doutora em música pela UNESP e, atualmente, pesquisadora na Universidade Rennes 2 - França. Sua principal área de atuação é a voz, lugar de onde emerge sua constante busca sobre dimensões do processo criativo. Fortemente

influenciada pelo trabalho do alemão Alfred Wolfsohn é, também, Roy Hart Voice Teacher, titulada pelo Centre Artistique International Roy Hart (França). É membro fundadora do Latin Theatre International Wolfsohn e Hart Voice Work (America Latina) e também do Abraxas Voice Institute (EUA). Já desenvolveu trabalhos artísticos e acadêmicos no Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Costa Rica, Estados Unidos, França, Inglaterra, Espanha, Portugal e Bélgica. Dedicar-se à Arte Sonora Ambiental e à disseminação da Artistic Research, na atualidade.

Coordena o Laboratório Ateliê de Pesquisa Artística, lidera o Grupo de Pesquisa Todos os Sons - UFMA, do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos-Música, integra o G-PEM - Grupo de Pesquisa em Educação Musical G-PEM/IA/UNESP, o OLPA - Observatório Latino-Americano de Pesquisa Artística, coordena o LAPA - Laboratório Ateliê de Pesquisa Artística-UFMA e a Escola de Pesquisa Artística - UFMA.